

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião

Ana Paula Nogueira Couceiro

Santos/as de cemitério e protagonismo feminino: estudo de caso de
Maria Féa e Menino Onofre na cidade de Santos-SP

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo

2024

Ana Paula Nogueira Couceiro

Santos/as de cemitério e protagonismo feminino: estudo de caso de
Maria Féa e Menino Onofre

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez.

São Paulo

2024

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

E-mail: _____

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Número do Processo: 88887.369239/2019-00

Período: ago. 2019 - dez. 2020

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Este trabalho teve apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP).

AGRADECIMENTOS

Às entrevistadas, por tudo;

aos meus pais, Valdir Cavallar Couceiro e Maria Amorim Nogueira Couceiro, as minhas tias, Neide Cavallar Couceiro e Lídia Cavallar Couceiro, e a meu primo, Carlos Murilo de Melo (*In memoriam*), todos/as estão vivos/as em mim;

ao meu orientador, Wagner Lopes Sanchez, pela enorme paciência para comigo, um verdadeiro pai;

a minha filha, Cecília Couceiro Leite, e a minha irmã, Ana Raquel Nogueira Couceiro, pelo apoio e pelo incentivo sempre;

as minhas antigas orientadoras, Maria Ângela Vilhena, a Fernanda Montenegro da Ciência da Religião, e Ieda Maria Alves, por ensinarem-me a definição de amor e de dedicação à pesquisa;

aos/às professores/as do curso de Especialização e Mestrado em Ciência da Religião, por mostrarem-me a paixão pela área;

às professoras Andreia Kelly Marques, Rosângela Casagrande e Sheyla Dantas, por informarem-me da existência do curso na PUC-SP e incentivarem-me a entrar na área de Ciência da Religião;

à amiga Rosângela Dias da Ressurreição, por não medir esforços para me ajudar;

a minha Mãe de Santo, Priscila Monteiro, e ao pai Daiimon Ruas, pelo carinho, pela ajuda e pela paciência para com a minha pessoa;

a minha professora de dança do ventre, Hayla Al Salan, a Mohamed Hassan e a toda família Al Salan, por ouvirem, pacientemente, sobre todas as etapas da minha dissertação;

às grandes amigas, Cristiane Grando e Shirley Castilho, e a minha prima, Elisabete de Melo Barros, pela assessoria em assuntos pertinentes, impertinentes e aleatórios à dissertação;

ao Pierre e a Mumu, meus filhos de 4 patas, pelo amor incondicional.

Muitíssimo obrigada!

Resumo

O catolicismo popular reúne manifestações religiosas que fazem parte do cotidiano dos/as brasileiros/as desde a era colonial. É fruto da miscigenação dos povos envolvidos no processo de colonização do Brasil: os povos originários, com suas práticas ligadas à comunicação entre vivos/as e mortos/a; o/a branco/a europeu/eia, com seu catolicismo e suas crenças pagãs, resquícios de práticas existentes na Península Ibérica; e o/a negro/a escravizado/a, com tradição em crenças anímicas. Esta dissertação aborda a devoção aos/às santos/as de cemitério, como uma manifestação do catolicismo popular, em Santos-SP. Na medida em que o catolicismo popular não tem especialistas religiosos e se organiza ao redor de devoções populares, o presente estudo procura preencher uma lacuna na área da Ciência da Religião a respeito desse tema. A pesquisa se estrutura em uma revisão bibliográfica, seguida por entrevistas. Doze mulheres, em sua maioria pertencentes a classes baixas e com idade superior a 35 anos, foram entrevistadas e comentaram sua relação de confiança e de troca simbólica com Maria Féa e Menino Onofre, demonstrando a influência do protagonismo feminino nesse campo. A partir dos depoimentos coletados, constatou-se que as pessoas não esperam, apenas, pela interseção do/a santo/a, mas agem ativamente para a concretização de seus objetivos. Outro aspecto identificado foi a divulgação pela Internet, por meio de artigos e vídeos, da manifestação de devoção aos/às santos/as de cemitério Maria Féa e Menino Onofre, até mesmo com a participação de uma devota, fazendo com que o culto seja conhecido e perpetuado pelas futuras gerações.

Palavras-chave: Santos/as de cemitério; ex-votos; catolicismo popular; campo religioso; troca simbólica.

Abstract

Popular Catholicism has been integral to Brazilian life since the colonial era, emerging from the cultural intermingling of the groups involved in Brazil's colonization: the indigenous peoples with their practices of communication between the living and the dead; the European colonizers with their Catholicism and residual pagan beliefs from Iberian Peninsula; and the enslaved Africans with their traditions of spiritual beliefs. This dissertation examines the devotion to cemetery saints as an expression of popular Catholicism in Santos, a coastal city in São Paulo. As Popular Catholicism lacks religious experts and is organized around popular devotions, the present study addresses a gap in the field of Religious Studies concerning this topic. The research is structured in a literature review, followed by interviews. Twelve women, primarily from lower socioeconomic backgrounds and over the age of 35, were interviewed. They shared their relationships of trust and symbolic exchange with Maria Féa and Menino Onofre, two cemetery saints, highlighting the significant role of female agency in this religious practice. The testimonies revealed that devotees do not merely await the saints' intervention but actively engage in efforts to achieve their goals. Additionally, the study identified the use of the Internet to disseminate devotion to these cemetery saints through articles and videos, including contributions from a devotee, which aids in the spread and perpetuation of their cult.

Key words: Cemetery saints; vows; Popular Catholicism; religious area; symbolic exchange.

Lista de gráficos

Gráfico 1: População de Santos por religião, segundo o Censo IBGE (2010).....	11
Gráfico 2: Localização dos principais cemitérios de Santos-SP	33

Lista de figuras

Figura 1: Cemitério da Filosofia, entrada Rua Ludo Vina, s/nº	35
Figura 2: Cemitério da Filosofia, entrada Av. Martins Fontes	35
Figura 3: Cemitério da Areia Branca, entrada Av. N. Senhora de Fátima, s/nº	37
Figura 4: Cemitério da Areia Branca, entrada secundária Av. N. Senhora de Fátima, s/nº	37
Figura 5: Cemitério da Areia Branca – consequências das chuvas de nov. 2018	39
Figura 6: Ex-voto presente na campa de Maria Féa.	43
Figura 7: Oração a Maria Féa	52
Figura 8: Sepultura de Onofre Gonçalves	53
Figura 9: Sepultura do Menino Onofre.....	64
Figura 10: Interior da capela de Maria Féa.....	64
Figura 11: Ex-voto em agradecimento pela entrada no curso de medicina.....	73
Figura 12: Praia do Gonzaga - Mães de Maio fazem protesto em virtude dos assassinatos ocorridos em 2006	92
Figura 13: Câmara Municipal de Osasco – devota é homenageada devido à luta contra a violência do Estado.....	93
Figura 14: Ex-voto em agradecimento ao Menino Onofre por graça alcançada	101
Figura 15: Divulgação de culto em razão do Dia da Memória dos Transgêneros na Paróquia Anglicana de Santos	102

Sumário

Introdução.....	1
CAPÍTULO I. O campo religioso popular brasileiro e os/as santos/as de cemitério	10
1.1 O catolicismo popular no seio do campo religioso popular brasileiro.....	10
1.2 Considerações do catolicismo oficial sobre os/as santos/as de cemitério.....	26
CAPÍTULO II. Arqueologia do culto aos/às santos/as de cemitério.....	29
2.1 Dados históricos e geográficos	30
2.2 Uma breve história dos Santos Maria Féa e Menino Onofre.....	39
2.2.1 Maria Mercedes Féa.....	43
2.2.2 Menino Onofre	53
CAPÍTULO III. Atuação das devotas no campo religioso e no campo social	57
3.1 As devotas no campo religioso	58
3.2 O protagonismo feminino no campo social	82
Conclusão	106
Anexos	109
Anexo 1	110
Anexo 2.....	111
Anexo 3.....	112
Referências bibliográficas	131

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema os chamados santos/as de cemitério, aos quais são atribuídos qualidades e propriedades milagrosas. As motivações para abordar um tema tão instigante e enriquecedor não surgiram aleatoriamente. Numa conversa durante uma reunião pedagógica, na escola onde trabalhei em 2016, três professoras sugeriram que pesquisasse a respeito do curso de Especialização em Ciência da Religião na PUC-SP, naquele mesmo ano. Levada pela curiosidade, resolvi fazer o curso e reconheço que foi uma decisão pessoal extremamente benéfica, pois ampliou minha visão de mundo – sobretudo, sobre as religiões –, que, até aquele momento, era muito idealizada.

Todas as disciplinas foram muito proveitosas, ministradas por docentes comprometidos com o conteúdo e com o desenvolvimento de cada aluno/a. No entanto, três professoras foram mais relevantes em minha formação – são elas: Maria Ângela Vilhena, Valeska Freman B. Freitas Silveira e Andrea Gomes Bedin. A disciplina “Temas Transversais da Ciência da Religião”, ministrada por Vilhena, foi decisiva para que estabelecesse objetivos mais concretos e relevantes na minha vida pessoal e profissional. Ao tratar sobre o catolicismo popular, entre tantas modalidades de manifestações, como festas e procissões, em todo território nacional, abordou a devoção popular a Antoninho da Rocha Marmo, a Bento do Portão, à Menina Izildinha, entre outros/as, todos santos/as de cemitério. Nas indicações de leitura, percebi o quanto as mazelas se fizeram presentes no cotidiano dessas pessoas; além disso, notei o quanto problemáticas semelhantes ainda fazem parte do dia a dia dos/as seus/suas devotos/as.

As outras duas docentes utilizaram diversificadas estratégias de ensino em suas matérias, “Temas, Debates e Abordagens do Ensino Religioso” e “História da Arte Religiosa”, uma delas, em conjunto. Nesta, a tarefa proposta foi uma pesquisa de campo no Museu de Arte Sacra de São Paulo e na Mesquita Brasil. Quando concluímos a visita a esses locais, aproveitando o momento propício aos estudos, elas me incentivaram a

entrar no Cemitério da Consolação para que observasse os túmulos do menino Antoninho e de Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, e, caso encontrasse devotos/as, sugeriram que eu observasse como essas pessoas agiam diante daqueles locais sagrados, contrastando com textos escritos, indicados ou redigidos por Vilhena. A experiência foi fascinante, pois descobri que cemitérios são locais de histórias de vida. A partir dessa primeira descoberta, a segunda motivação surgiu do fato de morar em Santos-SP e tomar conhecimento da existência de semelhantes práticas devocionais aos/às santos/as de cemitério. A justificativa para essa dissertação deriva da escassez de trabalhos sobre o tema, sobretudo em relação aos/às santos/as de cemitério da região da Baixada Santista, no âmbito da Ciência da Religião.

Em visitas aos cemitérios de Santos, observou-se que, seja em datas especiais, como Dia das Mães ou Finados, como em dias normais, a presença de mulheres é marcante – sobretudo nos túmulos de pessoas mortas, reverenciadas como santos/as. Esse aspecto é de relevância social, pois tanto em observações nos locais, como na revisão bibliográfica, percebe-se que as mulheres são as maiores responsáveis pela continuidade ao culto. Essa característica está presente especialmente nos livros “Fantasmas falados”: mitos e mortos no campo religioso brasileiro, de Oscar Calavia Sáez, e “Milagreiros”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978), de Michele Ferreira Maia, baseados em santos/as de outras localidades, e na divulgação de vídeos no YouTube sobre a biografia de cada santo/a de cemitério, manifestados em suas campas em Santos, assim como em diversas regiões do Brasil.

A pesquisa a respeito da devoção aos/às santos/as de cemitério, nas necrópoles em Santos, é importante porque, até o momento, desconhecem-se sobre esse tema artigos, dissertações e teses na área de Ciências da Religião. Essas manifestações populares poderiam ser melhor estudadas e integrar o variado rol de atrações que já possui a cidade de Santos – conhecida por possuir o maior jardim à beira-mar do mundo, segundo o Guinness Book, com 5 km de extensão; o maior porto do Brasil, com 15.960

metros em extensão e área útil total de 7,8 milhões de metros quadrados; o segundo maior quilombo do Brasil, o do Jabaquara, menor apenas que o Quilombo dos Palmares, no estado de Alagoas; e ser a sede do Santos Futebol Clube, time bicampeão mundial, onde Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, fez fama como jogador de futebol.

Observa-se, no município, que as diversas manifestações do catolicismo não oficial, como a devoção a seus/suas santinhos/as de cemitério, tiveram um grau de devoção muito resiliente, que atravessou gerações. Tais manifestações sobreviveram ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, com a transmissão de missas e cultos diariamente pela televisão; ao advento da internet, que trouxe à baila uma religiosidade virtual; e à disputa no campo religioso brasileiro, devido principalmente ao crescimento das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais na Baixada Santista.

O presente trabalho foi dividido em duas etapas, iniciando-se por uma revisão bibliográfica, seguida por entrevistas. Para delimitar o objeto a ser estudado, foi preciso observar o estado da arte. Na área de História, as três obras que mais se aproximam do tema desta dissertação, no que tange a fontes orais, são: “Milagreira Cigana Sebinca Christo”: sublimação no catolicismo não oficial brasileiro, de Lourival Andrade Júnior; “Milagreiros”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978), de Michelle Ferreira Maia; e a tese “Santinhas do Itacorubi”: história e memória das milagreiras do cemitério São Francisco de Assis/Itacorubi, de Julia Massucheti Tomasi. A primeira, baseada em fontes orais (com devotos/as e familiares da cigana) e escritas, trata da devoção à cigana Sebinca Christo, sepultada no cemitério Cruz das Almas, em Lages-SC, apontando diferenças e semelhanças entre as crenças de devotos/as e de ciganos/as. Por seu turno, a obra de Maia aborda, a partir de fontes orais e escritas, a “fabricação” da devoção aos/às santos/as canonizados/as pelo povo com três exemplos: Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, em Crateús-CE; Isabel Maria da Conceição, em Guaraciaba do Norte-CE; e João Ferreira Gomes, o João das Pedras, em São Benedito-CE. Por fim,

Massucheti Tomasi procura analisar e compreender a devoção a Vida Machado e às irmãs Rosemary Furtado Koerich e Jane Furtado Koerich, todas sepultadas no cemitério São Francisco de Assis/Itacorubi, em Florianópolis-SC, através de textos jornalísticos e psicografados, além de depoimentos orais de fiéis. Vale lembrar que existem artigos científicos sobre outros/as santos/as de cemitério, porém não, detalhadamente, abordando a participação de devotos/as.

Há outras referências bibliográficas, nas áreas da Antropologia, Sociologia ou da Comunicação Social, sobre o catolicismo popular, mostrando suas diferentes manifestações, entre elas o culto aos santos/as de cemitério. No entanto, como a Ciência da Religião é uma área multifacetada, inexistem obstáculos que impeçam a presença de conceitos de diferentes disciplinas nas pesquisas nessa área, inclusive em diferentes gêneros textuais. Em Ciência da Religião, por sua vez, há o livro de Maria Ângela Vilhena, intitulado “Salvação Solidária”: o culto às almas à luz da teologia das religiões. Essa obra é a pesquisa de livre-docência da autora, que tratou, em sua primeira parte, da relação entre a devoção a Francisco José das Chagas, mais conhecido como Chaguinhas, na Capela Nossa Senhora dos Aflitos, e às almas, no velário da Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados, ambas em São Paulo-SP, e os depoimentos dos fiéis.

Ainda em se tratando do estado da arte, em relação a santos/as de cemitério sepultados em Santos, há a dissertação de Lilian de Jesus Assumpção Mello, “‘Santa’ Maria Féa e o culto popular”: análise da divulgação de milagres pela mídia impressa local, que trata como a devoção é divulgada, tanto no meio jornalístico impresso, como através de ex-votos. Sobre a biografia dos santos/as de cemitério da cidade, há também textos jornalísticos, tanto divulgados na mídia impressa como na virtual, livros de diferentes autores, além de vídeos de diversos canais no YouTube e no Instagram, não só voltados para pesquisadores/as, mas também, em especial, para o público em geral.

A segunda etapa foi feita a partir de entrevistas. O objeto de estudo são os depoimentos de doze mulheres, escolhidas de modo aleatório, a partir de conversas com

amigos/as e grupos das redes sociais WhatsApp e Facebook, forma escolhida de contato devido ao isolamento social imposto pelo período da pandemia de Covid-19. Esses relatos abordam como as devotas fazem ou fizeram seus contratos simbólicos com Maria Féa e Menino Onofre, e as implicações dessa atitude em seus cotidianos. Vale lembrar que essas ações não surgiram na contemporaneidade, estando presente desde as primeiras civilizações, como no Egito Antigo, passando pelo cristianismo primitivo, quando o culto aos mortos/as, como milagreiros/as, ocorria diante de tumbas.

Maria Fea, sepultada na Filosofia, e Menino Onofre, na Areia Branca, foram os mais citados, permanecendo assim, como um critério de escolha para o estudo dessa dissertação. O Cemitério da Filosofia foi inaugurado em 1892 e localiza-se na praça Rui Lugo Vina, s/nº, no sopé do Morro do Saboó. Maria Fea e as meninas Jandaia Sousa Marques, Nayla Mazzitelli de Almeida e Tamires Paulino Antônio de Matos são as santas desse cemitério. Em 1953, é fundado o Cemitério da Areia Branca, situado na avenida Nossa Senhora de Fátima, s/nº, no bairro de mesmo nome. Nele quatro “anjos” são largamente cultuados: Condília Maria Rosa dos Santos, falecida em 1968, Dulcineia de Souza, sepultada em 1971, Onofre Gonçalves, em 1956, e Fabiano Ferreira dos Santos, morto em 1989. Em Santos, os dois cemitérios pesquisados estão localizados em áreas carentes, não muito distantes do porto e há muitas campas em péssimo estado de conservação, devido as intempéries do clima, do vandalismo e de constantes furtos. As mulheres são personagens presentes nessas localidades, porém os fatores citados dificultam a frequência nos cemitérios. No entanto, sob outro prisma, para manter sua devoção e, conseqüentemente, a divulgação dos santos/as do cemitério, continuam recorrendo à propaganda boca a boca, à participação em vídeos publicados na internet e, também, por ex-votos, muitas vezes, revelando o quanto algumas políticas públicas são falhas.

A etapa das entrevistas foi a mais trabalhosa, devido à duração do Mestrado e a problemas vivenciados por mim durante o esse período, mas, por outro lado, a mais

prazerosa, pois senti-me mais próxima de argumentos utilizados na revisão bibliográfica. Participar das aulas, mesmo que *online*, e redigir a dissertação de Mestrado foram aspectos que me mostraram o quanto a área é intrigante, apaixonante e vasta no campo da pesquisa. Além disso, é algo relevante para meu crescimento pessoal e profissional, pois é mais um motivador para continuar vivendo.

Dada a amplitude da temática, foram necessários recortes. Em primeiro lugar, este culto será restrito àquele que acontece em cemitérios municipais onde estão sepultados os corpos de pessoas tidas como propiciadoras de graças e favores a quem a elas recorrem. Essas práticas estão inseridas no multiforme contexto de crenças que pressupõem relações entre vivos e mortos. Grosso modo, quando pedidos, preces e oferendas feitas pelos/as vivos/as a mortos/as considerados/as propícios/as e benfazejos/as, são entendidos pelos/as suplicantes como sendo acolhidos e retribuídos por aqueles/as. É comum que esses fatos sejam relatados e publicizados, de tal sorte que outras pessoas os tenham como verídicos e a eles/elas recorram, quando julgarem necessários. Desta maneira, não raramente, aumentando o círculo de pessoas que recorrem e julgam receber os favores pedidos, instala-se a convicção da obtenção de milagres e graças, tal como acontece com os santos canonizados pela Igreja Católica.

O processo de canonização pela Igreja Católica implica, além de reconhecidos milagres comprovados por especialistas – entre os quais se incluem profissionais da área das Ciências Médicas –, a convocação de historiadores e teólogos, aos quais cabe apresentar provas de vida virtuosa e exemplar, conforme os preceitos e a doutrina cristã católica. Trata-se de um processo longo, demorado e, absurdamente, caro que implica passos lentos e difíceis. Ele açambarca a proclamação oficial de determinada postulação de santidade, assim como os momentos percorridos em que a Igreja reconhece que determinada pessoa, a quem se postula a santidade, seja considerada “venerável”, “beata” e “santa”, podendo então ser cultuada por toda a Igreja Católica.

Já para os chamados “santos populares”, esses requisitos são dispensáveis

porque esses santos/as são considerados/as dessa forma pelos/as próprios/as devoto/as, sem a necessidade de reconhecimento oficial e, por isso, seu culto acontece às margens da igreja oficial. Integram eles o amplo, plural, multifacetado e heteróclito espectro da chamada “religiosidade popular” ou “religião do povo”. Devido ao grande movimento migratório que ocorreu na história do Brasil, essa “religião” sofreu muitas influências, como as dos povos originários, dos/as negros/as escravizados/as e dos/as brancos/as europeus/eias, em grande número formado por degredados/as, entre eles/as acusados/as de bruxaria, de feitiçaria, de sodomia entre praticantes de outros atos, considerados delitos, além de ciganos/as, aventureiros e cristãos/ãs novos/as, durante o Brasil Colônia; assim, o catolicismo popular possui uma cor local, diferenciando-se de outras ao redor do mundo.

Um estudo sobre a mulher, situando-a como aquela que dá continuidade à devoção aos santos/as do cemitério, tem uma relevância social, na medida em que visibiliza a quantidade de mulheres presente em elevado número nos cemitérios, como divulgadoras e mantenedoras do culto aos/às santos/as do cemitério, assim como em outras denominações religiosas, num posicionamento ativo na busca por soluções de problemas de diferentes naturezas, como problemas familiares, saúde precária e falta de emprego, ou para agradecer uma graça alcançada – uma ajuda que, talvez, em seu imaginário, exerça uma “força transcendental” capaz de transpor a ciência e as políticas públicas, dadas que elas, atualmente, não são suficientes. Vale salientar, também, que pertencem às camadas populares, mostrando essa dimensão social, relacionada por vezes à falta de iniciativas governamentais, e trazendo à tona aspectos da realidade santista que passam, aparentemente, despercebidos por alguns acadêmicos e por alguns outros oriundos das camadas mais elevadas da região e do país.

Para a realização desta pesquisa, foram levantados os seguintes problemas:

Qual o papel das mulheres na divulgação e manutenção da devoção dos santos/as de cemitério?

A violência sofrida pelas mulheres devotas tem alguma influência no protagonismo que elas exercem na divulgação da devoção e culto aos santos/as de cemitério?

Placas de agradecimentos e a presença de ex-votos, tão comuns no catolicismo oficial, quanto no popular, colocadas por mulheres nas campas dos santos do cemitério podem demonstrar o quanto são falhas as políticas públicas?

Os objetivos dessa dissertação são: contar a história sob o ponto de vista da população menos favorecida, partindo-se da devoção aos santos/as de cemitério, e salientar que, na falta de políticas públicas, uma alternativa é recorrer ao transcendente. Ressalte-se que, na Ciência da Religião, há espaço para pesquisas em que as populações mais carentes são protagonistas. Partindo-se da revisão bibliográfica, os seguintes conceitos serão utilizados: santos/as de cemitério, ex-votos, catolicismo popular brasileiro, campo religioso e troca simbólica.

Santos/as de cemitério é o termo utilizado por Sáez para designar almas benfazejas sepultadas em campos santos, às quais são atribuídos milagres. Ex-votos, que são artefatos que incluem placas, velas e objetos, e catolicismo popular brasileiro, que representa a religiosidade desenvolvida no país a partir da mistura dos povos originários, do/a branco/a europeu/eia e dos/as escravizados/as, são termos utilizados na pesquisa e tomados de Hoornaert. Campo religioso, definido como a diversidade de opções de denominações religiosas que um indivíduo pode escolher, e a troca simbólica, ou contrato firmado entre devotos/as e transcendente para a solução de determinado problema, como na saúde, no campo amoroso, entre outros, são termos utilizados a partir da obra de Pierre Bourdieu. As demais obras da bibliografia foram pesquisadas no Google Acadêmico, na bibliografia dos diversos livros e artigos redigidos por historiadores, antropólogos, cientistas da religião e por sugestão da banca de qualificação. Para as entrevistas, as perguntas foram elaboradas em conjunto com o orientador e, caso necessário, tinha liberdade de elaborar outras. As respostas, presentes nos anexos, estão

transcritas na íntegra, com uma linguagem informal, porém não sendo desrespeitosa devido ao teor do assunto.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, “O campo religioso popular brasileiro e os santos/as de cemitério”, traz explicações sobre as origens do catolicismo popular brasileiro e a motivação pela qual o campo religioso brasileiro é tão diverso. O segundo, “Arqueologia do culto aos/às santos/as de cemitério”, fornece informações históricas e geográficas de Santos, entre elas a localização dos cemitérios objetos da pesquisa, e uma breve história de algumas sepulturas e alguns mausoléus da Filosofia e da Areia Branca. Por fim, o terceiro capítulo, “Atuação das devotas no campo religioso e no campo social”, contém a análise das entrevistas realizadas. Segue-se uma seção à guisa de conclusão, além de anexos e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I.

O CAMPO RELIGIOSO POPULAR BRASILEIRO

E OS/AS SANTOS/AS DE CEMITÉRIO

Para que haja o entendimento de como, atualmente, o/a brasileiro/a se relaciona com a religiosidade, convém salientar que o Brasil é um país de dimensões continentais e, desde seu achamento, além de seus antigos habitantes, os indígenas, com suas culturas milenares, indivíduos, oriundos de diversas partes do mundo, sendo os pioneiros o português e, em seguida, o negro africano escravizado, chegaram e, inúmeros, por aqui ficaram, trazendo suas crenças, costumes e hábitos.

Este capítulo está dividido em dois momentos. No primeiro item, “O catolicismo popular no seio do campo religioso popular brasileiro”, é feita uma reflexão sobre como, ao longo da história, se formou o campo religioso popular brasileiro a partir do catolicismo – religião do branco dominador – implantado no país, que, simultaneamente favoreceu o desenvolvimento de outra vertente, chamada de catolicismo popular. No segundo item do capítulo, há uma pequena abordagem a respeito da devoção aos santos/as de cemitério sob o ponto de vista de dois especialistas religiosos pertencentes ao catolicismo institucionalizado.

1.1 O CATOLICISMO POPULAR NO SEIO DO CAMPO RELIGIOSO POPULAR BRASILEIRO

Com a finalidade de abordar esse catolicismo miscigenado, chamado popular, formado por leigos/as e voltado para a devoção aos santos/as, decidiu-se utilizar, com maior ênfase, bases teóricas propostas por Hoornaert, que propõe “uma periodização nova da história eclesiástica brasileira pela sua interpretação do ponto de vista dos oprimidos” (SÜSS, 1979, p. 109).

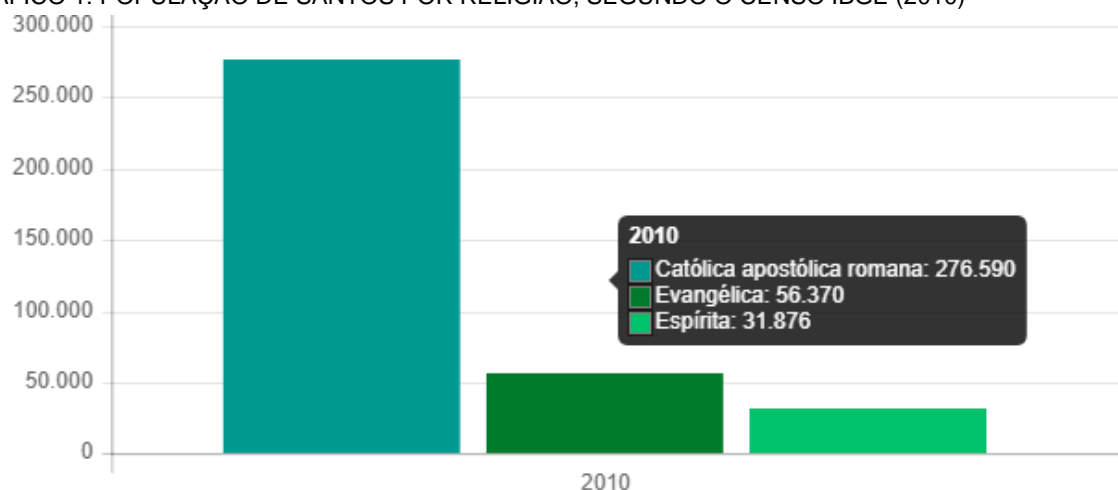
Neste item refletiremos sobre o catolicismo popular, não só como parte

integrante de campo religioso brasileiro, mas também como parte da cultura brasileira. Para que esse objetivo seja concretizado, faz-se necessário retomar, mesmo que resumidamente, aspectos da história do Brasil, incluindo a era colonial.

Desde a Proclamação da República, o Brasil é um país laico. De acordo com a Constituição Federal, no artigo 5º, inciso VI, “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias;” (BRASIL, 1988). Com a República, a liberdade religiosa ganhou liberdade legal.

O Brasil apresenta uma enorme gama de opções no campo religioso – e tal qual o restante do país, em Santos, esse fator não é diferente. De acordo com o censo do IBGE de 2010 (cf. Gráfico 1, a seguir), a maior parte da população santista, em se tratando de religião, está dividida em três grupos, em sentido decrescente: católica apostólica romana, evangélica e espírita.

GRÁFICO 1: POPULAÇÃO DE SANTOS POR RELIGIÃO, SEGUNDO O CENSO IBGE (2010)



Fonte: IBGE.¹

Mesmo observando-se uma acirrada disputa no campo religioso – envolvendo a abertura de inúmeras denominações evangélicas, a existência de vários centros

¹ www.cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santos/panorama. Acesso em: 08 out. 2020

espíritas e casas de matriz africana, além do advento da internet, que permitiu cultos e missas transmitidos *online* –, o culto às/aos santas/os de cemitério ainda se faz presente tanto em Santos, como também em outras localidades do território nacional. Além da divulgação boca a boca, mais recentemente as redes Instagram, YouTube e TikTok ampliaram o alcance de suas histórias mitológicas e supostos milagres.

Vale mencionar que, nem sempre, foi dado ao/à brasileiro/brasileira essa grande gama de opções de escolha. O português branco colonizador, sentindo-se “dono” da terra, trouxe sua cultura e impôs sua religião, o catolicismo. De acordo com Hoornaert, a motivação para essa postura foi que:

Na época dos descobrimentos circulava em Portugal, entre os que estavam engajados na empresa marítima, a famosa lenda de São Tomé, justificadora da presença portuguesa nas praias longínquas. Segundo esta lenda, que se encontra em quase todos os cronistas do Brasil quinhentistas, os missionários não fizeram senão seguir as pegadas de São Tomé, apóstolo das Índias. [...]

Esta lenda, assim como outras parecidas, funcionava poderosamente para justificar o discurso evangelizador universalista, desconhecedor da fronteira do outro. Nos documentos históricos o indígena nunca foi “fronteira”, nunca se respeitou a sua irredutível alteridade, pois o catolicismo que se “ampliou” ou se “dilatou” (a terminologia, “propagar”, “propagação”, é só do século XVII) era inconsciente das suas fronteiras e só considerava o outro como marginal, nunca como “outro” no sentido pleno desta palavra. Daí o zelo quase fanático dos missionários em extirpar qualquer vestígio do que era interpretado como idolatria, barbárie, aberração da “verdadeira fé” (HOORNAERT et al., 1979, p. 24-25).

Paralelamente a esse fato, segundo Azzi:

Por concessão da Santa Sé, os reis de Portugal gozavam do direito de padroado sobre as novas colônias portuguesas. Deste modo os monarcas se constituíram como verdadeiros chefes espirituais das novas terras, por delegação do papa.

Por essa razão, ao monarca português competia implantar a fé cristã nas terras brasileiras. Na realidade, tais privilégios levavam normalmente a uma identificação entre colonização e cristianização. [...]

A missão desse Estado cristão era subjugar e incorporar os indígenas à cultura portuguesa e à religião cristã (HOORNAERT et al., 1979, p. 156-157).

Segundo Azzi, “o catolicismo foi implantado no Brasil através da própria obra de colonização, segundo o ideal português de dilatar as fronteiras da fé e do império”

(AZZI, 1978, p. 44). Segundo o autor, “[a]s práticas religiosas eram impostas por lei, e nenhum súdito da Coroa podia se furta a elas” (AZZI, 1978, p. 48). Assim, o/a indígena bom/boa era considerado/a aquele/aquela católico/a e europeizado/a.

Corroborando com esse aspecto, segundo Cressoni (2013), “ao indígena considerando a concepção anímica tridentina (*intellectus, memoria e voluntas*), falta a luz que o conduzirá ao Bem” (p. 29); assim coube, aos especialistas religiosos católicos, a incumbência catequética.

Os jesuítas converterão suas práticas catequéticas em enunciados cujos intercursos deverão indicar a construção de uma alma católica, integrando o índio, segundo Hansen (Idem), simbolicamente ao império português, a partir da suposta ideia de inferioridade natural, tomando de Aristóteles uma das lições jurídicas de sua poética (CRESSONI, 2013, p. 29-30).

Tomé de Sousa, governador-geral do Brasil em 1549, a mando do rei de Portugal, Dom João III, trouxe os primeiros especialistas religiosos, os jesuítas, entre eles Padre Manoel da Nóbrega, que pertenciam à Companhia de Jesus. Estes traziam a doutrina cristã de acordo com o Concílio de Trento (1545-1563), que propunha, na Europa, uma resposta à Reforma Protestante com o objetivo de manter um maior número de fiéis. As propostas desse concílio eram a confirmação dos dogmas, a confirmação da veneração à Maria e aos Santos, a manutenção do celibato para o clero, a proibição da venda das indulgências e a revigoração da Inquisição. A fé católica precisava ser expandida ao novo continente, assim os jesuítas tinham a missão de evangelizar o/a indígena e, para facilitar a evangelização, aprenderam a língua dos/das nativos/as.

Essa imposição nem sempre foi aceita de forma resignada, pois, no campo da fé, em vários momentos, houve a disputa entre pajés, que questionavam os ditames da nova religião, e os especialistas religiosos jesuítas. Como exemplo de estratégia didática, para que índios/as, além dos negros/as, posteriormente, aprendessem a religião do colonizador, optou-se pela pedagogia da festa. De acordo com Montes, suas origens se devem:

Assim, abandonada pelas elites e pelo poder eclesiástico, a antiga glória da festa iria

permanecer como memória ou como forma viva apenas entre os segmentos populares – estes mesmos a quem, no mundo colonial, se destinava a pedagogia da festa –, entre os quais desaprenderíamos, contudo, a entender a forma de *cultura*, para não ver mais que a contrafação degradada do *folclore*.

Essas são, no entanto, as bases do catolicismo popular, que viria a ser chamado de “tradicional” e que é expressa nas folias de Reis ou do Divino, na celebração do antigo poder de São Sebastião [...] (MONTES, *apud* CAMARGO, s./d., s./p.).

O objetivo do governo português, no entanto, não era apenas a evangelização, mas também a exploração da nova terra e o enriquecimento da metrópole. Para a concretização desses objetivos, houve a necessidade da mão de obra escrava indígena. Corroborando com esse aspecto, convém salientar que Felipe, o Piedoso, rei da Espanha, em 1609, declara que todos os/as indígenas são livres, porém sob jurisdição dos jesuítas. Por outro lado, a consequência dessa declaração, com a falta de mão de obra escrava, foi a diminuição de lucros no mercado internacional. Segundo Heimer, “o Brasil, nos seus primeiros séculos, é produto da sobreposição dos interesses ibéricos às gentes que habitavam essas terras” (HEIMER, 2013, p. 43). A interação entre o/a branco/a e o/a indígena foi responsável pela transmissão de inúmeras epidemias, que ceifaram vidas de indivíduos portadores de culturas milenares. Por outro lado, esse fator não apagou por completo dados presentes nos costumes indígenas, como o culto aos antepassados, chás, entre outros elementos que compõem o mosaico e a originalidade do catolicismo popular brasileiro, passados de geração a geração. Sobre esse fator, Brito comenta que:

O Brasil quinhentista assistiu a um complexo processo aculturador de mão dupla: índios assimilando mensagens e símbolos religiosos e jesuítas adaptando sua doutrina e sacramentos às tradições tupis. As abissais diferenças entre as culturas em jogo descartam a possibilidade de um paralelismo cultural entre os universos religiosos (BRITO, 1996, p. 93).

Para a formação do catolicismo popular no Brasil, vale lembrar que nem só especialistas religiosos vieram para a colônia, mas também degredados, condenados tanto pela justiça secular, como do Santo Ofício – em especial, cristãos/ãs-novos/as acusados/as de práticas judaizantes. Os colonizadores de diferentes classes sociais, dentre eles, forasteiros/as, bruxos/as, ciganos/as, que vieram de Portugal desde o século

XVI, mesmo com o advento do cristianismo, conheciam práticas pagãs, utilizadas na Península Ibérica desde antes da Idade Moderna, de magia, de encantamentos, assim como a comunicação com os mortos, ou seja, ações dispensáveis no catolicismo institucionalizado:

Homens e mulheres praticantes da magia ainda presentes na sociedade portuguesa, ligados à circularidade cultural inerente a cultos antigos, anteriores ao advento da experiência moderna europeia, são demonizados por comunicar-se com espíritos (almas, demônios, anjos e santos), manifestarem-se por meio de revelações (visões, sonhos e vozes incorpóreas) ou atos predispostos, utilizando-se das mais variadas técnicas de invocação (conjuro, transe e fervedouro) (CRESSONI, 2013, p. 44-45).

Muitos desses costumes adentraram no Brasil e auxiliaram na formação do catolicismo popular brasileiro. Ainda sobre esse tema, de acordo com Bethencourt, a permanência desses costumes deve-se, também, a colaboração do catolicismo oficial.

Os resultados de nossa pesquisa foram ampliados e contextualizados do ponto de vista temporal e espacial. Num capítulo que escrevemos para o volume sobre a bruxaria europeia organizado por Bengt Ankarloo e Gustav Henningsen ampliamos a análise de repressão até os processos da Inquisição de Évora no tempo longo (1536-1821). Confiamos a ideia defendida neste livro: que a magia era considerada um “delito” menor pela Inquisição e pelas autoridades eclesiásticas, nunca tendo sido submetida a uma repressão séria, tanto no nível quantitativo (291 processos em 11.743, ou seja, 2,5%) como no nível qualitativo (pouquíssimos casos de tortura, um caso de excomunhão, ou seja, de execução. [...] Como fator explicativo dessa relativa suavidade, insistimos na hierarquia de “delitos” estabelecida desde o início pela Inquisição dominada pelo judaísmo e pelo islamismo (considerados apostasia), seguidos do protestantismo (heresia). [...] Essa hierarquia de “delitos” resulta no modelo de cristianização desenvolvido na península ibérica, onde a tradição de disputa teológica (cultural e social) com as outras duas religiões do livro, hebraica e islâmica, define uma atitude de relativo compromisso com as crenças arcaicas de origem pagã da população cristã (BETHENCOURT, 2004, p. 16-17).

Paralelamente a esse aspecto, os primeiros lusitanos que chegaram ao Brasil, entre eles, os proprietários dos grandes latifúndios, muitos deles degredados, que entravam em acordo com o governo português no objetivo de povoar e explorar as riquezas do Novo Mundo, também eram leigos, traziam consigo um catolicismo popular, característico da Idade Média, em que a devoção aos santos é um aspecto relevante. De acordo com as palavras de Hoornaert:

A Igreja Tridentina deu uma grande importância aos aspectos visíveis da fé. Essa mentalidade prosseguiu dominando nos séculos seguintes. Por essa razão, a implantação e a organização da Igreja colonial terá como característica uma Igreja marcada pelo culto exterior, pelas festas, procissões e romarias. Aliás, tudo isso estava bem de acordo com a mentalidade medieval. Dava-se maior importância aos símbolos exteriores da fé do que à mesma vivência interior (HOORNAERT et al., 1979, p. 155-156).

Nas palavras de Azzi:

Esse espírito devocional tem suas raízes mais profundas na própria Idade Média. Com efeito, ele foi elaborado durante a Idade Média como uma forma de resistência à imposição do catolicismo romano oficial. Mediante o culto aos santos, as populações lusitanas da Idade Média podiam continuar expressando o sentimento religioso numa forma mais adequada à sua cultura e à sua tradição.

O aspecto exteriorista e tipicamente social assumido pela religião oficial durante o período colonial contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento desse catolicismo devocional do povo.

Por sua vez, esse catolicismo do povo conservava uma grande abertura para a assimilação de elementos de outras crenças religiosas. Daí o sincretismo religioso (AZZI, 1978, p. 52).

Até o século XVI, a área estabelecida para o território brasileiro era o definido pelo Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, entre Portugal e Espanha. A ocupação iniciou-se no litoral e, nos séculos XVII e XVIII, expandiu-se para o oeste; tendo, hoje, uma expansão territorial de 8.514.876 km², ou seja, um país com dimensões continentais. Houve grande dificuldade em enviar e manter especialistas religiosos católicos, que representavam a instituição em território brasileiro, segundo Hoornaert, para o catolicismo institucionalizado, entende-se que:

O catolicismo é decerto uma instituição e não se pode falar de “sincretismo” na instituição da igreja: o papado, o episcopado, sacerdócio e paróquia e os sacramentos são instituições típicas e genuinamente cristãs (HOORNAERT, 1975, p. 24).

Segundo Oliveira:

O traço mais característico do catolicismo romano é a ênfase nos sete sacramentos. [...] A organização paroquial, a formação dos sacerdotes, as organizações para leigos, a própria espiritualidade, tudo deveria convergir para a prática dos sacramentos (OLIVEIRA, 1978, p. 75).

Em face ao tamanho territorial brasileiro, era um árduo esforço para trazer

especialistas religiosos suficientes para dar cobertura a todo o território nacional. Assim, segundo Hoornaert: “concluindo podemos afirmar que o caráter autônomo da formação do catolicismo brasileiro foi muito importante, no sentido que não foi um clero estrangeiro que moldou a mentalidade católica, mas sim uma classe de proprietários locais. (HOORNAERT, 1975, p. 79). Além desse aspecto, entre as famílias abastadas, no início da colonização, havia o costume de destinar a herança patrimonial (os grandes latifúndios) ao primeiro filho; ao segundo, geralmente, a possibilidade de cursar a faculdade de Direito na Europa; ao terceiro, era destinada a vida eclesiástica, mesmo que este não possuísse vocação, tudo com o objetivo de manter as riquezas nas mãos das mesmas famílias. Além de especialistas religiosos com condutas não-alinhadas aos preceitos cristãos, corroborando com esse fator, é preciso salientar que, na formação do catolicismo popular brasileiro, nem sempre foi a classe mais abastada que divulgou a religião, mas também houve a influência de outros leigos, porém oriundos de classes sociais inferiores:

É preciso, pois, relativizar bastante a influência real dos movimentos missionários clássicos no Brasil: outras influências houve, menos reconhecidas, menos valorizadas pela historiografia, a influência das mucamas e donas-de-casa, de violeiros e cantadores populares, de ermitães e irmãos, de beatos e beatas, mesmo de quilombolas e cangaceiros, que talvez passaram mais na formação do catolicismo realmente vivido pela grande maioria do povo brasileiro (HOORNAERT et al., 1979, p. 46).

Vale lembrar que, no Brasil, a religião da classe dominante, mesmo diante de conhecimentos milenares de indivíduos pertencentes a classes subalternas, serviu, de acordo com as palavras de Lustosa, para:

[...] os senhores de engenhos, apoiados nos padres, viam a religião como um freio moral para a sociedade, um apoio para conter os pobres trabalhadores livres e escravos nos seus devidos lugares, apontando para eles a esperança da salvação eterna; os escravos, os negros e índios não podiam deixar de ligar a religião ao modo de proceder de seus senhores (LUSTOSA, 1978, p. 30).

Convém lembrar que, mesmo com a demonização de hábitos da religiosidade indígena, encontram-se traços dela que contribuíram para a formação do catolicismo

popular. Exemplos desses costumes são a utilização do cauim, bebida feita a partir da fermentação da mandioca, utilizada em rituais de passagem, como casamento e iniciação à vida adulta feminina; e o mito do Jurupari, associado ao demônio cristão dos colonizadores, porém, presente em várias narrativas mitológicas, entre elas, em rituais de agradecimento pela fartura na pesca. Vale lembrar que havia, também, a figura dos caraíbas, uma ameaça à colonização, pois percorriam diferentes tribos onde eram recebidos com festividade e com alegria; uma vez que, quando em transe, faziam a comunicação entre vivos e mortos, como uma forma de resistência à religião do colonizador.

Hoornaert aborda a religiosidade dos escravos negros, oriundos de diferentes nações, como Angola, Moçambique, Nigéria, entre outros; e comenta como se processou o encontro das crenças do branco português, do indígena e do negro:

Esse providencialismo dos conquistadores da nova terra foi formalmente aceito pelos índios mansos e africanos escravos. A transposição para com esquemas religiosos da Ameríndia e da África não lhes era difícil. Tradicionalmente a religião indígena já é bastante “espírita”, isto é: o índio já vive convencido de forças superiores que determinam a sua vida. Esta crença nos espíritos encontrará correspondência, tanto no providencialismo do Brasil antigo como no espiritismo do Brasil atual. [...] O africano é condicionado pela ação da natureza: na chuva, no relâmpago, na terra, na água, no mar, na doença e na morte manifesta-se a força divina que se chama “orixá” em língua iorubá. Ao mesmo tempo ele vive na corrente de forças que emanam dos antepassados (eguns). A crença na força da divindade e na força dos antepassados formam uma unidade harmoniosa para o africano, que facilmente é “traduzida” para a linguagem providencialista da sociedade brasileira. Encontramos aqui uma força de sincretismo entre as crenças ameríndias e africanas de um lado e a fé cristã do outro lado (HOORNAERT, 1975, p. 110).

Ainda sobre a religiosidade dos/das indígenas e negros/as africanos/as, vista a partir do ponto de vista da classe dominadora como algo inferior, endemoninhado, Silva, a partir das palavras do escritor modernista Mário de Andrade, salienta que:

Era Exu, o jurupari mais macumbado daquela região [...] (Andrade, 1980, p.46-49) Nesta última frase, Mário de Andrade faz uma sofisticada comparação entre o Exu africano e o Jurupari, ser sobrenatural da mitologia guarani. Implicitamente, o autor está ajudando ao fato de que ambos os seres (Exu e Jurupari) foram associados pelos missionários, na época das primeiras evangelizações do Brasil, ao demônio cristão (SILVA, 2019, p. 181).

Para o bom entendimento do catolicismo popular e do campo religioso no Brasil, com sua “cor local”, diferenciada de outros países de maioria católica, sobretudo no continente europeu, é imprescindível reconhecer a formação do povo brasileiro, com sua intensa miscigenação. Sobre isso, Júnior comenta:

Deve-se considerar, nessa ótica, primeiramente a hibridação e os fluxos de sentido entre as religiões dos portugueses, dos indígenas e dos africanos. Trata-se do resultado por um lado da ação relativamente frágil da religião católica oficial. A presença escassa de sacerdotes no vasto território brasileiro e o regime do padroado, que subjugava a Igreja à coroa de certa forma engessou a atividade do catolicismo oficial, deixando grande liberdade a inovadoras recriações locais e grupais de práticas e crenças religiosas: o catolicismo ibérico medieval, repleto de heranças pagãs; a religiosidade doméstica nas residências e capelas privadas, muitas vezes distante do controle de especialistas; os muitos cultos aos santos; os ímpetus de mortificação corporal na busca da santidade com o sobrenatural, que levava, por exemplo, a castigar imagens de santos quando os pedidos feitos quedavam frustrados ou recompensá-los quando eram atendidos; os calundus, práticas negras de adivinhações, possessões, sortilégios, curas e festas, as quais recorriam não apenas os escravos, mas também muitos colonos e por vezes os próprios clérigos católicos; as santidades indígenas, misto de catolicismo e de crenças que antecederam a chegada dos portugueses, como a conhecida Santidade do Jaguaribe (JÚNIOR, 2008, apud VAINFAS, 1995, /p.).

A miscigenação do povo brasileiro é um ponto importante na formação do catolicismo popular no país. Como exemplo de manifestações, é possível citar as benzedeadas/os, as procissões, as folias de reis, as congadas, as catiras e a devoção aos santos/as, entre outras. A devoção aos/às santos/as de cemitério, presente em muitos lugares do Brasil, objeto desta dissertação, faz parte desse conjunto de manifestações religiosas.

No decorrer do Brasil Colônia e no Brasil Império, o catolicismo era a religião oficial do Estado. No século XVI, houve a invasão ao Rio de Janeiro, com a chegada de Villegagnon, entre 1555 e 1560. Esse grupo era formado por protestantes huguenotes e desejavam criar no “novo mundo”, a França Antártida. Mais tarde, de 1630 a 1654, tivemos a invasão dos holandeses, também protestantes. Em 1808, no entanto, com a chegada da família real ao Brasil, ingleses também vieram fixar moradia em solo brasileiro, trazendo consigo a religião praticada em seu país de origem, o anglicanismo, como uma forma de amparo espiritual para esses imigrantes, sem, contudo, intenções

de fazer proselitismo. Sobre interesses políticos bilaterais, Reimer tece o seguinte comentário:

A presença de ingleses foi um primeiro passo a trazer outro tom religioso em meio a dominância do catolicismo romano em terras brasileiras, além da constância da religiosidade indígena e do sincretismo religioso junto aos escravos negros. A primeira igreja não católica construída no Brasil foi a da Igreja Anglicana no Rio de Janeiro em 1810, como deferência da corte portuguesa aos ingleses radicados naquela cidade. O princípio de “direito das gentes” era aí aplicado a contingentes populacionais de interesse da coroa portuguesa (REIMER, 2013, p. 50).

Na segunda década do século XIX, D. Pedro I preocupa-se com a defesa nas fronteiras do sul do Brasil e com o povoamento da região, em especial no Rio Grande do Sul. Assim, como era admirador de soldados prussianos, uma vez que haviam sido peças importantes para o aumento do território, tornando a Prússia uma grande potência europeia, o imperador faz propostas tentadoras, cedendo terras e gado, além de isenção de impostos, a colonos/as oriundos/as daquela região da Europa; foram divididos entre católicos e protestantes. Ainda no Brasil Império, mais seguidores do protestantismo chegaram ao Brasil, porém vindos de outras nações, como a Suíça, cujos/as colonos/as vieram atraídos/as pelas propostas de D. João na doação de lotes de terras no Espírito Santo, e a França, com alguns poucos instalados nas fazendas de café no Rio de Janeiro no reinado de D. Pedro I. Reimer comenta que a Constituição de 1824:

manteve a relação do padroado que marcou a vida cultural e religiosa brasileira ao longo do período colonial. [...] Na prática, porém, o monopólio estava minado com a permissão explícita de que “todas as outras religiões” serão permitidas, mas seu culto deveria ser doméstico ou particular, em casas destinadas a essas finalidades, “sem forma exterior de templo”. [...] Esse dispositivo da Constituição imperial (Art. 5º) ocasionou uma série de percalços para outros contingentes de imigrantes vindos ao país a partir de 1824, especialmente alemães, suíços e franceses, adeptos de crenças protestantes. Esses tiveram que se amoldar ao direito dominante, mantendo seu culto em caráter doméstico e particular. [...] O estabelecimento de imigrantes de tradição protestante, especialmente no sul e no sudeste, contribuiu para aumentar o colorido confessional em terras brasileiras (REIMER, 2013, p. 52-53).

Ainda durante o Império, a partir da segunda metade do século XIX, chegam ao Brasil as igrejas de missões, com objetivos proselitistas, como a presbiteriana, a

batista e a metodista. Em 1859, chega ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o missionário Asbel Green Simonton, iniciando a primeira igreja presbiteriana no Brasil. Nos anos seguintes vieram mais missionários e, com a missão de pregar e fundar escolas, encontrou, no interior dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais, campo fértil para suas pregações, formado por agricultores/as pobres, que trabalhavam no cultivo do café. Em 1870, os primeiros grupos batistas aportam no Brasil e fixam residência na cidade de Santa Bárbara d'Oeste-SP, onde compraram propriedades rurais. O primeiro missionário em terras brasileiras foi Willian Buck Bagby, que fundou a Primeira Igreja Batista do Sul, em 11 de setembro de 1871, com o intuito de evangelizar os brasileiros. Em 1882, com a chegada de americanos provindos das colônias do sul dos Estados Unidos, após a Guerra Civil Americana, a primeira capela da Igreja Metodista Episcopal do Sul é construída com paredes de sapê, em Saltinho-SP, dirigida por Junius Estaham Newman. No início do século XX, a partir dessa iniciativa, o metodismo expandiu-se e, em 1930, passou a denominar-se Igreja Metodista do Brasil. Com líderes carismáticos, as três denominações expandiram-se e subdividiram-se, acrescentando mais opções no diversificado campo religioso brasileiro. Sobre a religião trazida por diversos grupos de imigrantes, vindos ao Brasil antes e após a abolição dos escravos, Reimer aponta:

Pouco antes e logo após a proclamação da República em 1889, novos grupos de imigrantes vieram a se estabelecer no Brasil, especialmente em centros urbanos, vindos sobretudo dos Estados Unidos. Esses já vinham imbuídos dos ideais republicanos e do “muro” que deveria existir entre Estado e Igreja. Além disso, vários desses grupos já vinham ao Brasil com intenção proselitista, isto é, com interesse explícito de converter os brasileiros ao respectivo credo protestante. Em conferências internacionais de missão, como o Congresso do Panamá em 1916, difundia-se a ideia de que o catolicismo tinha fracassado na tarefa de evangelização, algo que deveria, pois, ser feito pelos evangélicos, que vinham naquele período. Metodistas, presbiterianos e batistas destacaram-se na organização de comunidades em espaços urbanos (REIMER, 2013, p. 54-55).

Vale lembrar que essas igrejas de missões se instalam, a princípio, em comunidades carentes, onde encontram-se brancos/as pobres, mestiços/as e negros/as, como uma opção de acalanto para problemas que se arrastam desde o Brasil Colônia.

Na República, as igrejas evangélicas de missão se consolidam em solo brasileiro, e com o desenvolvimento da industrialização, as confissões acompanham a população do meio rural para o urbano. Por outro lado, no transcorrer do século XX, acirrando ainda mais a disputa no campo religioso na busca de atender a velhas e a novas necessidades dos fiéis, além de divergências internas, ocorrem cisões dentro delas. Como exemplo, é possível citar a Igreja Presbiteriana Independente, a Igreja Presbiteriana Conservadora e a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. O mesmo ocorre com os metodistas, da Igreja Metodista Livre, e com os batistas, da Igreja Batista Renovada e da Igreja Batista do Sétimo Dia.

Na década de 1860, chega ao Brasil “O livro dos espíritos”, de Allan Kardec, vindo da França, uma das potências mundiais da época, trazendo mensagens com características positivistas, em voga naquele momento, enfatizando que só a ciência traria um conhecimento verdadeiro. Para maior credibilidade, seus conteúdos são atribuídos a personalidades importantes no cenário mundial, a “espíritos evoluídos”, que, quando encarnados, eram intelectuais brancos, como os filósofos Platão, Sócrates e Santo Agostinho, deixando em segundo plano caboclos/as, pretos-velhos/as, boiadeiros/as, marujos/as, entidades presentes na umbanda e em outras religiões de matriz africana, subjungando, mais uma vez, o povo oprimido, até mesmo, no “plano espiritual”. De acordo com as palavras de Arribas:

O Brasil foi na década de 1860 – como outros países da América e da Europa – um dos destinos de parada do **Livro dos Espíritos**, o primeiro livro do conjunto de cinco dos denominados “livros da codificação espírita” escritos por Allan Kardec. E não poderia ter sido outra forma, já que naquela época pessoas e ideias francesas influenciaram fortemente a elite letrada, as artes e inclusive a política brasileira. Mas se é fato que essa doutrina, por ter ascendência europeia, trouxe consigo certo prestígio que facilitou sua expansão nas camadas privilegiadas –, sua origem europeia, por outro lado, e o legado dessa origem, foram menos importantes do que o fato de ela ter sido transmutado no curso de sua inserção no Brasil [...] (ARRIBAS, 2011, p. 5).

Devido a seu caráter místico, à comunicação entre mortos e vivos, à busca da cura, tanto espiritual como de doenças físicas, características presentes também na

religiosidade indígena, nos cultos trazidos pelos escravos e no catolicismo popular, a doutrina de Kardec foi amplamente aceita em solo brasileiro, tanto pelas camadas sociais mais abastadas, como nas populares – estas, carentes de políticas públicas.

Interessadas no restabelecimento físico do próximo, o Serviço de Assistência funcionava como uma espécie de hospital espiritual onde os médiuns, formados ou não em medicina e guiados pelos seus espíritos protetores, receitavam medicamentos homeopáticos e tratamentos de passes aos necessitados, fossem do corpo, fossem da alma, que até lá se dirigiam em busca de alívio para as suas dores, atividade que confrontava diretamente com as restrições estabelecidas pelo Código Penal. A oferta da cura, além de ser encarada pelos espíritas como uma das possíveis formas de se praticar a caridade, fazia parte de todo um arcabouço teórico-doutrinário pensado e desenvolvido pelos primeiros adeptos brasileiros. Os espíritas tinham como postulado a ideia de que as enfermidades do corpo estão estreitamente ligadas às enfermidades do espírito. Por isso que curar um implicava curar o outro, e vice e versa. Além disso, as ações dos médiuns receitistas ou passistas serviam para validar ou comprovar a realidade e a interferência do mundo de além-túmulo, sendo, portanto, a forma mais direta de expandir e de popularizar as crenças espíritas, principalmente a crença nos espíritos e nas suas comunicações (ARRIBAS, 2011, *apud* DAMAZIO, 1994, s./d., s./p.).

Na figura de Francisco Cândido Xavier, o médium Chico Xavier, cujo mentor é Emmanuel – que, em vida, supõe-se que tenha sido o padre Manuel da Nóbrega, membro da Companhia de Jesus –, foi o grande difusor do espiritismo de Kardec, no século XX. O médium psicografou mais de 450 livros, com 50 milhões de exemplares vendidos a preços acessíveis e traduzidos para 33 idiomas, além de ter recebido multidões, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba-MG, e participado de programas na televisão aberta. A biografia do médium de Pedro Leopoldo-MG é marcada, em sua infância, por eventos como a morte de sua mãe e outras dificuldades.

Ainda em se tratando da doutrina de Allan Kardec, Zilli aponta outro ponto de sincretismo entre o catolicismo não-institucionalizado e essa doutrina, nomeadamente a semelhança entre a devoção e a reverência a Maria. A semelhança subsiste dado que, no Brasil, essa manifestação se apoia na religiosidade popular, trazida pelos primeiros jesuítas, fato que torna a leitura de teor kardecista, assim como seus conceitos doutrinários, mais próximos e compreensíveis aos brasileiros. A Federação Espírita Brasileira deixa claro em seus livros destinados ao curso de doutrina de Allan Kardec,

o EADE (Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita), o respeito e a reverência que os espíritas atribuem a Maria de Nazaré. Tal documento não aponta, e tampouco sugere nenhum tipo de devoção, tal como ocorre entre os católicos devotos de Maria. No entanto, encontramos em inúmeros livros espíritas uma reverência que beira a devoção (ZILLI, 2018, p. 105-106).

Com a Proclamação da República, o campo religioso brasileiro amplia-se ainda mais, minando a hegemonia da Igreja Católica:

Pode-se, pois, dizer que a Constituição republicana assegurou o direito liberal à liberdade religiosa em solo brasileiro, rompendo com o monopólio quase exclusivo de um credo ao longo dos primeiros quatro séculos da grandeza do Brasil (REIMER, 2013, p. 57).

Após a Proclamação da República, chegam os primeiros adventistas, vindos da Alemanha, para trabalhar no sul do Brasil. Essa denominação surgiu nos Estados Unidos, em 1844, difundindo-se pela Europa. Em 1894, Frank H. Westphal, missionário alemão, batiza o primeiro convertido, Guilherme Stein Jr., em Piracicaba-SP e, pouco tempo depois, funda a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Brusque-SC, expandindo-se pelo território nacional.

O grande contingente de imigrantes de diferentes povos, vindos com o intuito de substituir a mão de obra negra escravizada e de embranquecer a população brasileira, corrobora com o aumento de ofertas no campo religioso. Com o estado laico, imigrantes adeptos/as do budismo, entre outras denominações orientais, uma vez que o Brasil possui a maior colônia japonesa no mundo, assim como do islamismo, do judaísmo, além de outras vertentes do catolicismo, como as igrejas copta, maronita e siríaca, encontram liberdade para professar sua fé. Sobre o mesmo aspecto, Arribas comenta:

Já sob a República laica, após a introdução por via imigratória de crenças de grupos de imigrantes – japoneses, judeus, sírio-libaneses e outros –, além de novas denominações protestantes, o ciclo viria a se diversificar no decorrer do século XX, com a disseminação de novas doutrinas religiosas e com a difusão dos denominados cultos afro-brasileiros, antes confinados a comunidades isoladas. Hoje, são várias as crenças e as filosofias religiosas abraçadas pela população brasileira, enfraquecendo-se com isso – e cada vez mais – a antiga hegemonia católica (ARRIBAS, 2011, p. 2).

No início do século XX, são fundadas, no Brasil, as primeiras igrejas pentecostais, em sua maioria, fundadas por missionários estrangeiros, nascidos ou emigrados para os Estados Unidos. A primeira igreja pentecostal criada aqui no Brasil foi a Congregação Cristã, em 1910, em São Paulo; logo depois, a Assembleia de Deus, em 1911, no Pará; mais tarde a Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1951, em São Paulo; Brasil para Cristo, em 1955, em São Paulo; e Deus é Amor, em 1962, em São Paulo. Seus fundadores provêm das camadas populares, assim como grande parte da população brasileira, excluída socialmente. Para Hoornaert, há grande aceitação de igrejas pentecostais entre as classes mais desfavorecidas:

A rápida aceitação – por parte do povo – da experiência extática cultivada em cultos sobretudo pentecostais demonstra que sempre houve uma conaturalidade entre o tema Espírito Santo e a religião popular: o Espírito Santo se “manifesta” pela expressão corporal, meio de comunicação próprio dos oprimidos aos quais a expressão verbal está sendo negada (HOORNAERT, 1979, p. 346).

Em 1920, marinheiros brasileiros, tripulantes do navio São Paulo, atracado em Nova York, ouvem o ideário de Charles Russel, fundador, em 1870, na Pensilvânia, do movimento Testemunhas de Jeová. Devido ao sucesso dessa divulgação, em 1922, Joseph F. Rutherford encaminha George Young para o Brasil, com missão proselitista. Os adeptos acreditam em Jeová como Deus único, e não aceitam o dogma cristão da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). O movimento prega, além de ensinamentos bíblicos, a neutralidade política e militar, a moralidade sexual (é proibida a masturbação e o sexo antes do casamento) e a proibição de transfusão de sangue. Seus membros são voluntários e fazem a divulgação da doutrina em conversas de casa em casa e, atualmente, via WhatsApp e Instagram. Para atingir um número cada vez maior de adeptos, a sede do movimento no Brasil, Associação Torre da Vigia, em Cesário Lange-SP, está aberta a visitas gratuitas, mediante agendamento. Lá o visitante conhece, além de uma fazenda e de prédios residenciais, uma moderna gráfica, responsável pela impressão de Bíblias e de suas publicações, como a revista “Sentinela”, estas distribuídas gratuitamente, o que facilita o acesso a todas as classes sociais.

Desde a década de 70 do século XX, sob influência norte-americana, percebe-se o crescimento de igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, tendo como fundador Edir Macedo Bezerra; a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como R.R. Soares; a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada pelo apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira; e outras menores, presentes em todo o Brasil, primordialmente nas diversas comunidades mais carentes.

Com forte apelo emocional, com a glossolalia, com sessões transmitidas nos canais abertos de televisão, no YouTube e no TikTok, com sua Teologia da Prosperidade, as denominações neopentecostais ganham um enorme número de devotos. Segundo Macedo: “Estamos preocupados em libertar as pessoas de toda obra do diabo” (MACEDO, 2017, p. 51).

1.2 CONSIDERAÇÕES DO CATOLICISMO OFICIAL SOBRE OS/AS SANTOS/AS DE CEMITÉRIO

Sobre a hagiografia de Maria Mercedes Féa, subsiste um fato verídico, comprovado por documentação e jornais da época; além de que dá nome a uma das ruas do bairro do Saboó. No entanto, assim como em textos míticos oriundos de diversas religiões mundiais e diversas lendas de diferentes culturas, inicialmente transmitidos oralmente, elementos no enredo da biografia de ambos foram inseridos na narrativa no decorrer dos tempos. Vale mencionar que para Demo, esse tipo de explicação também é característica do catolicismo oficial:

Posteriormente a função mítica foi superada em parte pela religião, que também trouxe sua explicação da realidade. Assim, quando na bíblia se montou uma história de criação do mundo e do surgimento do mal, não se pensou em se fazer uma alegoria, um conto interessante, ou qualquer outra coisa, mas certamente em dar uma explicação de como começou o mundo, o homem e o mal. (DEMO, 1985, p. 20)

Maria Féa, mesmo que em vida, tenha passado, apenas, pouquíssimos momentos na cidade, e Menino Onofre são personagens da história e da cultura da Baixada Santista, unindo devotos/as de diferentes denominações religiosas e classes

sociais num mesmo local. Segundo Baeta:

Os ‘santos’ locais, sendo eleitos pelos moradores, constituem-se numa pertença da cidade e não dos altares eclesiais. Sendo cultuados em locais públicos, permitem que adeptos da Umbanda, do Kardecismo e de outras crenças freqüentem as suas moradas observando nos túmulos um ecumenismo religioso. (BAETA, 1999, p.72)

Ambos participam, como personagens principais, de “textos fantásticos” e despertam o lado criativo em *youtubers*, em radialistas e nas entrevistadas, tornando-os coautores de uma narrativa, momento este de criação, e, para alguns, único de verdadeira liberdade, mesmo que “poética”. Cada vez que o episódio, com o acréscimo de depoimentos, é recontado, fomentam-se mais divulgações, mostrando o quanto o catolicismo popular é tão singular no Brasil, passando de geração a geração. Esse fator vai ao encontro das palavras de Baeta “As diferentes versões, os equívocos, fazem parte das tramas biográficas populares e, desta forma, a sua história nunca se esgota”. (BAETA, 1999, p. 73). Essa liberdade de narrativa se aproxima daquela oriunda dos praticantes de religiões de matriz africana, ao passar os relatos míticos oralmente, sem a presença de um livro sagrado como norteador. Há documentação sobre ambos, porém não são textos sacros. Talvez, a respeito desse tópico, afirma que “O poder do Livro, a sujeição da narrativa a uma interpretação oficial ou à letra da Escritura impedem que – e disso faz muito tempo – se elaborem novas versões dos relatos protagonizados pelos seus personagens canônicos” (SAÉZ, 2009, p. 208).

A devoção aos santos de cemitério não passa despercebida pelo catolicismo oficial. O especialista, Antônio Olivieri, padre da igreja São Judas Tadeu, localizada em Cubatão, em 1978, posiciona-se e tece a seguinte afirmação em relação à devoção a Maria Féa:

“No devocionário do povo – diz o padre Antônio –, as pessoas têm muitos devotos como temos em vida vários heróis, vários ídolos. Assim também ocorre com os santos. Nada impede que uma pessoa seja devoto de Maria Fea e também de Santo Antônio, São José. A igreja não faz nenhuma afirmação categórica de que este ou aquele santo é melhor. Não acredito que haja afastamento dos santos da igreja (SILVARES, 1978, p. 6).

A respeito da canonização de Maria Féa, o padre argumenta sobre as

dificuldades de um processo e possui algumas ressalvas a respeito dos supostos milagres:

O padre Antônio levanta dúvidas no caso de Maria Fea vir a ser canonizada: “Ponho minhas reservas porque não se sabe como foi que ela viveu. Não tenho dados para dizer que ela foi uma criatura excepcional, que agradou a Deus nos seus atos, pode ser que seja considerada como santa, mas, para isso, seria necessário e realizar um processo, um longo processo. A igreja precisaria saber de milagres verdadeiros ocorridos por intermédio dela, para elevá-la ao processo de canonização. Afinal de contas, os milagres que ocorrem atualmente podem ser sugestão do povo (SILVARES, 1978, p.6).

Em 2018, Paulo Henrique Romero, assessor eclesiástico da Ordem Franciscana Secular Fraternidade do Embaré, da Diocese de Santos, retoma o tema, fazendo algumas considerações sobre o posicionamento da igreja oficial, no jornal digital Jornalismo On-Line:

Para o frei capuchinho Paulo Henrique Romêro, a Igreja reconhece as graças obtidas pelos devotos como uma intercessão divina, apesar de Maria Féa não ter sido beatificada ou canonizada. “A Igreja tem certa prudência em relação à pessoa dela. Da nossa parte, dos religiosos, precisamos ter uma certa sensibilidade com a piedade do povo. Se alguém rezou para ela e recebeu uma graça, então quem sou para duvidar da intercessão?”, observa Romêro.²

² *In*: medium.com/@jornalismodigital2018/90-anos-apos-o-crime-da-mala-maria-fea-permanece-como-devoção-popular-681fe5324ab7. Acesso em: 25 out.2020

CAPÍTULO II.

ARQUEOLOGIA DO CULTO AOS/ÀS SANTOS/AS DE CEMITÉRIO

Maria Mercedes Féa, a Maria Féa, e Onofre Gonçalves, o Menino Onofre ou Onofrinho, estão sepultados em cemitérios santistas, Filosofia e Areia Branca, respectivamente. Neste segundo capítulo, para que muitos/as pesquisadores ou demais interessados/as no catolicismo popular compreendam melhor o assunto, há um breve apanhado sobre alguns dados sobre a cidade.

No primeiro item do capítulo, são apresentados alguns fatores relevantes sobre a história e sobre a geografia do município. Os irmãos Andradas e os Gusmões são personagens importantes na história de Santos, do Brasil e do mundo. A santa de cemitério e o anjinho, não tão conhecidos como os primeiros, também fazem parte da história e da identidade santista, pois, mesmo depois da morte, há indícios, através de seus supostos milagres, de que transformaram vidas de devotos/as, moradores ou não da cidade. A presença de dados geográficos deve-se à menção de vários lugares da Baixada Santista, tanto nos vídeos das diferentes narrativas hagiográficas como citados pelas devotas. Assim, a intenção é procurar auxiliar essa localização para aqueles/as que não conhecem ou que não moram na região.

No segundo item, “Uma breve história dos Santos Maria Féa e Menino Onofre”, será mostrada uma faceta do catolicismo popular, o culto aos santos/as de cemitério. Para essa finalidade, foram coletadas “biografias” de Maria Féa e do Menino Onofre, extraídas de vídeos no YouTube, além de reportagens de diferentes sites e livros impressos, mostrando o quanto a troca simbólica entre vivos e mortos ainda está presente no cotidiano brasileiro e sua perpetuação nos meios eletrônicos, como uma opção de escolha para a solução de problemas que persistem em atingir a população, a despeito de todo o progresso obtido nos meios científico e acadêmico.

Convém lembrar que, nesta dissertação, os termos hagiografia e narrativa hagiográfica são utilizados como sinônimos, porque pertencem ao mesmo gênero textual, a narrativa; essa modalidade apresenta uma linguagem conotativa, ou seja,

sugestiona inúmeras interpretações. Assim, no segundo item deste capítulo, são apresentadas diferentes versões sobre a vida e a morte do/a santo/a de cemitério vinculados na internet, como um meio contemporâneo de divulgação semelhante às hagiografias, tão costumeiras na Idade Média, na Península Ibérica. Também, nessas publicações, notam-se como eram e são os costumes, os modos de vida e o imaginário de antigas e novas gerações.

2.1 DADOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

Os primeiros registros históricos apontam que:

Uma provisão de 1544, assinada por Ana Pimentel, nomeou Brás Cubas, Capitão-mor da Capitânia de São Vicente, que proclamou, em definitivo, a independência de Santos, dando-lhe foros de Vila a 1º de novembro de 1546. Distrito criado com a denominação de Santos em 1747 (IBGE, 2017).

Assim, como inúmeras cidades do país, Santos foi o berço de personalidades e fatos históricos relevantes para a história nacional, como:

Em sua história estão registradas a economia açucareira, a dispersão bandeirante e a época do café. Santos ficou famosa por ser pátria de uma plêiade de figuras notáveis: os Gusmões, José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo) e os irmãos Andradas. Foi por causa de um deles, José Bonifácio, o Patriarca da Independência, que a Assembleia Provincial (equivalente hoje à Assembleia Estadual) resolveu aprovar uma lei que elevava a Vila de Santos à condição de Cidade, assinada pelo presidente da Província de São Paulo, Venâncio José Lisboa, em 26 de janeiro de 1839 (IBGE, 2017).

Em vida, Maria Féa e Menino Onofre não tomaram atitudes que mudassem ou transformassem a história nacional; entretanto, no pós-morte, foram sacralizados por seus devotos e suas devotas, por “modificarem” a vida daqueles/as que os procuram e, devido a eficiência de cada um, suas benesses continuam sendo difundidas. O culto aos/às santos/as de cemitério é um costume comum nas diversas cidades brasileiras, mas Maria Féa e Menino Onofre possuem um diferencial – fazem parte da história e da identidade santista, pois anualmente, por ocasião do Dia de Finados, estão há décadas

em diversos textos jornalísticos. Ademais, estão presentes na memória de muitos/as santistas ou moradores de outras cidades próximas, sendo devotos/as ou não.

Em se tratando de manifestações da religiosidade popular, assim como em outras cidades brasileiras, há festas em homenagem a santos do catolicismo oficial. As festas de Santo Antônio ocorrem tanto na Basílica Menor de Santo Antônio do Embaré, situada na avenida Bartholomeu de Gusmão, 32, no Embaré, como também no Santuário Santo Antônio do Valongo, no Largo Marquês de Monte Alegre, 13, no Valongo, com trezenas, procissões e distribuição de pãezinhos no dia 13 de junho. No mês de agosto, é feita a homenagem a Bom Jesus da Ilha Diana – durante a quermesse, são servidos pratos comuns na região, como a tainha, feita na brasa. Em setembro, há a festa de Nossa Senhora do Monte Serrat, padroeira da cidade, quando a imagem da santa sai do Santuário Diocesano Nossa Senhora do Monte Serrat, no Caminho Monsenhor Moreira, 33, no Monte Serrat, desce e fica exposta na Paróquia Nossa Senhora do Rosário – Catedral, na praça Patriarca José Bonifácio, s/nº, no Centro. Em 08 de setembro, a imagem volta a seu lugar de origem, quando é realizada uma grande procissão pelo morro, com vendas de lanches e artesanatos no local.

Ainda em se tratando de manifestações religiosas, vale lembrar que, anualmente, no dia 2 de fevereiro, é realizada a procissão em homenagem a Iemanjá, que consiste numa primeira parte de forma terrestre e, como continuação, outra marítima, com a presença de políticos locais e representantes das religiões de matriz africana. Outra curiosidade que ocorre no município é um cortejo fúnebre de carros em homenagem a moradores do Morro do São Bento, na data de seu sepultamento. O carro da funerária sobe com o corpo, e todos os/as motoristas dos demais veículos promovem um buzinaço. Há queima de fogos de artifício diante da Mitra Diocesana Paróquia Nossa Senhora D'Assunção, na rua São Bento, s/nº, e na residência do falecido/a.

Além de fatos e personalidades históricas, é conveniente salientar alguns aspectos geográficos da cidade. Santos-SP é uma cidade brasileira, situada no litoral

paulista, na macrorregião da Baixada Santista, localidade formada por nove cidades: Santos, Bertioga, Guarujá, Cubatão, São Vicente, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe. Localiza-se a 56km em linha reta e a 79 por estradas da capital do estado, São Paulo. De acordo com o IBGE, em 2019, a cidade contava com uma população estimada em 433.311 habitantes. A maior fonte de economia é o porto, maior da América Latina, seguida pelo turismo, sendo a praia, com seus 7km de jardins, seu maior atrativo. A cidade delimita-se: ao sul com o Oceano Atlântico e Guarujá, ao norte com Santo André e Mogi das Cruzes, a leste com Bertioga e a oeste com Cubatão e Bertioga.

A Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS), criada em 1996 por meio da Lei Complementar Estadual nº 815, é formada por nove municípios, sendo que oito são estâncias balneárias. Seus limites coincidem com os da Região Administrativa de Santos, regulamentada pelo Decreto no 26.581, de 5 de janeiro de 1987. Abrangendo a porção central do litoral do Estado, ocupa área de 2.419,93 km², correspondente a 1,0% do território paulista. (SÃO PAULO, 2019).

A cidade de Santos possui 70 bairros, dos quais 59 estão na parte insular e 11, na área continental. Segundo a Lei Complementar Municipal nº 1006, de 16 de julho de 2018, no Capítulo II, Artigo 8º, na macroárea insular, estão localizados os seguinte bairros: José Menino, Pompeia, Gonzaga, Boqueirão, Embaré, Aparecida, Ponta da Praia, Marapé, Campo Grande, Encruzilhada, Macuco, Estuário, Vila Belmiro, Jabaquara, Vila Mathias, Vila Nova, Valongo, Centro, Paquetá, Porto Alemoa, Porto Saboó, Porto Valongo, Porto Paquetá, Outeirinhos, Porto Macuco, Porto Ponta da Praia, Morro José Menino, Morro Santa Terezinha, Morro Embaré, Morro Marapé, Morro Cachoeira, Morro Nova Cintra, Morro Jabaquara, Morro Caneleira, Morro Santa Maria, Vila Progresso, Morro Chico de Paula, Morro Saboó, Morro do São Bento, Morro do Fontana, Monte Serrat, Morro da Penha, Morro do Pacheco, Castelo, Areia Branca, São Jorge, Rádio Clube, Santa Maria, Caneleira, Bom Retiro, São Manoel, Chico de Paula, Saboó, Piratininga, Alemoa, Vila Hadad, Chinês, Ilhéu Alto e Vila Haydem. De acordo com a Lei Complementar Municipal nº 729, de 11 de julho de 2011, no Título IV, Artigo 37, localizam-se na área continental os bairros: Quilombo, Piaçaguera, Nossa Senhora

de 1846 até 1935, chamado Cemitério dos Ingleses, voltado para os protestantes ingleses que chegavam à região. Localizava-se nas proximidades do Cemitério do Paquetá, área comprada pela Cia. Docas de Santos, na década de 30 do século XX, e, atualmente, utilizada para serviços retroportuários. Quando a necrópole foi desativada, todos os restos mortais foram levados e estão no jazigo perpétuo 358, no Paquetá. No Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos (PRCEU/USP), construção do século XVI, localizada na rua Alan Ciber Pinto, 96, na Vila São Jorge, foram encontrados pelos arqueólogos/as da USP, na parte externa do engenho, dezenove esqueletos humanos. Desses, segundo testes de DNA e pesquisas genéticas, dezessete são de indivíduos que pertenciam aos povos originários; e dois são de origem negroide. Não há cruzeiros, ou qualquer outra indicação de que se trata de um cemitério, porém, durante visitas guiadas, os/as monitores/as indicam o exato local onde foram encontrados os restos mortais desse grupo.

O Cemitério da Filosofia, popularmente conhecido como Cemitério do Saboó, foi inaugurado em 1892, localiza-se na praça Rui Lugo Viana, s/nº, no sopé do Morro do Saboó, e onde encontra-se o escritório da administração da necrópole. Há, também, uma segunda entrada, voltada para a Avenida Martins Fontes, aberta em ocasiões especiais, como no Dia de finados, conforme ilustram as fotografias abaixo:

FIGURA 1: CEMITÉRIO DA FILOSOFIA, ENTRADA RUA LUDO VINA, S/Nº



Fonte: Acervo Pessoal

FIGURA 2: CEMITÉRIO DA FILOSOFIA, ENTRADA AV. MARTINS FONTES



Fonte: Acervo Pessoal

Muitas de suas campas são mais simples do que as encontradas no Cemitério do Paquetá. Este foi fundado em 30 de novembro de 1854 e está situado na rua Dr. Cochrane, s/nº, onde estão enterradas personalidades famosas na região e no restante do país, como o pintor Benedito Calixto e o ex-governador do estado Mário Covas. Mas o

Cemitério da Filosofia tem sua relevância histórica para o município, pois lá estão localizados os mausoléus dedicados aos atletas e aos maçons santistas. Maria Féa e as meninas Jandaia Sousa Marques, Nayla Mazzitelli de Almeida e Tamires Paulino Antônio de Matos são as santas do cemitério. A primeira, conforme versão local, vítima do famoso Crime da Mala, em 1928, é uma das mais cultuadas na região. Em seu túmulo, encontram-se muitos ex-votos, entre eles, vestidos de noiva, que são doados para a Igreja Nossa Senhora de Fátima, situada nas proximidades, consertados por voluntários e doados a famílias carentes. A menina Nayla faleceu aos dois anos na década de 90 do século passado e sua família fundou, em sua homenagem, a Associação Beneficente Amor à Vida, que segue a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, e a creche Nayla Mazzitelli de Almeida, ambas em São Vicente-SP.

O Cemitério da Areia Branca, atualmente, está localizado na avenida Nossa Senhora de Fátima, s/nº, no bairro de mesmo nome, e, nele, está instalado o Mausoléu da Polícia Militar. Foi inaugurado em 1953 e, segundo a historiadora Eulâmpia Requejo Rocha, situava-se no Caminho São Vicente, 3.

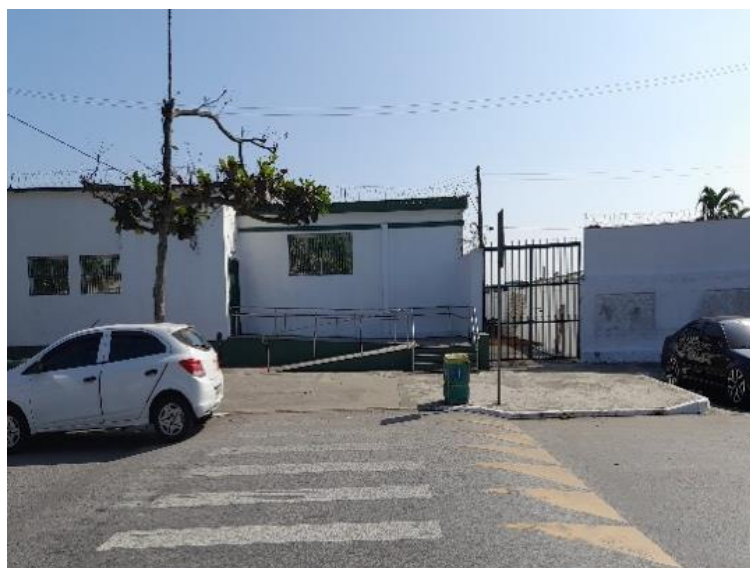
³ *In*: novomilenio.inf/santos/h0204e.htm. Acesso em: 18 out. 2020.

FIGURA 3: CEMITÉRIO DA AREIA BRANCA, ENTRADA AV. N. SENHORA DE FÁTIMA, S/Nº



Fonte: Acervo Pessoal

FIGURA 4: CEMITÉRIO DA AREIA BRANCA, ENTRADA SECUNDÁRIA AV. N. SENHORA DE FÁTIMA,



Fonte: Acervo Pessoal

Nele, quatro “anjos” são largamente cultuados: Condília Maria Rosa dos Santos, falecida em 1968; Dulcineia de Souza, sepultada em 1971; Onofre Gonçalves, em 1956; e Fabiano Ferreira dos Santos, morto em 1989. A respeito do terceiro, vale lembrar que, mesmo com a data de nascimento e morte em seu túmulo, há controvérsias a respeito da existência de um corpo ali enterrado; além disso, segundo funcionários da administração do cemitério e sepultadores, não há documentação que comprove a data de falecimento e a causa da morte de

todos eles, pois o local é frequentemente inundado e, somente, depois dos anos 2000, houve um real interesse, a partir da digitalização de documentos de todos os falecidos que permitiu acesso aos dados. Ainda, de acordo com as palavras deles, as sepulturas só permanecem no mesmo lugar devido à tradição popular, pois, pelo tempo que estão no local, já poderiam ter sido encaminhados ao ossuário e à cremação. Em face desses dados, em pesquisas no cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutelas do Primeiro Subdistrito de Santos-SP, situado na Rua Amador Bueno, 203, no Centro, foi retirado uma Certidão de Óbito de Onofre Gonçalves, com dados sobre nome completo, filiação, causa de morte e local de sepultamento, cuja cópia encontra-se no Anexo 2 desta dissertação.

O bairro da Areia Branca foi ocupado desordenadamente, a partir da década de 20 do século passado, por pessoas oriundas de outros estados que vinham à procura de empregos na cidade de Cubatão, por santistas desabrigados devido a constantes desmoronamentos nos morros da cidade e por outras que se viram obrigadas a mudar do bairro da Alemoa pelo motivo da construção da Rodovia Anchieta. Uma das motivações para o nome do bairro deve-se ao da necrópole, cuja inauguração foi um marco para a história da cidade.

O primeiro grande empreendimento da Prefeitura na Zona Noroeste foi a construção do Cemitério da Areia Branca, inaugurado em 1953 pelo então prefeito Ezequiel Feliciano da Silva, no meio de uma gigantesca comunidade com cerca de 7 mil moradores, conhecida como “Coréia” ou “Gonzaguinha”. Oficializado em 1968, o bairro recebeu este nome por causa de suas areias claras e por causa da necrópole, e, também numa tentativa de retirar os apelidos pejorativos.⁴

Tal qual o bairro, com suas muitas ruas construídas desordenadamente, a maioria das campas são muito simples e estão dispostas de forma desordenada. Por muitas vezes, devido à má conservação, são deterioradas pelas águas de diversas enchentes que ocorrem todos os anos na região, além do movimento de carros, ônibus e caminhão, que circulam nas ruas próximas ao cemitério. A foto, a seguir, extraída da versão *online* do jornal Folha de S.Paulo, de 20 de novembro de 2018, ilustra a queda do muro, com exposição de ossos, uns dos problemas vividos na ocasião. A Prefeitura arrumou o muro, porém não solucionou problemas como vias e calçadas em péssimo estado de conservação, o que talvez leve muitos devotos/as a não comparecerem mais ao cemitério, afastando-se dos seus santos/as de cemitério de sua devoção.

⁴ *In*: www.resjeroteirosbaixadasantista.prceu.usp.br/sitio/cemiterio-areia-branca. Acesso em: 14 out. 2020.

FIGURA 5: CEMITÉRIO DA AREIA BRANCA – CONSEQUÊNCIAS DAS CHUVAS DE NOV. 2018



Fonte: Elaine Granconato/Folhapress⁵

Os cemitérios municipais santistas estão localizados em bairros carentes que necessitam de um olhar apurado por parte das políticas públicas. As necrópoles são museus a céu aberto, onde estão sepultados personagens importantes no Brasil Império e República, como, por exemplo, Eduardo Collen Leite, o Bacuri, sepultado no Areia Branca, líder da Resistência Democrática (REDE) no período da ditadura militar no Brasil, morto em 08 de dezembro de 1970, no Forte dos Andradas, no Guarujá-SP, e servem de palco para manifestações religiosas, tanto do catolicismo popular, presente no cotidiano brasileiro desde a colonização, como também de outras denominações religiosas. No entanto, devido à falta de conservação e ao pouco policiamento, esses traços da cultura e da história brasileira estão sendo ofuscados.

2.2 UMA BREVE HISTÓRIA DOS SANTOS MARIA FÉA E MENINO ONOFRE

A devoção aos/às santos/as é uma característica do catolicismo popular, que,

⁵ GRANCONATO, Elaine. Queda de muro de cemitério destrói gavetas e expõe caixões e ossos em Santos. *In*: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/11/queda-de-muro-de-cemiterio-destroi-gavetas-e-expoe-caixoes-e-ossos-em-santos.shtml>. Acesso em: 15 out. 2020.

de acordo com Negrão:

Falar em “catolicismo popular”, no caso brasileiro, significa restringir sob essa rubrica uma ampla e diversificada gama de formas concretas de catolicismo que, constituídas durante o Brasil colônia, atravessam o período Imperial e a República Velha, chegando aos dias atuais. Foi introduzida no Brasil pela colonização portuguesa – não propriamente o catolicismo dos padres missionários, mas o catolicismo das aldeias portuguesas, com seus santos padroeiros familiares festejados em datas especiais e seu culto “às almas”, adaptado às variações ambientais e sociais da nova terra (NEGRÃO, 1984, p. 19).

Outro importante aspecto do catolicismo popular a ser mencionado é a “predominância dos leigos e sua relativa autonomia frente à hierarquia eclesiástica” (NEGRÃO, 1984, p. 18).

Como parte do catolicismo popular, em muitos lugares, no Brasil, existe a devoção a santos/as de cemitério. No caso específico da cidade de Santos, existe a prática de devoção popular aos seguintes santos/as: João Gommensoro Wandenkolk, no Cemitério do Paquetá; Maria Mercedes Féa e as anjinhãs Jandaia, Tamires e Nayla, no Cemitério da Filosofia; os meninos Onofre e Fabiano, além das meninas Dulcineia e Condília, no Areia Branca, totalizando nove santos de cemitério de Santos. Wandenkolk e Maria Féa faleceram em idade adulta; os demais, na infância, e são, também, chamados de anjos. Segundo, Oscar Calavia Sáez:

Falou-se até agora em santos, para se referir a Toninho, a Jandira, às crianças e outros seres afins. [...] Com alguma justiça: fazem milagre, têm devotos que lhes pedem graça. O povo se comporta ante eles como ante santos de altar; quer dizer, ante sua sepultura. [...] São também mortais e por isso escolhem como cenário as transações entre ambos os mundos, o dos vivos e o dos mortos, e como palco, o recinto do cemitério (SÁEZ, 1996, p. 138-139).

Os/as santos/as de cemitério escolhidos não estão em nenhum panteão de qualquer denominação religiosa, mas são reverenciados pelo povo em diversos lugares, à revelia de instituições religiosas.

Nesta dissertação, optou-se por abordar dois deles: Menino Onofre e Maria Féa. Em sua dissertação de Mestrado, Mello (2006) relata a biografia de Maria Féa, baseada em jornais e sites. Para esta pesquisa, decidiu-se consultar vídeos no YouTube que trazem narrativas biográficas de ambos. Há dois livros, “Maria Féa”: o crime da

mala, de Silmara Gomes, que narra a trajetória de Maria Féa e Giuseppe Pistone, e “O crime da Galeria Cristal” – e os dois crimes da mala, de Boris Fausto, que trata da relação entre homicídios e imigração na cidade de São Paulo, no início do século XX. Vale a pena mencionar que existe um outro material, uma película, sobre o ocorrido, porém as imagens, ainda, estão indisponíveis na internet. Na década de 30 do século passado, era comum que o tema de filmes mudos nacionais girasse em torno de crimes hediondos. Para o caso de Maria Féa não foi diferente, pois há um filme sobre o fato, intitulado “A sensacional tragédia silenciosa da rua Conceição”, dirigido por Francisco Madrigano. Foi exibido em 1932 nas telas de cinema da cidade de Santos, de São Paulo e de algumas capitais de outros estados, o que talvez tenha incentivado o surgimento e a divulgação da devoção naquela época.

A historiografia mostra uma vasta quantidade de documentos, como jornais de época, livros e sites sobre Maria Féa, que atestam o nascimento, morte e devoção à santa de cemitério. Em contrapartida, o mesmo não ocorre com o Menino Onofre, nem mesmo com os demais santos de cemitério que estão enterrados na mesma necrópole. Na internet e nos jornais locais, há reportagens evidenciando a grande procura por eles no Dia de Finados. Desde 2000, há digitalização para a identificação de todos os corpos enterrados no Areia Branca; no entanto, não é possível executar esse procedimento para falecimentos anteriores, cujos registros eram feitos no papel. Segundo funcionários, diversas enchentes, ocorridas no bairro no decorrer dos anos, colaboraram para que essa documentação fosse perdida.

Para esta dissertação, com a finalidade de mostrar as diferentes narrativas biográficas do Menino Onofre, um site e um vídeo no YouTube foram encontrados. No decorrer dessa pesquisa, houve um obstáculo – os depoimentos foram coletados sob o ponto de vista do devoto, sem consulta a documentos que comprovassem a existência do santo de cemitério. A documentação que comprova ou não se um santo de cemitério nasceu e viveu é importante para o pesquisador, porque auxilia na delimitação da linha

de pesquisa do cientista da religião; entretanto, para o devoto, isso é irrelevante, pois a devoção faz sentido para o seu cotidiano. Explicação semelhante sobre a origem dos mitos entre indígenas é encontrada na obra de Pedro Demo, em que relata que “Para eles, porém, não se tratava de mitos, mas pura e simplesmente de explicação objetiva da realidade” (DEMO, 1985, p. 20).

2.2.1 Maria Mercedes Féa

FIGURA 6: EX-VOTO PRESENTE NA CAMPA DE MARIA FÉA.



Fonte: Acervo Pessoal

Maria Mercedes Fea está sepultada na campa n.º 624, quadra 6-A, no Cemitério da Filosofia. Para tratar da história dela, optou-se por abordá-la em duas diferentes formas de linguagem: oral e escrita. Para trabalhar a oralidade, foram recolhidas informações em sete vídeos encontrados no YouTube, aspecto que facilita para devotos/as ou curiosos/as com maior e menor grau de instrução. Foram também utilizados os textos já citados: “Maria Féa”: o crime da mala 1928, e “O crime da galeria cristal” – e os dois crimes da mala. Para um/a devoto/a, o acesso, talvez, se torne mais difícil, devido a dois aspectos, a linguagem e o valor monetário. A primeira obra concentra-se em narrar apenas a trajetória de Maria Féa e Giuseppe Pistone, além da devoção popular, e, para isso, possui uma linguagem mais simples, acessível a diversos tipos de público. A segunda, nem tanto, pois há termos que fazem parte de diferentes áreas, como a jurídica, e a indicação de datas, que fazem alusão a fatos da história do Brasil e do mundo, ou seja, o público-alvo é mais restrito, principalmente, formado por historiadores, ou oriundos da área do Direito. As versões e-book e no formato de papel são vendidas pela internet, com preço, talvez, inacessível a muitos/as devotos/as. A

partir dessas observações, constatou-se que não há uma “hagiografia” para essa santa de cemitério, há várias, sendo a transmissão boca a boca a mais viável.

Na reportagem feita por Marcio Guimarães, repórter da emissora santista TV Santa Cecília, e para seu canal do YouTube, o objetivo é divulgar e vender a obra de Silmar Gomes, o livro intitulado “Maria Féa”: o crime da mala 1928, tanto na versão em papel, como em e-book. Numa tentativa de persuasão à compra, o autor afirma que, para concluir seu projeto, fez uma pesquisa baseada em textos jornalísticos da época, a respeito do famoso Crime da Mala, pois sempre teve uma grande curiosidade a respeito dos fatos em que Giuseppe Pistone é réu. Nesse vídeo, encontra-se uma breve narrativa do ocorrido diante do túmulo dessa santa de cemitério; além disso, evidencia-se que a devoção pertence ao catolicismo popular, deixando-se claro ao ouvinte que Maria Féa não é canonizada⁶ pela igreja oficial. Para reforçar a ideia de que a ela são atribuídos milagres, há o depoimento de uma devota, que assegura que já foi agraciada por diversos milagres. Esse último dado corrobora com o observado também em nossas entrevistas, o surgimento da devoção no meio familiar.

No livro “Maria Féa”: o crime da mala – 1928, Simar Gomes, baseado em textos jornalísticos e nos estudos de Milton Bednarski, apresenta trechos da biografia da santa de cemitério desde a infância, em Canelli, na Itália, seu falecimento em São Paulo e a repercussão do seu assassinato. Explica que o aborto de Maria Féa não é algo miraculoso, como salientado, na época dos fatos, pela população, pois foi cientificamente comprovado, após autópsia do corpo, que o feto seria expelido naturalmente. Assim como Damatta, entrevistado no programa *Linha Direta Justiça*, em 2005, quando trata dessa devoção, afirma que não é sua preocupação a veracidade dos milagres. Uma pequena crítica, mesmo não mencionada, às políticas públicas é feita, enfatizando que, na falta de uma perspectiva, um norte para a resolução dos problemas, a solução encontrada pelo povo carente é solicitar ajuda ao transcendente, sendo ele pertencente a um panteão oficial ou não, o

⁶ Canonização é o processo canônico adotado pela igreja católica para reconhecer uma pessoa como santa.

que é recorrente nas palavras dos/as entrevistados/as. Para Gomes, a devoção a santos de cemitério ocorre no Brasil devido ao sincretismo religioso; e, em se tratando de Maria Féa, a divulgação também é transmitida através da *mass mídia*, sendo Gil Gomes, famoso jornalista e devoto fervoroso de Maria Féa, um divulgador da devoção.

Em entrevista ao Jornal A Tribuna, de Santos, o falecido padre Antônio Olivieri aponta que a maior procura por representações como a italiana se dão por se tratarem de vítimas de morte dramática, o que as torna “vedetes do povo”. O culto a milagreiros e santos não canônicos no Brasil ainda é aceito graças ao sincretismo religioso existente. [...] No entanto acredita-se que todo esse processo burocrático é desnecessário, pois o povo já aclamou Maria Féa como santa. A mistura de credos que podem ser demonstrados nos ex-votos e manifestações populares é o que torna esta personagem mais interessante. Os devotos buscam nela tudo aquilo que não conseguem por outros meios. Na verdade, o ex-voto valida o pedido atendido. A fé popular está acima disso tudo. No espiritismo, porém, a italiana é tida como um espírito evoluído, sendo a sua morte trágica uma forma de ajudar nessa evolução, ou simplesmente, uma maneira de resgatar algo que deixou para trás em sua reencarnação anterior (GOMES, 2013, p.55).

No vídeo “O crime da mala” – A triste história de Maria Féa, exibido no YouTube, a autora Carla Tito, moradora da Baixada Santista, afirma ser uma apaixonada pelo local, motivo que a levou a fazer pesquisas, principalmente, sobre lendas e histórias de Santos cujo cenário é a faixa do porto, uma vez que fez estágio em um navio-escola. Num linguajar “jovem”, porém sem cair na informalidade, Tito, baseada em texto redigido para o blog Memória Santista, relata a história do feminicídio ocorrido em 1928, inserindo detalhes como nomes de ruas onde Guiuseppe Pistone morava com sua esposa, Maria Féa, valores gastos com transporte, a possível motivação para o crime e o destino do réu. A apresentadora afirma que há muitos anos, Maria Mercedes Féa é uma “santa popular”, e para fundamentar seu argumento relata que graças e milagres são atribuídos a ela; além disso, enfatizando esse teor divino, esclarece que o mausoléu dedicado à santa de cemitério foi construído por uma família de devotos, características essas relativas ao catolicismo popular. A *youtuber* utiliza a mídia eletrônica não só para chamar a atenção para o feminicídio, dado ainda presente no Brasil nos tempos atuais, mas também para que as tradições, como o catolicismo popular e como a devoção aos santos de cemitério, além da cultura da população da Baixada Santista sejam conhecidas

por diferentes públicos, principalmente, adolescentes e jovens, tão conectados aos meios eletrônicos. Tito instiga o público a fazer pesquisas e, para isso, fornece um *link*, direcionando aqueles que pretendem se aprofundar no assunto⁷.

O vídeo “Crime da mala” – 50 anos (1978), divulgado no YouTube, é um documentário exibido em razão do ano do cinquentenário do crime que envolveu o assassino Giuseppe Pistone e a vítima Maria Fea. Nele, encontram-se os depoimentos do delegado, Doutor Milton Bednarski, que investigava o crime por conta própria; e do senhor Romão Ximenes, coveiro encarregado do sepultamento de Maria Féa. Dando maior credibilidade ao documentário, foram mostradas fotos que se encontram no Museu do Crime, na Cidade Universitária, em São Paulo; além de recortes de jornais da época, como Folha de Santos, O Globo, Folha da Noite, A Noite, Gazeta do Povo, Praça de Santos e Diário da Noite. Além disso, foram feitas gravações no Porto de Santos, mais exatamente no armazém para onde a mala com o corpo foi levada, e no local do assassinato, na atual rua Líbero Badaró, em São Paulo-SP. Embora com a qualidade do som prejudicada, o catolicismo popular é abordado com riqueza de detalhes. Durante 50 anos, missas em memória a Maria Mercedes Féa foram celebradas no Santuário Santo Antônio do Valongo, também em Santos, solicitadas pelos/as devotas/as da santa de cemitério. Numa dessas ocasiões, foi retratado o tumulto durante a distribuição de santinhos e orações no final de cada cerimônia. Ainda, em se tratando desse documentário, há depoimentos de fiéis, relatando graças alcançadas, tanto na necrópole, como na entrada do Santuário e, por fim, o administrador do Cemitério da Filosofia, no final da década de 70, explica, baseado no livro de registros, o quão é difícil a família de Maria Féa levar seus restos mortais, uma vez que a campa é perpétua desde os anos 50, evitando assim revolta entre os populares.

No Jornal A Tribuna, de 03 de outubro de 1978, em meio à reportagem “Santa Maria Féa – 50 anos”, José Carlos Silva cita relatos de alguns devotos, de Santos

⁷<http://memoriasantista.com.br/?p=4352>

Silva, um dos médicos legistas responsáveis pela autópsia, e do coveiro Romão Ximenes, atestando o fato e a devoção à santa de cemitério. O horário da missa em nome de Maria Féa, no Santuário Santo Antônio do Valongo, é divulgado e, segundo estimativas, esperavam-se inúmeros/as devotos/as na igreja, além da visitação na campa, em virtude ao aniversário de 50 anos do ocorrido:

Amanhã, às 8:30 horas, a Igreja de Santo Antônio do Valongo estará recebendo dezenas de pessoas. A campa 624 do Cemitério do Saboó, também. Milhares de devotos rezarão pela alma de Maria Mercedes Féa, vítima do cruel crime da mala, ocorrido há exatamente 50 anos. (SILVARES, 1978, p. 7)

Atualmente, missas em nome de Maria Mercedes Féa ainda são celebradas no Santuário; porém, segundo informações fornecidas por funcionários da administração e por frequentadores durante visita ao local, em 11 de agosto de 2020, elas ocorrem de forma esporádica e com número reduzido de participantes.

No canal oficial de Eli Corrêa no YouTube, o radialista narra a biografia de Maria Féa, com uma série de detalhes que estão presentes, também, em seus programas de rádio, com recursos de sonoplastia que dão certo ar de suspense à história. Corrêa relata o feminicídio, apontando a causa da morte de Maria Féa por esganadura. E para completar a tragédia, o locutor afirma que Pistone esquartejou sua esposa com uma navalha, colocando os restos mortais em uma mala e levando-a para que fosse embarcada no porto de Santos para Bordeaux, na França. A motivação para o crime foi uma carta endereçada a Marcelina Baire, mãe de Pistone, em que Maria Féa conta as traições do marido e o hábito de apostar dinheiro nos jogos de azar. Corrêa informa que, segundo os jornais impressos de Santos, quando o crime completou um ano, mais de 3.000 devotos compareceram ao cemitério para pedir ou agradecer pelas graças alcançadas. Além disso, comenta o caso de Romão Ximenes, coveiro da necrópole, que solicitou a intercessão da santa de cemitério no parto de seu primeiro filho. No rádio AM, Corrêa difundia o catolicismo popular por meio da menção à devoção a Santo Expedito. No YouTube, em seu canal oficial, com mais de 2.000 visualizações, atua da

mesma forma, porém, nesse vídeo, aborda uma “santa” canonizada pelo coração do povo, ajudando a evitar que uma passagem da história santista não caia no esquecimento.

O vídeo “O crime da mala/Vim de Santos#9”, com roteiro e revisão de Davi Giuffrida e Nicolas Hegedus, narra a trajetória de Maria Féa, porém com uma linguagem coloquial, fato que o diferencia dos demais, e que compromete a seriedade que o tema necessita, uma vez que essa narrativa de vida, a campa e a própria santa de cemitério são consideradas sagradas pelos/as devotos/as. Afirma que o crime ocorreu em Santos e o estopim para essa ocorrência foi uma carta que a vítima iria enviar para sua sogra, alertando-a de que Pistone estava mentindo ao relatar que precisava de dinheiro para concretizar uma sociedade com seu primo, Francesco Pistone, dono de uma loja de vinhos e salames em São Paulo, o que procurava evitar, assim, um crime de extorsão. Ressalta-se que a utilização de malas para ocultação de cadáveres esquartejados é recorrente em outros casos, ditos macabros, até os tempos atuais. Para exemplificar, o *youtuber* cita o assassinato de Marcos Matsunaga por sua esposa Elize Matsunaga, com grande repercussão nacional, em 2012, e o feminicídio de Cláudia Macchione de Sampaio morta por seu filho Carlos Macchione de Sampaio, com maior divulgação regional, em 2013. Os assassinatos tiveram requintes de crueldade e os réus foram presos; no entanto, de acordo com essa exibição, o que os diferencia é que apenas Maria Féa é santa de cemitério até o presente momento, com peregrinações religiosas a seu túmulo.

No programa para o YouTube Sexta Insana, Cintia Artea apresenta o vídeo intitulado “O crime da mala”. Artea narra o episódio do crime cometido por Giuseppe Pistone. Nele, a *youtuber* afirma que Pistone e Maria Féa nasceram no norte da Itália, em Canelli, e se conheceram num navio a caminho de Buenos Aires. O autor do crime, por sua vez, vinha tentar a vida na capital portenha, trazendo dinheiro herdado devido ao falecimento de seu pai; Maria Féa vinha com o objetivo de visitar familiares. O crime

foi cometido em São Paulo e os vizinhos do casal, mesmo ouvindo pedidos de socorro, não se mobilizaram para socorrer a vítima. A mala com os restos mortais foi trazida para o porto de Santos para embarcar para Bordeaux, na França, sendo despachada por três romenos, tendo um suposto destinatário, chamado Francisco Ferrero. No entanto, Pistone foi descoberto e condenado pelos crimes de homicídio, latrocínio e ocultação de cadáver; em 1944, foi beneficiado por um decreto do presidente Getúlio Vargas e sua pena foi reduzida. Artea salienta que o assassino, já liberto, casou-se novamente e viveu até seus últimos dias na cidade de Taubaté-SP. A *youtuber* menciona que a mala do crime está no acervo do Museu do Crime, na Cidade Universitária, em São Paulo, e incentiva estudantes de Direito e demais interessados a uma visita a esse lugar, porém adverte que é proibido tirar fotos de todos os objetos em exposição. Além disso, informa que o túmulo de Maria Féa foi construído em 1951 por um casal que teria alcançado graças; e a devoção se mantém até os dias atuais, pois muitos vestidos de noiva, presentes no local, comprovam que muitas devotas recorrem à santa do cemitério com a intenção de obter um bom casamento.

A biografia de Maria Féa foi abordada em 2005, no programa Linha Direta Justiça, exibido pela TV Tribuna, afiliada da TV Globo na Baixada Santista e no Vale do Ribeira, o que pode ser revisto no vídeo “O crime da mala” – TV Globo 2005. Com um ar de suspense e de terror, com a narração de Marly Bueno e com a apresentação de Carlos Dornelles, o feminicídio é narrado, além de encenado pelos atores Ana Paula Tabalipa e Gabriel Braga Nunes, nos papéis principais. Percebe-se que, para realizar a exibição, uma sólida pesquisa foi elaborada, com a colaboração de profissionais de diferentes áreas do conhecimento: José Carlos Silveiras, jornalista; Abdalla Achcar, advogado criminalista; Marco Antônio Xavier, especialista em Museologia e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP-SP); Milton Bednarski, delegado e investigador de polícia, que dedicou mais de 50 anos às pesquisas de crimes hediondos na cidade de São Paulo entre os anos 1870-1962; e o antropólogo e sociólogo Roberto

Damatta.

Sobre os comentários dos diferentes profissionais, convém destacar que Milton Bednarski investigou por conta própria o feminicídio, dado esse que serviu de embasamento para a exibição. Foi ele quem descobriu, depois de décadas, que a motivação para o crime, diferentemente da afirmação de Pistone, de que sua esposa tinha um amante, foi o dinheiro, verdadeiro estopim para o assassinato. Segundo suas palavras “encontrei o enteado de Giuseppe que me revelou que no leito de morte do seu padrasto estava a foto de Maria Féa mostrando o remorso que perdurou até a sua morte”⁸. Além disso, relata que o assassino dormiu três noites com o cadáver antes de levar para Santos. Por ter tantos detalhes macabros, Bednarski afirmou, em entrevista para a Jovem Pan News, que esse crime foi aquele que causou o maior alarde no estado, em toda a história da Polícia Civil de São Paulo. O antigo investigador e delegado estudou inúmeros outros crimes famosos, como o assassinado de Euclides da Cunha, por Dilermando de Assis. Bednarski montou um acervo em seu escritório com fotos antigas de crimes de repercussão local e nacional, reportagens, documentos oficiais, o busto de Pistone e terra retirada da campa de Maria Féa, para que fosse colocada em vaso de plantas. Ainda em vida e após seu falecimento, em 2016, esses objetos gradativamente foram levados para o acervo de um segundo Museu do Crime na capital paulista, que leva o seu nome, localizado no prédio da Associação de Investigadores da Polícia Civil do Estado de São Paulo, na rua Cásper Líbero, 535.

Ainda no vídeo “Crime da Mala” – TV Globo 2005, características do catolicismo popular são expostas, como por exemplo o depoimento da devota Elisabete Prado dos Santos e da zeladora da campa, Marli de Paula Augusto, que afirmam que alcançaram graças. Ao analisar as palavras e as ações de ambas, Roberto Damatta afirma que não discorda das fiéis e explica que, mesmo que a santa de cemitério não seja

⁸ [vice.com/pt_br/article/gqe44x/o-curioso-museu-da-morte-do-dr-milton](https://www.vice.com/pt_br/article/gqe44x/o-curioso-museu-da-morte-do-dr-milton). Acesso em 18 ago. 2020.

reconhecida pela igreja oficial, há uma relação de troca simbólica; e, enquanto essa situação perdurar, a devoção será um gesto habitual:

A promessa – o pacto ou o contrato com o santo – possibilita gerar ligações imaginárias. A graça é recebida como Dom que a divindade concede ao fiel pela fidelidade ao pacto. Cria-se uma relação de dependência do santo, o que Mauss chama acima de ligação mágica. Apesar do contrato estar no âmbito religioso, ele perpassa não só a dimensão religiosa, mas toda a vida social do fiel. É uma relação de poder que o santo confere sobre o fiel (PEREIRA, 2011, p. 15).

No livro “O crime da galeria Cristal”: E os dois crimes da mala, o historiador Boris Fausto aborda três homicídios ocorridos no início do século XX, na cidade de São Paulo, e a repercussão que causaram na imprensa daquela época. Em relação ao caso Maria Féa, o autor narra o feminicídio, indicando locais por onde a vítima e o assassino teriam passado e residido, e faz uma análise dos textos jornalísticos apontando que, por trás de notícias sensacionalistas do crime, havia a divulgação de uma ideologia política, numa tentativa de persuasão de mudanças comportamentais, provavelmente xenofobia:

O Estado de São Paulo, por exemplo, publicou minuciosas reportagens sobre o fato, mas não admitiu que ele “poluísse” sua primeira página. Em contraste o Diário Nacional, órgão do Partido Democrático, afim ao Estadão, abriu manchetes no seu frontispício para contar a história do crime e seus desdobramentos. O jornal fazia cerrada oposição ao Partido Republicano Paulista e combatia o fascismo de Mussolini, assim como os fascistas da colônia italiana. Não era, pois, acidental que entre os vícios de caráter de Pistone, o jornal tenha arrolado a circunstância de que o criminoso seria um ardiloso fascista (FAUSTO, 2019, p. 216).

Fausto afirma que, nos três casos, os réus caíram no esquecimento popular no transcorrer do tempo, porém o mesmo não aconteceu com Maria Mercedes Féa. A lembrança deve-se à devoção popular, afirmando que inúmeras pessoas vão à campa com a intenção de pedir benesses ou agradecer pelos milagres recebidos todos os anos no dia 02 de novembro; além disso, ex-votos e placas atestam a eficácia da santa de cemitério. O autor explica essa “santidade” por meio de um paralelo entre o catolicismo institucional e o popular, apresentando características comuns a ambos:

Pela brutalidade do delito, pelas injúrias que Pistone lançou contra ela, pelo fato de estar grávida, Maria Féa foi transformada em santa popular, posta simbolicamente no panteão em

que figuram a menina Izildinha, Antoninho Marmo, Antônio Marcelino (Menino da Tábua) e tantos outros. [...] A santificação popular de Maria Féa tem muito a ver com a história de sacrifício e martírio, características aliás frequentes na vida de pessoas oficialmente reconhecidas como santas pela Igreja Católica (FAUSTO, 2019, p. 234).

Nos arredores do Cemitério da Filosofia, há algumas bancas de flores e de velas, além de um comércio formado por bares, floriculturas e venda de placas para campas. Nesses locais e no mausoléu de Maria Féa, encontram-se milhares de santinhos distribuídos por devotos/as (cf. Figura 7).

FIGURA 7: ORAÇÃO A MARIA FÉA

**Oração Milagrosa de
SANTA MARIA MERCEDES FÉA**

*Óh milagrosa Santa
Vós que estás no Plano Celestial
Intercedei por nós,
Que pedimos no fundo
do nosso coração,
para suportarmos com resignação
e coragem as vicissitudes
da vida terrena.
SANTA MARIA FÉA
Ajuda-nos a ter Paz
em nosso Sacrossanto Lar,
Livrai-nos do perigo e que
todos nossos amigos e inimigos
possam se beneficiar dessa Oração.
Assim, repleto de sua fé
Atestamos nossa gratidão
E pedimos à MARIA SANTÍSSIMA
Que fortaleça sua luz Espiritual.*

Por uma graça alcançada

Maria Mercedes Féa
Nasceu em Canelli - Itália em 1906
morreu em 4 de Outubro de 1928



CAPELA DOS MILAGRES
No Cemitério FILOSOFIA
Sabóo em Santos

Campa nº 624 Quadra 6-A

Fonte: Acervo Pessoal

Como ilustrado na Figura 7, embora dirigida a uma santa de cemitério, a oração é semelhante àquelas difundidas pelo catolicismo oficial, com verbos conjugados em segunda pessoa do plural, interjeições e um certo distanciamento – principalmente, com muito respeito. Há uma mescla entre o popular e o institucional, o que não é um empecilho ao/à devoto/a, pois a devoção faz sentido para essa pessoa, uma vez que, ao

distribuir a oração, comprova-se que o objetivo almejado foi concluído; e, para que esse círculo não seja quebrado, a distribuição é uma opção para outros/as que procuram ajuda para suas agruras.

2.2.2 Menino Onofre

FIGURA 8: SEPULTURA DE ONOFRE GONÇALVES



Fonte: Acervo do grupo Mães de Maio

Onofre Gonçalves, o Menino Onofre ou Onofrinho, está sepultado no Cemitério da Areia Branca, no jazigo nº 03. É um “anjinho”, santo de cemitério, e de acordo com devotos/as e placas de ex-votos, a ele são atribuídos milagres. Segundo a placa afixada em sua sepultura, nasceu em 21 de novembro de 1950 e faleceu em 23 de abril de 1956, porém há, segundo a historiadora Leda Mondin, controvérsias em relação a essas datas, inclusive, há dúvidas se há alguém ali enterrado. No entanto, para devotos e devotas, em face as datas expostas na sepultura, percebe-se que a morte talvez tenha

ceifado uma vida de progressos e de boas virtudes:

As sensibilidades e a comoção social se exacerbam quando se trata de uma “anjinho”. A negação de uma infância feliz, roubada pelas tragédias que provocaram as mortes prematuras, constituiu-se na arquitetura de um sentimento de dor e de comoção coletiva. As tragédias suscitaram compaixões e construíram as imagens de santidades (BAETA, 1999, p. 65).

Corroborando com esse ponto de vista, a historiadora Leda Mondin, que tem como objetivo contar a história da Zona Noroeste de Santos e pontos de maior interesse no local, menciona a origem da devoção aos santos de cemitério do Areia Branca, em reportagem do jornal A Tribuna, de 26 de agosto de 1982. Para isso, recolhe depoimentos de alguns/algumas devotos/as, que demonstram o quanto a “hagiografia” do Menino Onofre, além da Menina Condíflia, é controversa. Segundo Mondin (1982), “poucos dos devotos contam a história deles com segurança. Repetem o que ouviram falar, misturam um pouco de crença própria e só têm certeza mesmo que os dois são capazes de grandes milagres”.

De acordo com suas pesquisas, Mondin salienta que há inúmeras versões de “hagiografia”, fazendo a citação de duas delas. A primeira é de Eloy Franchini, administrador do cemitério em 1982, quem recorre a um velho e empoeirado livro para confirmar que Onofre Gonçalves é filho de Pedro Gonçalves e morreu de meningite na Santa Casa de Misericórdia de Santos. Por outro lado, mesmo com diferentes interpretações, e com o livro de registros do cemitério, a estudiosa não se convence da veracidade dos fatos, afirmando que: “Não se sabe até que ponto essa e outras versões são verdadeiras [...]”⁹. Outro depoimento que chama a atenção é a da devota Creusa Maria Peres Castanho, por supor que Menino Onofre seria indigente.

Segundo Creusa ouviu falar, o menino Onofre estava enterrado sob uma árvore à direita de quem entra no cemitério, como indigente. De uma época em diante começou a baixar em uma senhora, chamada Inês, e ela se encarregou de construir o túmulo. Só que essa mulher passou a cobrar as consultas espíritas e Onofre se afastou dela. Atualmente baixa em um senhor no Gonzaga (MONDIN, 1982).¹⁰

⁹ *In*: novomilenio.inf.br/santos/h0100b17b.html. Acesso em: 15 out. 2020.

¹⁰ Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/h0100b17b.htm>. Acesso em: 14 out. 2020.

Vale lembrar que a versão narrada pela senhora Creusa sobre a biografia do santo de cemitério não é incoerente, uma vez que o Areia Branca é o único cemitério da cidade onde indigentes são enterrados.

Muitos vídeos e sites são encontrados para contar a “hagiografia” de Maria Féa; no entanto, o mesmo não ocorre para o anjinho Menino Onofre. No único vídeo a respeito dele, feito pelo canal Raio X Geral, no YouTube, intitulado “Crianças sepultadas que fazem milagres”, o narrador colhe depoimentos da administradora do cemitério, Andreia, e do encarregado, Fred, que afirmam que nunca viram algo diferente em relação a espíritos. Para relatar as supostas hagiografias de quatro anjinhos milagreiros, os produtores utilizam-se de sonoplastia, que alude a dias de tempestade. O narrador salienta que as narrativas coletadas são frutos de especulações, isto é, não há, até o presente momento, um documento que comprove qualquer versão. Porém, sob outro prisma, a morte violenta e repentina se faz presente nos depoimentos: o Menino Onofre teria morrido de meningite e sido abandonado na Santa Casa de Santos, em 1956; a Menina Condília previu seu falecimento, três dias antes do ocorrido; a Menina Ivonete, parálitica, teria sido assassinada por sua mãe e por seu padrasto, em 1977; e a Menina Dulcineia, apenas a brevidade de sua existência é ressaltada.

A morte trágica e a brevidade da vida são características presentes em todos os relatos, tanto para a pesquisa, quanto em sites e vídeos, sendo documentadas ou não. A morte é um acontecimento inerente à natureza de todos os seres vivos. Entretanto, até os dias atuais, não há comprovações de vida após essa passagem. Para Pereira: “O cemitério é um fértil campo para exercitar a imaginação, porque está envolto no desconhecido, no mistério da morte, onde medo e fascínio convivem com uma infinidade de situações que são criadas em torno desse ‘campo santo’” (PEREIRA, 2011, p. 115).

Vale mencionar que não foram encontrados folhetos com orações de

agradecimento e com uma provável foto dos anjinhos nas bancas ao redor do Areia Branca, e nem tampouco na internet; assim, o que há de concreto, que instiga o imaginário popular, são os ex-votos, como guloseimas, partes de corpos em cera, brinquedos, velas e flores. A falta de dados biográficos, de documentação, de sites e de vídeo a respeito da vida dos santos de cemitério do Areia Branca colabora para que o/a devoto/a crie diferentes versões do ocorrido. Assim, a “pureza” infantil, além de uma “suposta” morte trágica servem como virtudes para a beatificação, ou a canonização, mesmo que seja, apenas, no pensamento ou na tradição dos/as devotos/as. A devoção faz sentido para o devoto, mesmo que seja um “santo” fora do panteão do catolicismo oficial, sendo o ex-voto a troca simbólica, representante do suposto milagre. Sobre esse aspecto, Pereira afirma que “[a]s devoções às almas de crianças são mais fáceis de se propagarem pelas características inerentes a elas, que são, no imaginário religioso popular, consideradas anjos, seres puros e sem maldade” (PEREIRA, 2011, p. 114).

A escassez de material sobre os/as santos/as de Cemitério da Areia Branca foi uma das dificuldades encontradas para a construção dessa dissertação. Assim, para que a dúvida sobre alguns dados biográficos do Santo de cemitério fosse elucidada, foi necessário recorrer ao cartório de registro civil de Santos. Onofre Gonçalves, filho de Pedro e de Cecília Gonçalves, foi uma criança negra, faleceu na Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Santos e causa da morte foi meningite encefalite, distrofia pluricarenal, aos 5 anos de idade, conforme atesta a certidão de óbito (ver Anexo 2).

CAPÍTULO III.

ATUAÇÃO DAS DEVOTAS NO CAMPO RELIGIOSO E NO CAMPO SOCIAL

Para a elaboração deste capítulo, foram entrevistadas 11 devotas e uma, declaradamente, não simpatizante com a devoção aos/às santos/as de cemitério. As entrevistas foram escritas, via e-mail, ou orais, transmitidas pelo WhatsApp, e as transcrições foram mantidas de acordo com a forma coloquial (cf. Anexo 3). A faixa etária está entre 41 a 75 anos, e a maioria pertence às camadas populares. Possuem diferentes níveis de escolaridade e profissões e, em sua maioria, são residentes em Santos-SP. Os critérios para a realização das entrevistas foram: pessoas que alimentam a devoção até os dias atuais e/ou a devoção em um momento específico de vida, ou em vários, quando houve necessidade.

Uma, no entanto, mesmo não sendo devota, manifestou interesse pela pesquisa e em ser entrevistada. Sua colaboração foi importante porque não impediu, mesmo com suas convicções baseadas no catolicismo institucionalizado, que sua filha, por um determinado tempo, durante a adolescência, fosse uma devota do Menino Onofre, interessando-se, até mesmo, pela hagiografia do santo de cemitério. Além disso, não recomendaria a devoção, pois, segundo suas palavras, “Não porque ele não é reconhecido pela igreja”. A comunidade é que o considera santo, porém “Procuro me aproximar mais de Deus, através dele (do menino Onofre) e de outros santos”. Percebe-se que no segundo trecho, o Menino Onofre serve como um intermediário entre o ser humano e Deus, fator que vai ao encontro das colocações de Oliveira:

Sobre os santos, evidentemente, paira Deus, um Deus distante, que é todo poderoso e capaz de dirigir o mundo até em pequenos acontecimentos, [...], mas que, de fato, raramente é objeto de culto ou invocação. Sempre que o ser sagrado se personifica, se concretiza, ele é santo (OLIVEIRA, 1978, p. 77).

O anjinho está mais perto do ser humano, faz parte do cotidiano da Baixada Santista, onde decidiu morar, então estava mais perto de sua residência. Esse comportamento, mesmo com desconfiança, uma vez que Menino Onofre não está no

panteão da igreja institucionalizada, se faz presente entre os/as brasileiros/as desde o Brasil Colônia, de acordo com Azzi: “Segundo a mentalidade popular, existiam elementos de bondade nas diversas religiões, através das quais se podia expressar o sentimento de dependência do mundo sobrenatural” (AZZI, 1978, p. 52).

O objetivo deste capítulo é demonstrar que a devoção é mantida pelas devotas, porém sem que a realidade do cotidiano brasileiro seja esquecida. Para isso, este capítulo é subdividido em dois itens: “As devotas no campo religioso”, que aborda os meios pelos quais mantêm e divulgam o campo religioso; e “O protagonismo feminino no campo social”, que comenta as atitudes delas em prol da sociedade santista.

3.1 AS DEVOTAS NO CAMPO RELIGIOSO

Todas as devotas, de uma forma ou de outra, divulgam a devoção aos/às santos/as de cemitério. As formas que serão analisadas neste capítulo são: a divulgação das hagiografias e benesses por via oral, boca a boca, transmitidas entre integrantes de uma mesma família e, atualmente, através da internet, por vídeos no YouTube, e por via escrita, baseadas de reportagens e livros. Além disso, serão observados ex-votos, com maior ênfase, velas, objetos, como cadernos, e placas. Outro aspecto relevante são os sonhos e as “visões”, que algumas delas relatam mediante uma situação de conflito, quando um ente querido corre riscos de vida. Para concretizar esse objetivo, as palavras de Gramsci, sob o olhar de Renato Ortiz, são importantes:

Em primeiro lugar a religião não é vista como alienação mas como forma específica de conhecimento. Pensar religiosamente corresponde para Gramsci a considerar a realidade em termos de um universo simbólico que orienta a experiência dos homens segundo um sistema religioso em sua origem. A religião se apresenta como concepção de mundo, ela difere, como vimos da filosofia, mas nada nos permite pensá-la como essência alienada (ORTIZ, 1980, p. 187).

A devoção a santos/as de cemitério não é um hábito que ocorre, unicamente, em Santos e na Baixada Santista. É possível encontrar esse tipo de devoção em outras localidades, tanto

no exterior, como Gauchito Gil, na província de Corrientes, na Argentina, como no Brasil, como o Menino da Tábua, em Maracaí, e o cangaceiro Jararaca, em Mossoró. O culto a um santo de cemitério, ou outro canonizado pela igreja católica romana, é algo inerente à cultura popular brasileira, nascendo em um certo local, em uma determinada cidade, ou um povoado; e a partir da divulgação de sua hagiografia e de seus supostos milagres, conquista um número maior de devotos/as. O campo religioso brasileiro apresenta inúmeras opções e, assim, o/a santo/a de cemitério entra na disputa por fiéis. Diante da grande oferta, alguém só passa a cultuá-lo/la quando as benesses fazem sentido para seu cotidiano, responde a seus anseios.

Os cultos ao Menino Onofre e a Maria Féa nasceram em Santos porque esse hábito correspondeu e corresponde a desejos ou faz sentido a antigos/antigas e a novos/novas devotos/as. Por ter destaque na religiosidade popular da Baixada Santista, o trabalho no campo foi necessário para que se evidencie quais as necessidades da população da região e as motivações que levam alguém a optar por esse santo ou por essa santa em face a tantas outras opções no campo religioso.

Conforme observado no capítulo anterior, há especulações sobre uma provável hagiografia do Menino Onofre nos meios de comunicação. Não existe uma capela em seu nome, não há retalhos de roupas e fios de cabelo, como relíquias, e nem mesmo uma antiga fotografia em sua lápide. Porém, em sua sepultura, há inúmeros ex-votos deixados, principalmente, no Dia de Finados; e, na sua maioria, não há indicação de quem os tenha deixado. A respeito desse aspecto, Maia, ao estudar Isabel Maria da Conceição, santa marginal do estado do Ceará, salienta que “aliás, o enigma e o mistério dos objetos indicam que o devoto quer expor apenas o seu pagamento de promessa, e não expor sua identidade civil, nem seu paradeiro ou condição social”. (MAIA, 2019, p. 143). A simplicidade caracteriza os ex-votos no catolicismo popular, diferentemente das grandes quantias deixadas pela população mais abastada, em especial nas eras colonial e imperial do Brasil, como o pagamento de uma promessa, ou para a aquisição de lugar no paraíso, ou, mesmo, para a construção de uma igreja, fator este comprovado pelo seguinte trecho:

Em geral ricos colonizadores, eles bancaram suntuosas edificações para pagarem promessas e salvarem a alma depois da morte, se livrando do que acreditavam ser o purgatório e o inferno. Para construir a talha da igreja de São Francisco, no Pelourinho, foram usados cerca

de mil quilos de ouro em pó. (FRÓES, 2021).¹¹

No decorrer das entrevistas, não houve menção a procura por um bem-estar após a morte. Em sua obra, Clarissa De Franco comenta que esse hábito é recorrente desde o Brasil colonial:

José Henrique Motta Oliveira afirma que, ao contrário do foco da igreja, “a religiosidade professada pelo povo não era fruto de uma preocupação com a salvação eterna, mas uma incessante busca pela realização de múltiplas exigências da vida cotidiana”. (DE FRANCO *apud* OLIVEIRA, 2006, s./p.)

No entanto, os ex-votos são partes integrantes de um contrato feito para benesses no plano terreno, na atualidade. São objetos simples e relacionados com o poder aquisitivo dos devotos/as; entretanto, a ostentação se manifesta na quantidade, quando colocados em diferentes datas, como Dia das Crianças ou Dia de Finados. Cabe lembrar que o número de velas acendidas num único momento pode colocar em risco a saúde dos/das próprios/as devotos/as. Para exemplificar esse hábito, destacam-se os seguintes trechos das entrevistas:

Devota nº 1: Então toda graça que eu recebo, eu dou um carrinho, eu dou no Dia das Crianças, eu coloco doce; na Páscoa, eu coloco ovos de Páscoa ou um chocolate pra ele; no Natal, eu coloco brinquedo.

Devota nº 3: Minha devoção pelo Menino Onofre quando ainda criança, sempre que ia ao cemitério da Areia Branca seu túmulo me chamava a atenção por ser repleto de doces, brinquedos e sempre muito enfeitado; minha mãe sempre acende sua vela no túmulo dele desde quando me conheço por gente.

Devota nº 7: Então meu pai era muito, muito devoto de Maria Féa, meu pai era, meu pai era jogo duro. [...]. Mas meu pai era e ele acendia velas, como eu tô te falando, praticamente ele fazia um incêndio, mas ele era muito devoto de Maria Féa, Nossa Senhora do Monte também.

O cemitério é um campo fértil para a imaginação dos vivos. A morte é inevitável, no entanto, até o momento, há apenas especulações a respeito de uma

¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/01/entenda-como-as-igrejas-de-salvador-foram-construidas-com-muito-medo-do-inferno.shtml?utm_medium=social&utm_campaign=compwa>. Acesso em: 18 fev. 2021.

continuidade da vida no pós-morte. Esse dado, aliado à falta de dados biográficos do santo de cemitério, possibilitam o desenvolvimento do imaginário.

Devota nº 1: Segundo o que a população diz é que ele era filho de uma garota de programa de São Paulo... era costume aqui, tinha boate por causa do cais e sempre as menina vinha pras boate se prostituir, né... eram profissionais do sexo e ela teve um neném na Santa Casa e elas vinham de São Paulo, então ela veio e passou mal e foi ganhar neném na Santa Casa e ele nasceu e depois morreu, não sei quantos dias ficou porque não tive esse conhecimento. E ele foi enterrado no Cemitério da Areia Branca e desde então ele ficou devoto, virou devoto de várias pessoas.

Devota nº 3: Fiquei sabendo da história dele através de minha mãe e minha tia, onde há vários relatos de sua morte entre as que conheço a causa de sua morte como maus tratos, outros dizem que morreu aguçado (com vontade de comer pirulito) e por isso muitos colocam em seu tumulo doces e principalmente pirulito. [...] Conheço que ele morreu com seis anos de idade como já relatei na questão 6 o que sei é que ele morreu com seis anos de idade, seu pai era alcoólatra ele era muito pobre, sofria maus tratos, sua morte foi de muita comoção onde ele morava em Itariri, foi enterrado aqui por estar internado na Santa Casa.

Não-devota: Existem poucas fontes de informação sobre a vida dele; apenas que se chamava Onofre Gonçalves, que nasceu em Itariri, município de Peruíbe, em 20/11/1950 e morreu aos 5 anos na Santa Casa de Santos em 23 de abril de 1956. Há várias versões sobre sua morte; dentre elas estão maus tratos, leptospirose e meningite.

As narrativas não foram criadas aleatoriamente. Os mesmos elementos narrativos estão presentes, como o personagem principal, Menino Onofre, e o hospital, como local onde o fato ocorreu. O enredo, como aconteceu, nos três casos, está relacionado à realidade da cidade de Santos. Nas décadas de 1970 e 1980, houve grande expansão dos negócios portuários, com a abertura de lojas, bares e restaurantes; além de cabarés e cinemas de filmes adultos, favorecendo o desenvolvimento da prostituição feminina e masculina na faixa do cais e no centro da cidade, fator este presente até os dias atuais. Nos demais, a morte prematura, tanto por maus tratos, como por doenças, está coerente. Assim, para os/as devotos/as e para outros indivíduos que convivem e conhecem partes da história de Santos e do Brasil, faz sentido uma mãe ser uma garota de programa e perder seu filho prematuramente, tanto por maus tratos, ou doença, fatores corriqueiros apresentados nos diferentes meios de comunicação, tanto no estado de São Paulo, como em outras regiões do país, como demonstra o texto da reportagem:

“Em 2019, São Paulo foi o estado com o maior número absoluto de denúncias contra crianças e adolescentes pelo Disque 100. Os 20.355 registros representam 23% do total do país. As principais violações também foram negligência (15.103), violência psicológica (8814), violência física (8.007) e violência sexual (3.206)” (VIEIRA; PINHONI; MATARAZZO, 2020). Outro aspecto importante de se destacar é o alto índice de mortalidade infantil no país:

Nas últimas décadas, o Brasil tem apresentado uma queda significativa no índice de Mortalidade Infantil, um indicador que representa a relação entre os óbitos de menores de 1 ano para cada mil nascidos vivos. [...] Segundo dados publicados em 2018 pela Organização das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), nos países em desenvolvimento como o Brasil a taxa de mortalidade infantil é de 27 óbitos para cada mil, enquanto nos países desenvolvidos essa média é de apenas 3 óbitos (JUNQUEIRA, 2020).

Em jornais escritos, há poucas menções à vida do Menino Onofre, baseadas, geralmente, em palavras de devotos/as. Uma provável explicação para isso é que o falecimento da criança negra, dentre tantos outros, ocorreu dentro da Santa Casa de Misericórdia de Santos, um hospital, longe dos holofotes da imprensa, porém, perto apenas de médicos, de funcionários e, talvez, de algum familiar. A esse respeito, De Franco comenta:

Neste sentido, a modernidade e a pós-modernidade nos distanciam da espécie, do grupo social, tornando-nos solitários. A morte na atualidade cada vez mais ocorre num quarto de hospital, com poucas pessoas ao redor do moribundo e com rituais fúnebres ágeis, que visam “esconder” rapidamente o morto. A comunidade em torno do mesmo é cada vez menor e mais distante (DE FRANCO, 2010, p. 24).

Embora tenha morrido ainda na infância, com poucas informações de sua biografia, como revela a devota nº 8, “só sei que o menino Onofre é uma criança”; esse fator não se manteve em sua sepultura, uma vez que, tornou-se, segundo a devoção popular, um anjinho, um santo de cemitério. Assim, no imaginário dos/das devotos/as, sua alma se faz presente, principalmente, nos momentos de aflição, conforme afirma, mais uma vez, a devota nº8, “Algo que sinto que é difícil, aí recorro a ele”. Ainda segundo ela, as benesses são retribuídas:

Devota nº 8: Sim, meu genro estava com dificuldades para comprar uma casa. Pedi, pedi, pedi, e, através da minha fé e da força do espírito do menino Onofre, hoje ele tem 3 casas. [...] . Eu pedi pelo meu genro. Quando ele conseguiu, fui a uma vidraçaria, mandei fazer uma casinha e pus no túmulo dele.

Entre devotos/as e santos/as constrói-se uma relação de intimidade, de confiança, um contrato simbólico, pois no pós-morte, os/as santos/as não estão sozinhos/as, pois, com os/as devotos/as fazem parte de uma sociedade constituída de vivos e mortos. De acordo com Vilhena:

O que mantém a relação é justamente essa possibilidade de troca de papéis que transforma o suplicante agradecido em doador em potencial. A sociedade construída entre vivos e mortos funda-se e é alimentada por dom ritual que institui e consagra alianças sempre refeitas e ressignificadas, conservando fidelidades e confianças (VILHENA, 2004, p. 129).

Nas fotografias abaixo (Figuras 9 e 10), a parceria e o afeto, que, talvez, não tenham recebido em vida, são mostrados pelas flores deixadas para ambos e pela imagem de São Januário, santo de devoção de Maria Féa, pelos fiéis, comprovando a solidez do compromisso e da sociedade entre vivos e mortos. Para comprovar a presença da imagem de um santo do catolicismo oficial, Barros afirma que “Durante a viagem, ele percebeu que Maria Féa era uma jovem religiosa, devota de San Gennaro (São Januário), bispo decapitado pelo imperador romano Diocleciano, que se tornou o santo padroeiro da cidade de Nápoles, na Itália” (BARROS, 2007, p. 25).

FIGURA 9: SEPULTURA DO MENINO ONOFRE



Fonte: Acervo Pessoal

FIGURA 10: INTERIOR DA CAPELA DE MARIA FÉA



Fonte: Acervo Pessoal

O assassinato de Maria Féa, conforme as menções de Milton Bednarski, investigador e pesquisador do caso, foi o de maior repercussão nos meios de comunicação da época, provavelmente, por ter sido um crime hediondo e por um corpo feminino esquartejado ter sido visto por autoridades policiais; além de muitos funcionários do porto, passageiros/as e comandantes de diferentes nacionalidades, dado confirmado pelas palavras da devota nº 7:

Do que eu me lembro quando eu era pequena era que os meus avós e até meu pai, que trabalhou nas Docas durante muitos anos, era voz corrente nas Docas a chegada dessa mala, né, então eu acho que a época existia uma lenda atrás disso, não sei se chegou a ser desvendada ou não. Mas meu pai contava, minha avó contava, o meu avô, que trabalhou como caminhoneiro naquela época, era uma firma que se chamava “Vivian”. Ainda estou com boa memória, chamava-se “Vivian”, então também era voz corrente, porque meu avô trabalhava com saco de café, essas coisas que existia antigamente. Então o meu avô também contava e o meu pai contava muito porque era uma coisa que corria na época, era as Docas, Companhia Docas de Santos, então corria muito essa coisa da mala, que o cara esquartejou, chegou sangrando, sei lá que raio que era.

Segundo Ferreira, “dizer é também recriar antigas estórias ouvidas, lidas, vistas, aprendidas”. (FERREIRA, 2010, p. 87). Assim como as narrativas hagiográficas do Menino Onofre, as referentes a Maria Féa dão margem a inúmeras recriações, porém dentro de certos limites. Há um enredo, um homicídio, e personagens principais. Maria Féa e Giuseppe Pistone, proibidos de esquecimento nessas construções. Mais uma vez, os elementos ou fragmentos de criatividade estão relacionados à realidade santista e brasileira, mostrando que o problema do feminicídio, no Brasil, ainda é um acontecimento usual, segundo a reportagem:

O feminicídio virou qualificador do homicídio em 2015 elevando a punição de 6 a 20 anos para 12 a 30 anos. Os números mostram que em 2019 houve aumento de mais de 30% nos registros em São Paulo, Santa Catarina, Alagoas, Bahia, Roraima, Amazonas e Amapá. Só na região Norte houve recuo. Em números absolutos, São Paulo (182), Minas Gerais (136), Bahia (101) e Rio Grande do Sul (100) registraram o maior número de casos. [...] No estudo Raio-X do Feminicídio em São Paulo, coordenado pela promotora de justiça Valéria Diez Scarance Fernandes, concluiu-se que o crime é praticado, em regra, por alguém do convívio da mulher; a motivação costuma ser ciúme, separação ou pedido de rompimento não aceito (BRAGON; MATTOSO, 2020).

As devotas nº 4 e nº 5 cultuam Maria Féa desde a infância, por influência de familiares, principalmente da figura materna. Característica essa, segundo Azzi, presente no catolicismo popular, há muito tempo, “em grande parte foi a família o veículo de transmissão da fé cristã no período colonial. O núcleo forte da população lusitana vinda para o Brasil tinha suas convicções religiosas herdadas por tradição familiar” (AZZI, 1978, p. 50). Segundo elas, a biografia de Maria Féa é composta pelos seguintes fatos:

Devota nº4: Sim. Como o crime da mala. Uma moça italiana que foi morta pelo marido por ciúmes. O que sempre ouvi dizer é que ele asfixiou e depois cortou só as juntas do corpo e colocou em um baú. Mas antes ainda ficará com ela no quarto durante 3 dias até poder embarcar de SP para Santos. Porque naquela época só faziam viagem de navio. Ele ainda me parece que colocou pó de arroz pra abafar o cheiro. Mas veio pra Santos ficou a espera dias de embarque e quando foi possível já despachou o baú e quando o guindaste foi suspender algo deu errado o cheiro água ou algum líquido caía de lá e assim a polícia foi chamada para ver o que estava lá e viram um corpo de uma mulher.

Devota nº 5: É a história da Maria Mercedes Féa, o marido, é, por ciúmes, esartejou ela, ia levar ela pra fora do Brasil, né, no navio, e acabou que, colocando num baú e acabou que os marinheiros, o pessoal que trabalha no navio viram sangue e acharam estranho um baú, né, saindo sangue e foi quando ele foi desmascarado, fizeram ele descer e ele morreu enlouquecido na cadeia, né. Todo mundo falou que era ela quem tava fazendo aquilo, mas não era. Ela era uma pessoa muito iluminada, como é. Ela trabalha na mesa branca, é um ser de luz, ela vem pra ajudar. Ele morreu louco pelo que ele fez, pelo erro que ele cometeu, né, de ter feito uma atrocidade dessa, mas a história dela é essa.

No capítulo anterior, observou-se que a motivação para a morte de Maria Féa não foi o ciúme. Porém, de acordo com as devotas, as narrativas estão de acordo com as pesquisas da promotora Valéria Diez Scarance Fernandes, em que o ciúme é um dos motivos mais frequentes em se tratando de assassinatos de mulheres na atualidade. A pena de Pistone foi atenuada porque foi classificada como crime em defesa da honra. Argumento utilizado, até os dias atuais, por advogados em algumas situações, mesmo com o advento da Lei Maria da Penha. Corroborando para a sustentação desse argumento, convém mencionar que:

O Partido Democrático Trabalhista (PDT) entrou com uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) para abolir a tese jurídica da “legítima defesa da honra”. Embora não esteja prevista na legislação, a sigla alega que trechos dos códigos penais abrem brecha para a

interpretação e pede que a Corte declare sua inconstitucionalidade e, com isso, ponha fim à controvérsia em torno da matéria.

Pela tese, uma pessoa pode matar a outra para “proteger” sua “honra”. De acordo com um levantamento feito pelo partido, tribunais do júri têm recorrido ao argumento para absolver acusados de feminicídio pelo menos desde 1991. Em alguns casos, tribunais superiores anulam a sentença por contrariedade às provas do processo. Em outros, mantêm as absolvições com base no princípio da soberania do júri popular.

Embora pareça anacrônica, a interpretação ainda tem sido aplicada em casos recentes de homicídios de mulheres pelos companheiros, como mostrou o podcast Praia dos Ossos, que rememora o assassinato da socialite Ângela Diniz na década de 1970. (Estadão conteúdo. PDT vai ao Supremo contra tese de ‘legítima defesa da honra’ em feminicídios) (IstoÉ, Carapicuíba, 07 jan. 2021).¹²

Nota-se, também, em relação à devota nº 4, que houve catarse, pois viveu situação semelhante àquela vivida pela santa de cemitério, em um relacionamento abusivo: “a desconfiança que ela passou. Por que eu já estive casada durante 9 anos e meio e meu marido se eu não fosse esperta e observadora nas atitudes dele, eu acho que não estaria aqui pra relatar esta história”. No entanto, diferentemente das estatísticas, sobreviveu, trabalhando em sua profissão, mantendo e divulgando a devoção; além de auxiliar em reportagens em diferentes meios de comunicação e de pesquisas acadêmicas sobre o assunto¹³. Atualmente, mantém a tradição de zelar pela pequena capela e pelo espaço destinado à colocação de ex-votos e velas, limpando-os e recebendo outros/as devotos/as, brasileiros/as ou de outros países, que visitam o local, funções desempenhadas desde o falecimento de sua mãe, em 1996, comprovando a divulgação da devoção dentro e fora do Brasil. De acordo com sua resposta, a fama dos milagres atribuídos a Maria Fea não se restringe a brasileiros/as, pois já recebeu devotos/as de outros países, como “Itália, Inglaterra, EUA, Canadá, Portugal e Espanha”.

Primeiramente com o advento do rádio e da televisão e, posteriormente, da

¹² Disponível em: <<https://istoé.com.br/pdt-vai-ao-supremo-contra-tese-da-legitima-defesa-da-honra-em-feminicidios/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

¹³ Participou da pesquisa de campo para a dissertação “‘Santa’ Maria Féa e o culto popular”: análise da divulgação de milagreiros pela mídia impressa local, de Lilian de Jesus Assumpção Mello.

internet, facilitou-se a divulgação de notícias, inclusive de *fake news*, de pesquisas e de obras literárias, entre outros gêneros textuais. Segundo Gomes, a televisão impulsionou a devoção a Maria Féa:

Nos anos 90, o Programa Aqui e Agora, do SBT, repercutiu o episódio com a narrativa de Gil Gomes. [...] Em 2005, o Programa Linha Direta Justiça, da Rede Globo, relatou a trágica história da italiana. A televisão deu um bom impulso com as reportagens, pois as pessoas, muitas vezes, optam em se agarrar na fé para aliviar o desespero (GOMES, 2013, p. 54).

Entre algumas personalidades conhecidas na mídia, a devota foi procurada por Jacinto Figueira Júnior, conhecido como “O homem do sapato branco”, apresentador de televisão falecido em 2005, entre outras:

Devota nº 4: Já foi muita gente da mídia de São Paulo e daqui de Santos. Lá já foram alguns jornalistas, como o Jacinto Figueira Júnior. A jornalista Maria Cândida pra fazer uma reportagem. E mesmo o Linha Direta, já estiveram lá na Maria Féa pra fazer entrevista.

A reportagem feita por Jacinto Figueira Júnior foi transmitida pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), no programa Aqui Agora e, atualmente, pode ser vista, num vídeo de 2:50, intitulado “Aqui Agora – Crime da Mala”, no canal São Paulo Antiga. Nela, o homem do sapato branco narra, com tom de suspense, a história de Maria Féa e Giuseppe Pistone; e, para legitimar o poder miraculoso da santa de cemitério, mostra vários vestidos de noiva, como ex-votos, e apresenta duas jovens devotas, oriundas do estado de Goiás, vestidas à caráter, com a finalidade de agradecer a realização do matrimônio. Convém mencionar que o Aqui Agora, exibido na primeira fase entre 1991 e 1997 e na segunda, em 2008, era um telejornal de apelo popular, atingindo altos índices de audiência, e seu público-alvo era composto, em sua maioria, por mulheres; assim, além de divulgar uma variante da hagiografia, fornecia uma opção no campo religioso. Caso algumas desejassem contrair casamento e, também, se alguma telespectadora estivesse sem condições financeiras para a realização da cerimônia, a matéria indicava que os vestidos estavam na capela para doação. Uma provável explicação para os inúmeros trajes de noiva no interior da capela está numa reportagem de 2018, em que a devota nº 4 é entrevistada: “acredita-se que os primeiros ex-votos para

Maria Féa foram flores deixadas por ex-prostitutas do cais, em agradecimento por terem casado e constituído família” (PASSOS; AGUIAR; GATTO; 2018). Devido à popularidade de Figueira Júnior, uma matéria elaborada por ele, segundo entrevista dada pelo apresentador em 2011 e utilizada no artigo de Barata, obteve altos índices de audiência porque: “*O homem do sapato branco* chegou a ter 64% de audiência, e argumenta que o segredo era dar à sua audiência o que ela queria. Desta maneira, o povo queria “que mostrasse as mazelas de São Paulo” (BARATA, 2011, p. 125).

Baseando-se nos estudos de Geneviève Bollème, a respeito da cultura das bordas, Ferreira elabora um comentário sobre os livros, cujo público-alvo são as camadas populares, que vai ao encontro das palavras de Figueira Júnior:

O leitor pede e o livro responde, embora não seja escrito pelo povo. Ela nos diz que ser esta troca tão forte que modifica o texto, transforma, acrescenta flutuações, chamadas de deformações mas que são, de fato, a língua que o povo fala (FERREIRA, 2010, p. 94).

Assim, diversas hagiografias de Maria Féa mostram um exemplo das mazelas presentes no dia a dia do brasileiro. Assim, a opção da produção por solicitar explicações da devota não foi uma escolha aleatória, uma vez que conhece a hagiografia da santa de cemitério e o perfil dos/das devotos/as que a procuram. Segundo as explicações de Barata, *Aqui Agora* contemplou a história e a devoção a Maria Féa porque:

Outro conhecido expoente do jornalismo policial televisivo no Brasil é o programa *Aqui Agora*, do SBT: trata-se de um programa jornalístico policial que tinha dois âncoras apresentando as notícias e repórteres de campo, sendo três de seus mais famosos Celso Russomano, candidato derrotado ao governo de São Paulo em 2010, que fazia o quadro defesa do consumidor, Gil Gomes, repórter dos crimes mais hediondos e grotescos e Jacinto Figueira Junior, *o homem do sapato branco*. [...] Entretanto, este programa é conhecido por ser fartamente sensacionalista e por ter inaugurado a busca incessante pelo jornalismo verdade, em que não havia cortes nas reportagens e os cinegrafistas corriam, literalmente, atrás das notícias (BARATA, 2011, p. 127).

O vídeo “*Aqui Agora – O crime da mala*”, entre outras referências, serviu como embasamento teórico para a construção de “*O crime da mala/Vim de Santos#9*”, com o roteiro e revisão de Davi Giuffrida e Nicolas Hegedus, com 2.798 visualizações. Esse dado demonstra o quanto Jacinto Figueira Júnior serve de inspiração.

Indiretamente, a devota colaborou e, continua colaborando, na divulgação na biografia e na devoção à Maria Féa, possibilitando inúmeras recriações e a perpetuação da devoção, através da internet.

A devota nº4 afirma que foi procurada pela equipe da Rede Globo de Televisão durante as pesquisas para o programa Linha Direta Justiça – O crime da mala, exibido em 02 de junho de 2005, para auxiliar nas pesquisas e para ser entrevistada durante as gravações. Atualmente, há dois vídeos no YouTube que reproduzem essa exibição. São eles: “LINHA DIRETA JUSTIÇA. O crime da mala”, do canal Leo Fogão, e “O CRIME DA MALA – Linha Direta – TV Globo 2005”. O primeiro foi visualizado por 466.229 internautas, enquanto o segundo, por 330.282, até janeiro de 2021. Devido ao sucesso, serviu de base de pesquisa, sendo citados nas observações escritas pelas *youtubers*, para a construção de outros vídeos, como por exemplo, “O misterioso crime da mala – podando crimes”, pelo canal Podando Crimes, publicado em 31 de maio de 2020. Nele, a *youtuber* Alice Andriani narra o assassinato de Maria Féa, comenta sobre a religiosidade popular no cemitério e admite que o caso é estudado nos cursos de Direito até o presente momento, devido à eficiência de trabalho da polícia e da equipe de médicos legistas. Ela tem uma linguagem acessível a todos os públicos, em especial, a adolescentes, porém sem que a seriedade que o assunto exige seja deixada de lado.

Em outro vídeo, chamado “Maria Féa – Porto de Santos -1928”, divulgado pelo canal Ler até o Amanhecer, a *youtuber* Joici Rodrigues comenta o fato e revela que está amplamente presente na literatura criminal e, por estar relacionado a um relacionamento abusivo, deve ser sempre lembrado, para que outros feminicídios não sejam corriqueiros na história do Brasil. Um dado, no entanto, chama a atenção, ao afirmar que a profissão de zeladora de campa, em especial, no tratamento da sepultura da santa de cemitério, passa de geração a geração. Este fator havia sido comentado para a dissertação pela devota nº 4, “Minha mãe faleceu neste ano de 1996 aí como eu já a ajudava, fiquei como a responsável”, no programa Linha Direta, e, posteriormente, no

YouTube. Na bibliografia desse vídeo, há menção ao livro “Crimes que abalaram o Brasil”, de George Moura e Flávio Araújo, porque:

As reportagens que compõem este livro foram feitas para o programa LINHA DIRETA – JUSTIÇA da Rede Globo. Agora revistas e ampliadas, elas retratam parte da história do Brasil, num tempo em que assassinatos eram escândalos, e não apenas dados de estatísticas (MOURA; ARAÚJO, 2007, p. 7).

Indiretamente, a devota auxiliou a elaboração de outro vídeo, “Maria Mercedes Féa – Marcio Guimarães”, com 1.116 visualizações. Marcio Guimarães faz a divulgação do livro de Silmar Gomes, cujas pesquisas foram baseadas na exibição do Programa “Linha Direta – O crime da mala”, de 2005. Além de auxiliar de forma indireta a obra “Crimes que abalaram o Brasil”, há uma outra “O crime da galeria Cristal, e Os dois crimes da mala”, de Boris Fausto, em cuja bibliografia encontra-se a obra de Gomes. Em “O crime da mala. A triste história de Maria Féa”, com 622 visualizações, divulgada pelo canal Carlinha Tito, percebe-se que, provavelmente, a *youtuber* assistiu aos vídeos citados no segundo capítulo, porque há imagens presentes, também, em outras exibições mencionadas neste trabalho; no entanto, há apenas uma única referência, o blog Memória Santista (link: <<http://memoriasantista.com.br/?p=4352>>). Na reportagem “90 anos após o crime da Mala, Maria Féa permanece como devoção popular”, de Passos, Aguiar e Gatto, para o blog Medium, a devota nº 4 é entrevistada. Observa-se que demonstra orgulho da profissão de zeladora de campa, cuidando com empenho, religiosamente, todas as segundas-feiras no período da manhã, da capela e dos ex-votos, e recebendo, com empatia, os devotos/as que visitam o local, caso, também, necessitem de uma palavra de conforto. Para ela, essa dedicação deve-se a dois motivos: como agradecimento pela aquisição de uma casa própria e de um carro e como reconhecimento de que a santa de cemitério é uma personagem muito venerada na história de Santos. De acordo com o texto, há uma explicação para a pouco fluxo de pessoas à campa, “Marli conta que a frequência dos visitantes é baixa, por receio de assaltos, mas que o Dia de Finados é movimentado” (PASSOS; AGUIAR; GATTO,

2018). Nota-se, dessa forma, que a devota nº 4, por estar presente constantemente no local, conhece a realidade do Cemitério do Saboó; assim, se houvesse maior policiamento, mais devotos/as compareceriam à campa, tornando a competição no campo religioso ainda mais acirrada.

A zeladora da campa aponta que, no ano de 2020, mais um fator comprometeu o comparecimento ao cemitério e, conseqüentemente, a manifestação da religiosidade defronte à sepultura de Maria Féa. Devido à pandemia de Covid-19, os cemitérios foram fechados numa tentativa de deter o alastramento da doença. Assim, missas realizadas na Capela Nossa Senhora da Piedade, situada no interior do campo santo, foram suspensas temporariamente, incluindo às dedicadas a Maria Féa, que ocorrem toda primeira segunda-feira de cada mês, sendo este um dos aspectos que legitimam a devoção. Em sua fala, a zeladora identifica o perfil do público que participa da cerimônia e o motivo pelo qual todos estão ausentes: “sim, são devotos das almas e também de Maria Féa. Mas agora, por conta da Covid, não está acontecendo”.

Detecta-se, pelas palavras da devota nº 4, que a transmissão se faz de boca a boca, por meio familiar, ou entre amigos. No entanto, a partir da colaboração dela, se faz por outros meios, que atingem um número grande de telespectadores, como reportagens policiais e programas em canais abertos. Atualmente, há muitos vídeos no YouTube e reportagens na internet, com a participação de devotos/as, inclusive da nº 4, perpetuando a devoção e o catolicismo popular; além de ser uma fonte de renda para *youtubers*, com suas recriações. Posicionamento semelhante, mesmo se referindo a outro meio de comunicação, é observado nos comentários de Ferreira ao tratar de livros de magia:

Note-se que há, neste mundo mistificador de edição popular, informações e soluções que nos são passadas, permanecendo porém algo de fundamental: a preservação de conhecimentos que não se perderam e que se apresentam ou reapresentam contendo fabulações e delírios (FERREIRA, 2010, p. 62).

Em entrevista, admite que recebe inúmeros estudantes; por isso, fornece a

Maria Féa um epíteto: “santa dos estudantes”.

Devota nº 4: Eu sempre digo que Maria Féa é a santa dos universitários. Tantas pessoas recorrem antes de prestar o vestibular. Medicina, Odontologia, Direito, Fisioterapia, mas Medicina é fora do normal. E depois de formado, eles ou elas voltam para agradecer.

Segundo Lepargneur:

Toda religião inclui um ritual cujo pendore para a magia é conhecido. A magia permanece uma tentação básica para um povo que não domina a ciência nem alcança muita tecnologia; a religiosidade popular é facilmente mágica: esta característica pode ser supressa diretamente (LEPARGNEUR, 1978, p. 98).

Supõe-se que um/uma vestibulando/a, em especial, para o curso de Medicina, e suas famílias tenham acesso a informações científicas, porém esse dado não interfere na manutenção da devoção a Maria Féa. No imaginário dos/as devotos/as, mesmo com todo o conhecimento científico na contemporaneidade, não há empecilhos em recorrer à devoção para o desenvolvimento intelectual, profissional e financeiro, conforme atesta o ex-voto abaixo (Figura 11):

FIGURA 11: EX-VOTO EM AGRADECIMENTO PELA ENTRADA NO CURSO DE MEDICINA



Fonte: Acervo Pessoal

Na internet, a divulgação da devoção ao Menino Onofre é menor. Há apenas um vídeo, intitulado “Milagres no Cemitério da Areia Branca, Santos, Litoral, São

Paulo”, com 7.217 visualizações até o momento (2021). A propaganda boca a boca e os ex-votos são os meios pelos quais a devoção é difundida. De acordo com as palavras da devota nº 10, há um outro fator que colabora para a pouca divulgação da devoção – o crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais:

Devota nº 10: O movimento da banca caiu porque as igrejas evangélicas se expandiram e as pessoas não vêm mais comprar velas para o ente querido, ou para o santo de cemitério, como antigamente. Afirmam que precisam de luz e a luz já têm lá, dizem que no céu. Acham que sabem tudo.

De acordo com o ensinamento das igrejas pentecostais e neopentecostais, não é necessário acender velas ou colocar flores em túmulos. Com o crescimento dessas igrejas, detecta-se que manifestações características do catolicismo popular estão entrando em desuso, como, por exemplo, acender uma vela no cruzeiro, ou na campa de um ente querido, ou na do menino Onofre e nas das demais anjinhas do Areia Branca, comprometendo, por vezes, o sustento de famílias que vivem do comércio de velas e flores ao redor do Areia Branca. Como atesta, também, a reportagem do jornal Diário do Litoral:

A vendedora disse que o movimento caiu muito nos últimos anos. Que as melhores datas para as vendas é o Dia das Mães e de finados. “Antigamente as senhoras vinham com seus filhos e netos. Hoje não, nem os filhos nem ninguém. Pelo menos umas 10 pessoas que sempre compravam comigo viraram evangélicas e não compram mais essas coisas”, afirmou. (Na profissão há mais de 35 anos, coveiro afirma: “Tenho medo é das contas”. (Diário do Litoral, 2016).

A partir da entrevista da devota nº 1 percebe-se, mesmo com a maior oferta no campo religioso e nascida em família evangélica, continua sua devoção, levando jornalistas para que tomem ciência das benesses proporcionadas através da intervenção do Menino Onofre:

Devota nº 1: É, eu alcancei, né, alcancei e também já teve uma reportagem feita dentro do cemitério, que foi aquela foto que te mandei. Eu pedi proteção, levei a filmagem lá na campa porque eles perguntaram se eu tinha um... um... assim uma fé em alguma coisa. Aí eu falei que eu tinha um túmulo e aí o *Frontline*, a equipe de jornalista, um trabalho que a gente estava fazendo pra *Frontline* sobre defensores ameaçado, eu levei eles pra fazer filmagem no túmulo do menininho.

A devota nº 1 e a nº 5 relatam visões “sobrenaturais”, e que diante da necessidade de solução para os problemas, seus filhos/as são o motivo principal que determinam a força para continuar a vida.

A devota nº 1, discordando de seus pais, que nasceram em um lar evangélico, passou a cultuar o Menino Onofre ao passar em frente ao cemitério com sua filha, ainda criança, vítima de um acidente de trânsito. De acordo com ela, o santo de cemitério atendeu seus pedidos e a menina foi curada.

No catolicismo popular, há um contrato simbólico entre os fiéis e os santos, canonizados ou não. De acordo com a devota nº 1, esse contrato nunca foi quebrado com o Menino Onofre. Porém, ao se tratar de seu filho, morto por policiais, a confiança “quase” foi perdida, pois Onofrinho não estava em prontidão no instante quando o rapaz foi atingido por um tiro. A explicação para essa ausência foi dada através de um sonho:

Devota nº 1: E aí eu fui no túmulo dele e briguei com ele. Por que que ele não guardou meu filho. É mas eu recebi como resposta num sonho, né, num sonho que a morte do meu filho não era em vão, era uma missão. E foi tirando e ele mesmo foi tirando a angústia de dentro de mim. Acho que foi, que é uma lembrança, assim, muito forte que eu tenho.

Devido a contribuições de diversas etnias indígenas, de escravizados/as vindos da África, das culturas portuguesas cristãs e pagãs, no decorrer dos anos, para partes da população brasileira, na religiosidade popular, a comunicação entre vivos e mortos não se interrompe, dado que explica o relacionamento entre mãe e filho nessa situação. A devota, antes da morte de seu filho, era dona de casa e vendedora de *lingerie*; após o ocorrido, funda, com a parceria de outras militantes, o Movimento Mães de Maio e luta pelos direitos humanos até o momento atual. Vale salientar que esse comportamento assumido pela mãe vai ao encontro das palavras de Vilhena sobre a morte:

É um acontecimento social capaz de aglutinar ou dispersar pessoas, fortalecer ou dissolver vínculos familiares e sociais, promover a solidariedade entre os sobreviventes [...]. O vazio deixado pelo morto vincula a redistribuição e o rearranjo das possibilidades, cargos, papéis e funções tanto familiares quanto sociais e econômicas. Esse vazio promove nas famílias, empresas e instituições o surgimento de lideranças, protagonismos, distribuição de bens móveis e imóveis (VILHENA, 2004, p. 104).

Para uma mãe, o assassinato de um filho é uma dura realidade a ser enfrentada. O sonho, para a devota nº 1, é o prenúncio de um milagre. Sobre a interpretação de sonhos em livros de magia, Ferreira elabora as afirmações:

O enigma do sonho e o enigma que se desenrola durante o sonho são desafios muito antigos que, levados à tradição oral, cumprem um diálogo permanente entre o presente, o passado reencontrado, e um futuro meio-perceptível. O trabalho do sonho pode recusar ou corrigir a realidade, e é neste sentido que, em certas situações, aproximar sonho e utopia, confirma a ideia de que os sonhos são a realização dos desejos (FERREIRA, 2010, p. 77).

Ortiz, ao estudar os ideais de Michel de Certeau, quando trata os discursos milagrosos de Frei Damião, tece os seguintes comentários:

O milagre se desvendaria assim como a arte de travestir uma realidade dura e opressora, uma espécie de abertura para um universo simbólico onde a imaginação poderia de certa forma, se concretizar enquanto realidade (ORTIZ, 1979, p. 69).

Para a devota, com o aparecimento do filho em sonho, os vínculos entre ela e o santo de cemitério são restabelecidos; de alguma maneira, a dura realidade é amenizada e uma missão, estipulada. Assim, a morte prematura de um indivíduo, assassinado injustamente por policiais, é o estopim e um marco de transformação, colaborando para a formação de uma liderança e fortalecendo vínculos sociais, com mulheres até então desconhecidas, mas unidas por um único ideal, a partir da fundação do Movimento Mães de Maio. Em grupo, a reivindicação dos/as oprimidos/as se fortalece e adquire maior notoriedade, amplamente divulgadas em sites e em vídeos no YouTube, com a intenção de que o Estado se posicione e mais realidades cruéis sejam evitadas. Vale lembrar que alguns desses vídeos e textos serão observados no próximo item deste capítulo, com o objetivo de exemplificar o que a devota e seu grupo fazem para auxiliar a sociedade, concretizando a realização de seus desejos.

A devota nº 5 declara-se umbandista e iniciou a devoção a Maria Féa por influência da família, que seguia a doutrina de Allan Kardec. Relata que já obteve algumas graças e uma delas, de acordo com a entrevista, um milagre para os médicos, foi a recuperação da saúde de sua filha, já desenganada, em virtude de um rompimento

de uma veia do pulmão durante uma forte crise de bronquite. Segundo Maia:

Confiamos que a necessidade do devoto que fabrica o sentido do milagre. O pedido pode ser para si ou para um conhecido, amigo, parente. O milagre é a realização do inalcançável para o devoto (MAIA, 2019, p. 127).

Diante da situação, em estado de vigília, vê e conversa com Maria Féa, que, de acordo com suas palavras personifica-se, assumindo uma postura de conselheira e de enfermeira, cuidando tanto da mãe, com palavras de conforto e encorajamento, como da filha, no interior do quarto da UTI do Hospital Ana Costa, localizado na rua Pedro Américo, 60, no bairro do Campo Grande, em Santos, cuja ala, na ocasião, levava o nome da santa de cemitério.

Devota nº 5: Nisso eu descí, tinha uma sala que tinha uma imagem de Nossa Senhora e tinha vários quadros na parede, como todo hospital tem, que eles põe aqueles quadro de homenagem, né. E eu sentada, assim, chorando, pedindo, né, pra que alguma coisa acontecesse, que eu, é, alguma resposta me viesse. Que se eu tivesse segurando minha filha naquele sofrimento e naquela dor que eu como mãe, por mais que me doesse, eu não queria isso, que eu tava sendo egoísta, mas que se fosse pra minha filha ficar, que uma das duas ou Minha Nossa Senhora Aparecida, né, Minha Mãe Oxum ou Maria Mercedes Féa, que me mostrasse uma resposta. Aí nisso entrou uma senhora muito bem vestida, uma senhora, assim, de estatura média, não sei quem é, só depois fiquei sabendo. Ela sentou do meu lado, segurou a minha mão e falou assim “Não chore, sua filha vai ficar bem, num fica assim”. E eu estrã..., depois que eu refleti eu falei... eu nem falei que era minha filha, nem falei que era criança. Como a mulher sabia, né? Eu achei estranho aquilo, sabe, ela entrar ali onde eu estava, não tinha ninguém... só tava eu. Do mesmo jeito que ela entrou, ela saiu, eu não vi nada...[...]

E, de repente, o médico chega e fala “Mãe, é, o milagre aconteceu, a sua menina está bem, a gente tá tirando os aparelhos. Vamos ver como ela fica até amanhã. Se ela responder direito, como ela tá agora, ela tá bem e ela vai pro quarto”. Ele falou “Daqui a pouco a menina vai abrir a cortina pra senhora poder olhar sua menina de novo. Olha, Ana Paula, foi, é eu choro toda vez que lembro disso, porque foi uma alegria tão grande na hora que abriu aquela cortina e eu vi a minha menina até então deitada naquele berço, sentadinha, levantou a mãozinha e me deu tchau. Você não tem noção da alegria que me deu. A mesma mulher que veio falar comigo, foi a mesma que tava do lado dela. Só que, naquela hora, vestida de enfermeira, né. E acenou pra mim com a cabeça, eu agradei. E ela pegou e ficou ali. Aí, quando fecharam a cortina, que o médico veio de novo conversar comigo, veio me acalmar, falar “Mãe, está tudo bem, a sua menina, se ela continuar assim amanhã, vai pro quarto”. Eu queria muito que o senhor me dê o nome daquela enfermeira baixinha que tava do lado dela porque eu queria agradecer a ela, né, por ela ter me dado apoio e ter falado que a minha filha ia ficar boa sim, que eu tivesse fé. E eu contei pra ela do que eu ia fazer e ele falou “Mas não tem nenhuma enfermeira baixinha ali, a única enfermeira que tem é que abre cortina pra

senhora todos os dias, né, que são duas, por causa que elas sempre trabalham dia sim, dia não”. Falei “Como não tem? Tem sim. Inclusive tem até inclusive tem até a foto dela ali”. Levei o médico pra mostrar, ele falou “Não dona, essa aqui é Maria Mercedes Féa, que o reitor do hospital era devoto e esta ala, é, tem o nome dela: Maria Mercedes Féa”.

Como visto no capítulo anterior, o homicídio de Maria Féa, o Crime da Mala, foi amplamente divulgado na imprensa, e suas fotos estão estampadas em museus, em jornais, em sites e, quando a devota nº 5 esteve no hospital, estava afixada na parede de um dos corredores, o que pode ter colaborado para a construção da personificação da santa de cemitério. Por outro lado, segundo Vilhena, nesse caso, há outro fator que pode ter influenciado naquela situação, como a religião que professa e a de sua família:

Para quase a totalidade do povo brasileiro a morte biológica não equivale ao encerramento da existência do ser humano. Este, de alguma forma sobrevive a ela. Para tal compreensão concorrem, em dinamicidade, contribuições oriundas das diversas nações indígenas, do Cristianismo e suas raízes judaicas, das antigas tradições do paganismo europeu, das tradições africanas, do Espiritismo (VILHENA, 2004, p. 106).

O culto às almas faz parte da cultura brasileira. Segundo as crenças do catolicismo popular, o trato foi feito e cumprido por ambas as partes, ou seja, a promessa foi feita à Maria Féa, que, por sua vez, atendeu ao solicitado, sendo confirmado, até mesmo, por um especialista na área da saúde, um médico, e a devota, finalizando essa etapa, utilizou um pulmão de cera como ex-voto.

Devota nº 5: Então eu só tenho que agradecer, sabe. Porque meus orixás sempre, a vida inteira, me ajudaram, me orientaram. Maria Mercedes Féa, quando a minha filha saiu do hospital, eu fui lá, eu levei o pulmão de cera. E foi um susto, quando eu olhei a foto que tem lá, é, era a mesma mulher que tinha aparecido pra mim, segurado na minha mão e falado que minha filha ia ficar bem, né. Então foi uma alegria imensa e eu só tenho o que agradecer.

Mais uma vez a “visão” é retomada, o que confirma que, para a devota, o acontecimento foi real, inquestionável, e a religiosidade vivida. Além disso, o ex-voto confere a veracidade ao milagre e a eficácia da santa de cemitério, levando outros/as devotos/as à sua procura.

As devotas declaram que paralelamente à devoção ao Menino Onofre ou a Maria Féa, cultuam outros santos do catolicismo oficial ou orixás, sem que haja qualquer

barreira que impeça tal atitude, conforme as seguintes declarações:

Devota nº 1: Oxum... Iansã.. e a pedra olho de Tigre. Que uso contra inveja e olho gordo.

Devota nº 4: Sim, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora de Aparecida. Oxalá, Xangô, Ogum e Iansã.

Devota nº 5: Obaluaê, Omulu, Nossa Senhora Aparecida, Oxum, São José. Que eu pedi muito pra São José pra conseguir comprar a minha casa, comprei a vela da chave. Sempre tenho na minha casa a vela da chave. Quando alguém fala que tá querendo comprar um imóvel, eu dou de presente essa chave porque essa chave é a chave de São José, né. Como ele faz todas as portas, porque, ele como carpinteiro, como ele faz todas as portas da nossa casa, a gente oferece pra ele. Eu ofereço, meu São José, a chave da minha casa assim que eu pegar na mão, eu acendo a chave em formato de vela pro senhor. Eu tenho essa chave-vela que eu já dei pro meu filho, dei pra minha filha, vários amigos, várias pessoas que eu dei isso, a pessoa conseguiu comprar aquilo que queria.

Devota nº 7: Minha avó nasceu no dia 15 de março de 1912, na Espanha, né. Onde ela conhece meu avô, Olegário Vasquez, aí tem aquela coisa toda da Espanha pra vir pra cá. Chegando aqui, ela se interessa... Ela foi enfermeira-chefe na Santa Casa e ela se interessa demais pelo esoterismo, do qual ela passa pra mim. E eu era muito pequena, mas como já falei anteriormente, ela me ensina as estrelas, as nuvens, o que elas representam etc.

Devota nº 8: Sou filha de Yansã e de papai Oxalá.

Devota nº 10: São José Operário, São Judas Tadeu, Santo Expedito, São Benedito, minha madrinha Nossa Senhora da Penha. Fui subir no ônibus, o motorista não teve culpa, eu gritei: Valha-me Nossa Senhora!! E ela me protegeu.

Devota nº 11: Sim de vários, Nossa Senhora Aparecida, Divino Pai Eterno, Nossa Senhora Do Monte Serrat entre muitos outros.

Sobre o assunto, Oliveira salienta que:

As pesquisas feitas no Brasil revelam que a grande maioria dos católicos praticam sua religião de modo privatizado. [...] Só que, ao invés de celebrar a devoção aos santos de modo comunitário, como no catolicismo tradicional, esse culto tem um caráter privado. Vale examinar o que significa a categoria de santos, que não se confundem com os santos reconhecidos oficialmente pela Igreja. É muito mais abrangente, pois inclui, além dos santos canonizados pela Igreja, todas as denominações locais e titulares de Maria Santíssima, de Jesus, bem como santos locais e familiares. Uma criança assassinada com requintes de crueldade, uma pessoa morta tragicamente, ou um leproso que morre sem se queixar da vida, todos esses passam à categoria de santos, capazes de proteger e de alcançar graças para quem a eles recorre com fé (OLIVEIRA, 1978, p. 77).

A miscigenação e a fragmentação da cultura e da religiosidade brasileira são evidenciadas nas entrevistas, construída sem a participação de especialistas religiosos.

Durante boa parte da história do Brasil, a religião católica foi imposta, porém não foi um empecilho para que costumes de diferentes povos não fossem perdidos. De acordo com Azzi, “sendo o povo brasileiro fruto de uma miscigenação racial e cultural, a religião popular é fruto dessa miscigenação designada mais propriamente como ‘sincretismo religioso’” (AZZI, 1978, p. 68). Sáez, ao estudar os santos/as de cemitério, as devoções e as oferendas no cemitério da Saudade em Campinas, afirma que “[o]s santos, ao contrário do que parecem supor muitos estudiosos, não são bichos do mato: convivem estreitamente com outros santos, como vizinhos ou até como hóspedes” (SÁEZ, 1996, p. 100). Assim, o acreditar em orixás, oriundos das religiões de matriz africana, ou no esoterismo europeu, configura-se como um ato de resistência daqueles que deram origem ao povo brasileiro.

Ao recorrerem ao Menino Onofre ou a Maria Féa, as devotas os procuram para diversos fins. Segundo suas respostas, percebe-se que há inúmeras dificuldades no dia a dia, porém a maior é a procura por saúde:

Devota nº 3: Procuro saúde e paz.

Devota nº 4: Muita paz, saúde, sorte e o mais importante. Sempre rezo por saúde.

Devota nº 5: Tudo que eu preciso, dificuldade.

Devota nº8: Algo que sinto que é difícil, aí recorro a ele.

Devota nº 10: Eu rezo pedindo paz, saúde, proteção para minha família e para afastar as pessoas ruins que ficam a meu lado.

Devota nº 11: Procuro saúde, paz que me ajude nos desafios da vida.

Convém mencionar que a preocupação com a saúde também está relacionada com a realidade da Baixada Santista:

Segundo dados do IBGE, de julho de 2009, a Baixada Santista conta com aproximadamente 1,7 milhão de habitantes e oferece 3.229 leitos hospitalares, um déficit de 1.776, de acordo com o parâmetro de 1,5 a 3 leitos disponíveis para cada 1 mil habitantes, determinado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). [...] De acordo com dados do Ministério da Saúde (Datusus), a Região tem 1.771 leitos SUS, 1.077 leitos não-SUS, 246 leitos complementares SUS e 145 leitos complementares não-SUS. Considerando o

parâmetro da OMS, a Baixada deveria contar com 5.005 leitos disponíveis, tendo 55% menos do que o necessário. Santos é a única cidade com leitos a mais do que o mínimo estimado para a sua população. (“Faltam quase 2 mil leitos na Baixada Santista”. Diário do Litoral, 2013).

Diante da dificuldade, Maria Féa e Menino Onofre mostram-se como uma opção para a busca pela cura. A esse respeito, Lepargneur, comenta que:

A vinculação funcional entre religião e saúde não é própria ao catolicismo, mas muito patente no catolicismo popular [...]. Fora do catolicismo, a consulta mediúnica é o substituto da consulta médica paga ou da fila para o INPS. Torna-se crente porque Nossa Senhora não atendeu ao pedido; torna-se espírita para curar um mal crônico, desenganado (LEPARGNEUR, 1978, p. 99).

Para os/as devotos/as, a beatificação e a canonização mostram-se como algo secundário, segundo as afirmações da devota nº 4 sobre o assunto: “Há muito tempo, mas muito tempo mesmo eu fiquei sabendo que tinha sim, mas parece que custa muito caro”.

O valor médio de um processo de canonização na fase romana é de 55 mil euros – dependerá sempre da complexidade. Se for uma beatificação, a média é de 35 mil euros. No valor não estão inclusos os honorários dos postuladores privados (FERRAZ, 2021).

Mesmo que Maria Féa não pertença ao panteão oficial dos santos católicos e o preço de um processo de beatificação ou canonização seja muito alto, o diálogo entre devotos/as, tanto do catolicismo oficial, como do popular, ou adeptos de ambos, pode ser estabelecido, através da caridade. Sobre a destinação dos ex-votos, a devota nº 4 afirma que “depois vão tudo para doação na Igreja Nossa Senhora de Fátima, em frente ao Atacadão. Lá eles fazem bazar”. A Comunidade Nossa Senhora de Fátima localiza-se na avenida Nossa Senhora de Fátima, 271, no bairro do Saboó, a 4km do Cemitério da Filosofia, nas proximidades de comunidades carentes, como os moradores do Morro do Tetéu e da Comunidade Pantanal. Assim, esse diálogo se faz necessário, uma vez que, com um bazar a preços populares, inúmeras pessoas podem adquirir utensílios domésticos ou roupas, independentemente de confissão religiosa.

A devoção ao anjinho e à santa de cemitério não é algo alienante, pois, a partir

das entrevistas, percebe-se que, independentemente do grau de escolaridade, todas têm consciência do que ocorre em sua comunidade, no Brasil e no mundo. Reconhecem a dificuldade para ter uma casa própria e a perfeita saúde de um filho. Como será abordado na próxima seção, não aguardam apenas pela ajuda divina, mas tentam mudar uma realidade para que a dignidade humana seja estabelecida ou restabelecida, mesmo que seja na doação de um ex-voto em boas qualidades. No entanto, é importante salientar que, ainda, devotas recorrem a eles porque:

Essas religiões populares são manifestações coletivas que exprimem a seu modo, em forma particular e espontânea, as necessidades, as angústias, as esperanças e os anseios que não encontram resposta adequada na religião oficial ou nas expressões religiosas das elites e das classes dominantes (PARKER, 1996, p. 55-56).

Para o meio acadêmico, em especial para a Ciência da Religião, os depoimentos mostram um recorte da história, dos costumes e da realidade santista, revelando alguns problemas sociais, principalmente, relacionados à saúde e à violência. As entrevistas acadêmicas e para a mídia, para duas devotas, são importantes, porque dão oportunidade para que exponham suas ideias e para que sejam vistas como personagens que fazem parte da história brasileira contemporânea, momentos que em outras situações, talvez, não fossem possíveis.

Devota nº 4: Bom é muito gratificante saber que temos ainda esperança nos Santos Populares. Fora o nervoso mas é um prazer.

Devota nº 11: A devota agradeceu por ter tido a oportunidade de falar sobre sua devoção.

3.2 O PROTAGONISMO FEMININO NO CAMPO SOCIAL

Nesta seção, será abordado o protagonismo social das devotas entrevistadas. Para concretizar esse objetivo, foram escolhidas três devotas – nº 1, nº 2 e nº 3. Sua atividades mais relevantes no campo social, por vezes, se convertem não apenas em benefícios para a população santista, como também para residentes e habitantes de

outras localidades, mesmo outros países.

A devota nº 1 é líder do Grupo Mães de Maio.¹⁴ Sua luta pelos direitos humanos, pela luta por igualdade entre os gêneros e contra o racismo iniciou-se há mais de 40 anos. O estopim para o início dessa marcha foi quando seu irmão faleceu, assassinado, segundo especulações, pelo Esquadrão da Morte, e, também, quando um vizinho foi morto misteriosamente, sem que o caso tenha sido solucionado até o presente momento. Em maio de 2006, seu filho foi uma das vítimas de uma chacina, conhecida como Crimes de Maio, em que policiais militares, que estavam atuando em retaliação a ações praticadas por bandidos pertencentes a facção criminosa PCC, Primeiro Comando da Capital, no estado de São Paulo, tiraram a vida de muitos trabalhadores no interior, no litoral e na capital paulista. Em Santos, atuou com maior rigor, mais especificadamente na zona noroeste, lugar onde se encontra grande parte da população pobre da cidade. A partir desse momento, a luta por justiça tornou-se mais intensa. A devota começou a participar de inúmeras palestras, mesas redondas, conferências, tanto no Brasil como no exterior, com o objetivo de que todos e todos/as saibam das atrocidades cometidas injustamente por autoridades civis e religiosas tanto na atualidade, como no decorrer da história mundial. Sua voz por justiça tanto para o assassinato de seu filho, como para todos/as, em especial com a classe dos oprimidos, que sofreram com as atrocidades do Estado é encontrada em livros, que fez em parceria com acadêmicos/as e não acadêmicos/as, em vídeos no YouTube, em postagens no Facebook e no Instagram, em reportagens de sites diversos e artigos publicados pela UNIFESP da Baixada Santista.

Para abordar esse aspecto da pesquisa, foram recolhidos textos de diferentes gêneros, tanto na modalidade escrita, como na oral. Entre eles estão dois livros, uma dissertação e dois artigos, cujos títulos estão presentes no Google Acadêmico, voltado,

¹⁴ O movimento “Mães de Maio” surgiu após a onda de assassinatos, chacina conhecida como “Crimes de Maio”, ocorrida entre 12 e 21 de maio de 2006, quando foram assassinados 505 civis e 59 agentes públicos no estado de São Paulo. É formado 22 (vinte e duas) mães de vítimas e tem por objetivo a luta a favor de toda população, em especial, a pobre, a preta e a indígena contra crimes atribuídos ao Estado.

preferencialmente, para o público acadêmico; além de cinco reportagens e três vídeos, que, por apresentarem uma linguagem mais “simples”, atingem um público maior. Convém mencionar que há um número muito mais abrangente de publicações em que a devota nº 1 está presente; porém, naquelas escolhidas para esta dissertação, optou-se por selecionar aquelas que trazem diferentes e importantes dados para o entendimento da relação entre ela e a devoção – como, por exemplo, o recebimento de uma premiação, a conversa com um representante de Estado ou a possibilidade de participação de uma pesquisa acadêmica.

No ano de 2015, foi publicado o livro “Bala Perdida”: A violência policial no Brasil e os desafios para superação, de Bernardo Kucinski. O autor convida pesquisadores, jornalistas e personalidades conhecidas no meio político brasileiro, como Jean Wyllys, ex-deputado federal pelo PSOL, pelo Rio de Janeiro, e um professor do Programa de Pós-Graduação em Infecção HIV/Aids e Hepatites Virais pela Unirio; além do Movimento Mães de Maio, para compor a redação e a construção da obra. O tema é a violência policial, vista de diferentes ângulos. Guaracy Mingardi, doutor em ciência política pela USP, faz a apresentação, apontando os objetivos do livro:

Este livro pretende discutir o assunto, não criando uma nova teoria, pronta e acabada, mas, sim, trazendo à luz em debate amigável e ainda não resolvido. Cada capítulo apresenta um enfoque diferente. Aqui estão retratadas várias visões sobre a violência policial. [...] E o motivo dessa pluralidade é que ainda não temos, e talvez nunca tenhamos uma abordagem pronta e acabada do tema. Portanto, cada capítulo foi escrito por um ou mais autores distintos. Apesar dessa pluralidade, uma leitura do conjunto permite identificar pelo menos algumas formas de tratar o problema (MINGARDI, 2015, p. 14).

Em nome do Movimento, Danilo Dara, mestrando em História pela USP, na época da publicação, e integrante do Mães de Maio, e a devota nº 1 assinam o artigo. Ainda na apresentação, Mingardi tece o seguinte comentário sobre o momento histórico em 2006:

A outra instituição é o Movimento Independente Mães de Maio, um coletivo formado após maio de 2006 em São Paulo, ou seja depois do que se convencionou chamar de guerra contra o PCC (Primeiro Comando da Capital). Que foi um período negro, em que morreram inúmeros policiais, e a polícia paulista matou centenas de pessoas, tudo com apenas algumas

semanas. Como não podia deixar de ser, esse texto difere dos demais. Afinal foi elaborado por uma ONG fundada na militância; assim, é mais de que uma análise dos fatos, traz também a perspectiva de um ator social (MINGARDI, 2015, p. 15).

O artigo, escrito em primeira pessoa do plural, chama-se “Mães e familiares de vítimas do Estado”: a luta anônima de quem sente na pele a violência policial. Nele, entende-se que ter a chance de uma publicação em conjunto com outros autores, conhecidos nacionalmente, é uma oportunidade de se atingir e persuadir um público maior, principalmente oriundos das camadas populares, a reflexões sobre a violência, aspecto tão comum na história do Brasil. No texto, salienta-se que a violência aos oprimidos não é algo novo, pois, desde o achamento do Brasil, os direitos dos/as índios/as e negros/as já haviam sido violados por meio da opressão e da violência. Além disso, comenta-se sobre a motivação para o surgimento do grupo e sobre a sua missão:

Nossa missão tem sido, por um lado, nos organizarmos em nossas comunidades, nossos espaços de trabalho, nos territórios do inimigo também, e em redes policiais locais, regionais e interestaduais para tentar colocar freios efetivos na disseminada violência do Estado Policial e Penal que se fortalece a cada dia em todo o país (SILVA; DARA, 2015, p. 85).

Os autores afirmam que o grupo já firmou parcerias com outros grupos que passaram por situação semelhante, como a Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência e Mães de Acari, no Rio de Janeiro, Frente Antiprisional das Brigadas Populares de Minas Gerais e Comitê Contra a Violência Policial de Goiás. Por fim, contam com a parceria de pessoas da sociedade civil santista e de outras localidades que garantem a retaguarda das/dos militantes, que estão na linha de frente do Mães de Maio, fazendo doações de artigos de primeira necessidade dos/das envolvidos/as no Movimento. Cabe mencionar que o grupo entende uma sociedade democrática como aquela em que compete à polícia proteger a sociedade, seus bens e seus direitos, não uma instituição punitiva, com a presença de um funcionário fazendo as funções de “capitão do mato”, tão usual no período da escravidão, quando a tortura e a morte eram impostas pela classe dominante. Para a mudança dessa realidade, o Movimento admite que toda a sociedade precisa ter acesso à informação e, que a partir disso, faça uma

reflexão consciente sobre a história passada e atual. No final do artigo, o grupo indica seu site (<www.maesdemaio.com>) e sua página no Facebook: <www.facebook.com/maesdemaio>.

Cabe citar que esse posicionamento vai ao encontro das palavras de Ortiz:

Neste sentido o marxismo é uma ideologia pois a filosofia de práxis se define como “reforma intelectual e moral”. Enquanto reforma intelectual ela preside a transformação do próprio conhecimento, como reforma moral orienta as ações dos homens na direção da criação de uma nova cultura (ORTIZ, 1980, p. 166).

Em 2016, em virtude do lançamento do livro eletrônico “Calibã e a bruxa”: mulheres, corpo e acumulação primitiva, a devota, assim como a autora do livro, Silvia Federici, encontraram-se para uma mesa de debates. Federici nasceu em Parma, na Itália, em 1942, é militante de tradição feminista marxista, lecionou na Universidade de Port Harcourt, na Nigéria, e atualmente é professora emérita da Universidade de Hofstra, em Nova York. De acordo com as notas das tradutoras da obra:

Lançamos uma versão eletrônica do livro em setembro de 2016, com uma mesa de debates composta por Silvia Federici, Débora Maria da Silva (Movimento Mães de Maio), Regiany Silva (Nós, Mulheres da Periferia) e Monique Prada (Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais). O debate foi realizado na Escola Ocupada Livre, em São Paulo, edifício ocupado por integrantes do Movimento Terra Livre que abriga uma série de eventos formativos na linha da educação popular. [...]

Na ocasião, discutimos a atualidade do tema da caça às bruxas no Brasil, tendo como foco as estratégias relançadas pelo capitalismo a cada grande crise e as possibilidades de resistência dos movimentos de mulheres. Para além de pensar o tema apenas circunscrito à Inquisição no Brasil e à caça às bruxas do período colonial, entendemos que esse fenômeno ainda está presente no encarceramento massivo de mulheres negras perpetrado pelo Estado; na sub-representação ou representação deturpada da mulher nos meios de comunicação; nas violências obstétricas contra as cidadãs que recorrem ao Sistema Único de Saúde (SUS); nos corpos das vítimas de violência policial nas periferias; e na experiência cotidiana de perseguição, silenciamento, agressão e invisibilização das mulheres trans, travestis e prostitutas, entre tantos paralelos essenciais (FEDERICI, 2017, p. 8-9).

A obra de Federici é lida e indicada no meio acadêmico, como, por exemplo, servindo como sugestão de leitura para aqueles e aquelas que desejam participar do grupo de estudos GRACIAS – Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes, encabeçado pela professora Francirosy Campos Barbosa Ferreira, do

Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). A presença da devota, com a citação de seu nome e sobrenome, demonstra o quanto a população da periferia, com seus desejos e com suas aspirações, enriquecem as pesquisas acadêmicas, atingindo até mesmo pesquisadores de diferentes áreas. Além de participar dos debates, a líder do Movimento Mães de Maio vendeu alguns exemplares, divulgando a obra de Federici, também a seu círculo de conhecidos, levando o conhecimento a indivíduos que, talvez, sem sua colaboração, não entrassem em contato com uma leitura tão profunda a respeito de injustiças sociais ocorridas no passado e na história contemporânea.

A dissertação, intitulada “Da casa às ruas”: o movimento de mães em São Paulo, de Alice Marta Belinello da Graça, tem como objeto de pesquisa a formação de três movimentos sociais no estado de São Paulo. São eles: Associação Mães da Sé, Associação Mães em Luta e Movimento Mães de Maio. Para que o trabalho fosse concretizado, foram feitas revisão bibliográfica e entrevistas. Em relação ao Movimento Mães de Maio, a autora comenta como o movimento surgiu, como se organiza, como formulou seus objetivos e como continua sua militância. De acordo com as líderes do Mães de Maio, a escravidão e a ditadura ainda não acabaram no Brasil, principalmente, nas periferias, com policiais que atuam, sem a devida preparação. Assim:

Nesse contexto nasce o Movimento Mães de Maio. O grupo começou a recrutar as mães de vítimas para a organização do movimento que passou a contar com o apoio do Conselho Estadual de Defesa da Pessoa Humana (CONDEPE) e do Grupo Tortura Nunca Mais-SP (GRAÇA, 2014, p. 16).

O Movimento é formado por 22 (vinte e duas) ativistas; porém, mesmo com o apoio de alguns outros grupos e a divulgação das atividades do Movimento – pelas redes sociais e por dois livros impressos, “Mães de Maio”: do luto à luta, e “Mães de Maio, Mães do Cárcere”: a periferia grita por justiça –, a violência e a intimidação ainda se fazem presentes no cotidiano de muitas mães:

As mães da Baixada Santista começaram a se organizar. Recebiam ameaças a todo o momento, eram perseguidas, duas de suas fundadoras foram presas em flagrante como

traficantes em uma abordagem policial, segundo as mesmas, “duvidosas”. Mesmo com toda essa coação as mães continuaram a efetuar denúncias e pedir providências para investigarem as mortes de seus filhos (GRAÇA, 2014, p. 72).

O Movimento, liderado pela devota nº 1, inspira-se nas Madres de Mayo e está aliado à Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência-RJ e ao Comitê contra o Genocídio da População Jovem Negra e Periférica do Estado de São Paulo, e continua lutando contra a violência institucional. Nas pesquisas de Graça, de acordo com o Movimento, todas as militantes do grupo são importantes, ou seja, o poder de atuação é o mesmo para todas:

A data oficial que o grupo atribui ao seu surgimento é maio de 2006, nomeando-o como: Mães de Maio da Democracia Brasileira, optando por não constituir uma ONG, pois as mães acreditam que, como movimento, possui maior liberdade de atuação e de atribuição de poder entre os membros (GRAÇA, 2014, p. 72).

O artigo “Construções de gênero das mulheres/mães negras no contexto da violência policial contra adolescentes e jovens”, de Rosângela Araújo e Maria Marta Pinto Argolo, menciona que a cidade de Salvador é a terceira no *ranking* do Brasil em assassinatos de adolescentes e jovens, em sua maioria, negros do sexo masculino, por policiais militares, o que causa grandes danos emocionais aos familiares das vítimas, com maior ênfase em relação às mães. Para as estudiosas, esse dado, aliado a escassas pesquisas na área acadêmica sobre o assunto e à falta de políticas públicas para a solução do problema, é um dos fatores que corroboram a continuidade da diáspora negra em solo brasileiro. Por outro lado, há movimentos sociais que têm por objetivo mudar esse quadro, dando voz às mulheres, principalmente mães, como por exemplo o Movimento Mães de Maio:

Se por um lado são escassas as produções acadêmicas sobre as experiências de mulheres que perdem seus filhos para a polícia militar, por outro, tem se organizado no Brasil, algumas iniciativas como movimentos sociais, campanhas, projetos em torno da luta contra esse tipo de violência e da busca por justiça, tendo em vista a impunidade que caracteriza tais fatos. Destaca-se, como exemplo de luta, o Movimento Mães de Maio, protagonizado por mulheres/mães, vitimadas pelos “crimes legais” (ARAÚJO; ARGOLO, 2017, p. 152).

Em outro artigo, “Das antigas e novas loucas”: Madres e Mães de Maio contra

a violência do Estado, de Renata Gonçalves, é traçado um paralelo entre as experiências vividas pelas Madres da Plaza de Mayo, em Buenos Aires, na Argentina, e pelas mães, integrantes do Movimento Mães de Maio, no Estado de São Paulo, em solo brasileiro. Ambos os grupos, mesmo separados no tempo e no espaço, apresentam pontos em comum – a perda de seus filhos, vítimas de assassinato, a luta para que venha a público quais as reais motivações que tiraram a vida de tantos jovens e o movimento contra o terrorismo do Estado. Em contrapartida, enquanto na Argentina as vítimas foram mortas porque lutavam por ideais políticos, no Brasil foram assassinadas aleatoriamente. Para embasar seus argumentos, a estudiosa cita as pesquisas elaboradas no exterior a respeito do procedimento policial em maio de 2006:

Resultado: 493 pessoas foram mortas em pouco mais de uma semana. Em total disparate com os próprios números do aparato policial, 6% tinham antecedentes criminais, mas 122 casos possuem características de execução sumária pela polícia. Estes dados são da ONG Justiça Global e da Internacional Human Rights Clinic (IHRC), da Faculdade de Direito de Harvard, que em 2011, divulgaram as conclusões do estudo dos crimes ocorridos em maio de 2006. Sob o título *São Paulo sob achaque*, o denso relatório apresenta as análises sobre a onda de violência policial subsequente aos ataques atribuídos ao PCC e revela o que considera falhas do Estado nas investigações. A equipe, que contou com o apoio de várias organizações, realizou entrevistas com autoridades e testemunhas, falou com familiares, analisou dados oficiais, peças de inquéritos e autos policiais; visitou centros de detenção. Logo nas primeiras páginas do documento, enfatizam a hesitação e lacunas do Estado nas investigações dos crimes em que seus agentes eram suspeitos; e também salientam que esta mesma Instituição, por outro lado, geralmente não teve problemas para esclarecer a autoria dos crimes e delitos em que seus agentes foram vítimas (GONÇALVES, 2012, p. 135).

No artigo de Gonçalves, há a seguinte citação do livro “Mães de Maio”: do luto à luta, em que se evidencia a iniciativa da devota nº 1 para que cada mãe, principalmente proletárias e oriundas das camadas populares, não se calassem perante iniquidades do Estado:

Me levantei mesmo. No dia seguinte recebi alta. Fui para a casa e, passando mais ou menos uma semana, fui à procura das outras mães que tinham perdido seus filhos também.

A primeira que eu encontrei foi a Edinalva, depois fomos atrás da Vera, e assim por diante, uma atrás da outra.

Aí começou a peregrinação. Ninguém queria saber da nossa dor: delegacias, Ministério

Público, vereadores. Ninguém. (“Mães de Maio”: do luto à luta, 2011, p. 25)

De acordo com a estudiosa, o grupo não se manteve parado, indo à procura de outras instâncias:

Na condição de mães que tinham o direito de serem ouvidas, saíram da Baixada Santista e chegaram à capital paulista. Procuraram a Ouvidoria da Polícia, descobriram o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo (CONDEPE) e tiveram acesso ao livro Crimes de Maio. “O livro foi lançado pelo Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo em fevereiro de 2007” (GONÇALVES, 2012, p. 140).

Gonçalves afirma que, a partir da leitura do livro “Crimes de Maio”, o grupo descobriu que um número muito maior de assassinatos havia ocorrido na ocasião e compreenderam como um ato de violência estrutural contra os dominados, os “descartáveis pela sociedade”. Por fim, a autora declara, metaforicamente, que os filhos mortos pariram suas mães, tanto da Plaza de Mayo como do Movimento Mães de Maio, pois, só com a morte deles, mulheres, em grande parte vindas das camadas populares, com ideais de uma sociedade mais justa, passaram a ser notadas dentro e fora de seus países.

Em 05 de maio de 2014, a devota concedeu uma entrevista à jornalista Camila Maciel. A reportagem, intitulada “Fundadora do Mães de Maio conta como transformou em luta a dor pelo assassinato”, foi publicada em 11 de maio de 2014, no site da Agência Brasil (MACIEL, 2014). Maciel apresenta Débora Maria da Silva, fundadora do Movimento Mães de Maio, e informa que foi uma das homenageadas na 19ª Edição do Prêmio Direitos Humanos em 2013. A interlocutora afirma que, com apenas 17 anos, teve uma gravidez de risco de seu filho primogênito, Édson Rogério Silva dos Santos. No final da gestação, ao fazer a cesariana, afirma que teve seu corpo mutilado, devido a uma cirurgia mal finalizada. Durante a infância, enfatiza que o menino sofreu de uma forma grave de hepatite. Na fase adulta, foi preso, acusado de roubo, cumprindo pena de 5 anos em Guarulhos-SP; porém, segundo a devota, foi torturado para que assinasse o flagrante, assim, foi punido injustamente. A devota comenta sobre o dia do assassinato de seu filho, atribuído a policiais militares e, também, que muitas integrantes do

movimento sofreram retaliações e desistiram da militância.

Na reportagem “Dia das Mães marca 12 anos de impunidade dos Crimes de Maio”, publicada na Revista Brasil, pertencente ao Sindicato dos Bancários e Financieiros de São Paulo, são relatados os crimes de maio ocorridos em 2006, além da militância do Movimento e o posicionamento do Ministério Público em arquivar os casos. Em relação às execuções, admite-se, nesse texto, que para que a situação de conflito, em maio de 2006, fosse finalizada, um acordo entre Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, apontado como chefe do PCC, Saulo Castro Abreu, secretário de Segurança, e Nagashi Furukawa, secretário da Administração Penitenciária, sob o comando do governador de São Paulo em exercício na ocasião, Cláudio Lembo, foi firmado. O Ministério Público, por sua vez, arquivou os processos dos assassinatos por falta de provas; assim, a devota e outras mães lutam por justiça e para que os processos sejam reabertos. Para elucidar sua luta, há a citação de sua fala:

“Se isso não for esclarecido, vamos ter 'crimes de maio' ano após ano”, afirmou centenas de vezes Débora Maria Silva, coordenadora do movimento Mães de Maio.

Ela avalia que nunca houve qualquer preocupação em esclarecer os casos. Não houve perícia dos corpos e locais de assassinatos. O filho dela, o gari Edson Rogério da Silva, foi morto em 16 de maio de 2006, a alguns metros de casa. O caso foi arquivado a pedido do Ministério Público (MP), mas anos depois foi encontrada uma bala na coluna dele, após exumação de seus restos mortais (“Dia das Mães marca 12 anos de impunidade dos Crimes de Maio”, Spbancarios, 2018).

Houve tentativas para a reabertura, mas até o momento, nada foi feito:

Em abril de 2015, o Conselho Nacional do Ministério Público realizou audiência na sede do Ministério Público Estadual paulista para ouvir os relatos das Mães de Maio. O então presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Fundamentais do Conselho, Jarbas Soares Júnior, e o ex-procurador-geral de Justiça de São Paulo, Márcio Fernando Elias Rosa, atualmente secretário de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania, estavam presentes e receberam o pedido delas para reabrir os casos. Nada aconteceu depois disso (“Dia das Mães marca 12 anos de impunidade dos Crimes de Maio”, Spbancarios, 13 mai. 2018).¹⁵

¹⁵ Disponível em: <<https://www.spbancarios.com.br/cidadania/2018/05/dia-das-maes-marca-12-anos-de-impunidade-dos-crimes-de-maio/>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Ainda sobre a reportagem, vale salientar que o Movimento fez um protesto na Praia do Gonzaga, no Dia das Mães de 2018, com fotos e nomes de jovens assassinados no mês de maio. O bairro do Gonzaga é formado por residências, comércio de rua, shoppings e boa parte da rede hoteleira; dessa forma, moradores da Baixada Santista e turistas puderam visualizar e entender as motivações do manifesto.

FIGURA 12: PRAIA DO GONZAGA - MÃES DE MAIO FAZEM PROTESTO EM VIRTUDE DOS ASSASSINATOS OCORRIDOS EM 2006



Fonte: Rede Brasil Atual¹⁶

Na reportagem intitulada “Débora Maria quer justiça”: “Você não cria filho para ser morto pelo Estado”, publicada no canal Universa, da UOL, a jornalista Natacha

¹⁶ Dia das Mães marca 12 anos de impunidade dos Crimes de Maio. Disponível em: <<https://spbancarios.com.br/05/2018/dia-das-maes-marca-12-anos-de-impunidade-dos-crimes-de-maio>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Cortês comenta sobre os assassinatos, cujas vítimas, em sua maioria, eram jovens negros e pobres, ocorridos em maio de 2006, em virtude da retaliação policial contra os ataques do PCC. A jornalista relata a trajetória de Débora, revelando como a líder do movimento Mães de Maio atua para que sejam punidos os assassinos de seu filho, assim como de outras vítimas da violência do Estado. Para levar sua mensagem a um número maior de ouvintes, a devota mantém contatos com a Anistia Internacional e com representantes de Estado de outros países, dissertando, como uma especialista, sobre Ministério Público, Corregedoria e desmilitarização da polícia.

Em dezembro de 2013, no Fórum Mundial de Direitos Humanos, Débora recebeu um prêmio das mãos do então ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, por sua atuação à frente das Mães de Maio. Na ocasião, esteve com Dilma Rousseff e questionou a então presidente sobre por que não agendou um encontro com ela antes... (CORTÊS, 2018).

Em 06 de dezembro de 2018, a devota foi homenageada na Câmara Municipal de Osasco, devido a sua militância contra a violência do Estado (v. Figura 13).

FIGURA 13: CÂMARA MUNICIPAL DE OSASCO – DEVOTA É HOMENAGEADA DEVIDO À LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA DO ESTADO



Fonte: Giorgia Cavicchioli, 2018.

Em entrevista, durante o evento, para o site ponte.org (CAVICCHIOLI, 2018),

informou seu ponto de vista a respeito da guerra contra as drogas, da educação e da violência contra a população negra e pobre por parte da polícia. Metaforicamente, afirma que a luta vem do “útero” e seu objetivo é “parir uma nova sociedade, parir um novo Brasil”. Devido a sua militância, influenciou outras mães cujos filhos também foram executados por policiais, como Zilda Maria de Paula, líder do grupo Mães de Osasco, que decidiu não se calar perante as adversidades da vida, aliando-se à devota.

“Mães de Maio”: a reação contra a violência do Estado, reportagem redigida pela jornalista Gisele Brito para a página Brasil de Fato, foi publicada em 13 de maio de 2016. Nela são traçados os objetivos do Movimento Mães de Maio e seu papel na história atual do Brasil:

O gritante número de assassinatos e o desinteresse da Justiça em punir os responsáveis deu origem ao movimento Mães de Maio, formado principalmente por familiares das vítimas do massacre.

Mais do que justiça para os próprios filhos, as Mães construíram, ao longo dos anos de atuação e luta, um movimento social de combate aos crimes do Estado ocorridos durante o período democrático, e se transformaram em referência para outras famílias preocupadas com a marcha fúnebre que vitima milhares de pessoas todos os anos no Brasil (BRITO, 2016).

Nessa reportagem, são expostos gráficos indicadores do perfil das vítimas dos Crimes de Maio, em sua maioria negros, pobres e moradores das periferias; e mencionadas algumas citações de mães integrantes do movimento, retratando sua indignação perante os fatos. É importante salientar que Antônio Maffesoli, defensor público, na Baixada Santista, em 6 (seis) casos de homicídio dos Crimes de Maio, manifesta sua opinião a respeito das atitudes desse grupo de mães:

“Essa luta toda que tem a esfera jurídica, onde eu atuo, e a política, onde estão as Mães de Maio, tem várias conquistas que são muito importantes e pedagógicas. A referência que elas se tornaram dentro da luta pelos direitos humanos, os avanços em relação ao fim dos autos de resistência, é tudo muito importante. [...]” (BRITO, 2016).

Na reportagem “Débora Silva e as Mães de Maio não têm medo da PM paulista”, de Patrícia Zaidan, publicada no site da revista Claudia em 17 de novembro

de 2016, a devota explica como o Movimento surgiu, seus objetivos, as dificuldades enfrentadas e algumas vitórias alcançadas até aquele momento (ZAIDAN, 2016). Outro aspecto que aponta são os trabalhos sociais que, juntamente com outros/as integrantes do Movimento, realiza, voltados para a população carente, moradora dos cortiços, situados no bairro do Paquetá e no centro da cidade:

“Para trocar um pouco o tema da morte pela vida, faço trabalhos com crianças dos cortiços de Santos. Uma equipe vai, corta cabelo, faz unhas. Entregamos, como na Páscoa, ovos de chocolate ou brinquedo... Juntamos o movimento hip hop, o de teatro... os domingos ficam festivos.

Eu estou sempre viajando, reunindo outras mães em diferentes locais do país, participando de discussões, falando com políticos. Já fizemos um filme e um livro. É fundamental multiplicar a visão das mães na sociedade para que isso interfira em projetos públicos de educação, saúde, moradia, segurança. Meu trabalho não é remunerado, meu marido mantém a casa. Recebo passagem e alimentação para as viagens. E mais nada me interessa, porque minha vida não me pertence mais. Ela é pública. Vou continuar gritando até perder a voz ou mudar a realidade truculenta do meu país” (ZAIDAN, 2016).

Em outra reportagem, intitulada “Débora, do Mães de Maio, luta por memória”: “Meu filho morreu por ser preto”, publicada no canal da UOL “Universa” (GERALDO, 2020), a devota nº 1 comenta os dias que antecederam a morte de seu filho, os ataques atribuídos ao PCC, sua investigação por conta própria e suas atitudes, como pesquisadora e investigadora, que levam outras mães e mulheres a se posicionarem perante obstáculos do cotidiano. De acordo com a devota nº 1:

Sempre fomos um levante que inspira outras mães a gritarem. Hoje, nos unimos a mães que tiveram seus filhos desaparecidos, mães de todo o Brasil, do Rio de Janeiro. Fora do país, temos conexão com as mães norte-americanas, mães das vítimas das Farc, mães de Cali. E em cada uma dessas mulheres que perde o filho para o Estado tem uma mãe de Maio... (GERALDO, 2020).

A devota também afirma que sua luta se deve à mensagem em forma de solicitação de seu filho falecido, recebida em sonho, durante sua internação em hospital da Baixada Santista “Levanta daí, você é minha guerreira... Não quero a senhora aqui”. Na reportagem, evidencia-se que essa luta já lhe rendeu frutos, como o reconhecimento pelo Estado paulista do dia 12 de maio – Dia das vítimas do Estado Terrorista Brasileiro

– como Dia Mães de Maio (Lei nº 14.981, de 5 de abril de 2013); além disso, o *rapper* Emicida compôs uma música, intitulada “Chapa”, utilizando como tema a saudade, e elaborou um clipe com a participação de algumas Mães do Movimento Mães de Maio.

Em entrevista para o site Ponte, Leandro Roque de Oliveira, o Emicida, relata que, a princípio, se inspirou na população de Cabo Verde para compor a canção “Chapa”, “seus anseios e história, que deixaram marcas muito fortes presentes naquele povoado até hoje” (ADORNO, 2016). Porém concluiu que chapa, vocábulo largamente utilizado na língua portuguesa no Brasil, na variante coloquial, pode referir-se a qualquer pessoa, independente da nacionalidade. Na composição, o autor, mesmo utilizando palavras da norma coloquial, aborda seriamente problemas sociais, como a morte ou o desaparecimento de jovens; e, se, porventura, houvesse a possibilidade de um reencontro entre filhos falecidos e mães, a alegria seria tanta, assim como em uma festa de Ano Novo, ou de Cosme e Damião, eventos importantes para praticantes do catolicismo popular e das religiões de matriz africana. Para a elaboração do clipe, Emicida encontrou um ponto de intersecção entre o sofrimento da população cabo-verdiana e as militantes do Movimento Mães de Maio. Assim, a devota nº 1 e demais integrantes do grupo protagonizam as filmagens, mostrando fotografias de seus filhos mortos por policiais. No final do clipe são mostrados dados estatísticos, a partir de mapeamentos de André Caramante – que, por sua vez, baseou-se em informações do setor de inteligência da Polícia Militar, do Mapa da Violência de 2014 e de dados da Universidade Federal de São Carlos.

A reportagem “Mães de Maio pedem, há 13 anos, justiça para seus filhos vítimas de onda de crimes”, redigida por Eduardo Valim, Letícia Gomes e Thaís Prado, foi elaborada em virtude do lançamento do livro “Mães de Maio”: memorial de nossos filhos vivos, em 16 de maio de 2019, na capital paulista. Nela são narradas a história de sofrimento e força de 3 (três) mães pertencentes ao Movimento, de Maria Sônia Lins, de Ilza Soares, incentivadas a participar do movimento por Débora Maria da Silva, e da

devota nº 1. Todas afirmam que a dor pela perda de um filho é permanente e que duas mães já faleceram devido à depressão causada pela morte de um filho tão prematuramente; no entanto, permanecem na militância e à procura do julgamento dos verdadeiros culpados pelos homicídios. Nessa trajetória, já obtiveram outros êxitos como:

Mesmo assim, com o tempo, o grupo aumentou e ganhou espaço. Recebeu a Medalha Braz Cubas, da Câmara de Santos, e o reconhecimento da Universidade de Chicago.

Uma das conquistas mais importantes foi a aprovação da Lei 15.505/2014, que instituiu a Semana Estadual das Pessoas Vítimas de Violência no Estado de São Paulo. A homenagem, que acontece todos os anos, entre os dias 12 e 19 de maio, foi efeito direto da luta do grupo de mães. [...]

A maior conquista judicial do grupo veio no ano passado, com uma ação judicial movida pelo Ministério Público. O promotor Eduardo Valério, que assinou a petição, diz que uma das reivindicações é a admissão de que houve ação criminosa articulada/organizada. A partir daí a ação pede tratamento psicológico para as mães e familiares das vítimas, indenizações individuais e coletivas, por dano social, e disponibilização da versão das mães em vídeos e textos nas páginas eletrônicas do Governo do Estado, entre outras medidas (VALIM; GOMES; PRADO, 2019).

O vídeo intitulado “Eu, mulher na Unifesp” – Do luto à luta, publicado pelo canal da Unifesp, Universidade Federal de São Paulo, foi elaborado em virtude da implantação de um grupo de pesquisa, em uma parceria do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Unifesp e da Universidade de Oxford, com o objetivo de identificar as vítimas dos Crimes de Maio em 2006, com a participação de integrantes do Movimento Mães de Maio. A devota nº 1 concede entrevista, comentando as motivações que a levaram à organização do movimento, a trajetória de seu filho e a resistência a muitos incidentes ocorridos em sua vida, desde seguir outra denominação religiosa diferente da imposta por seus pais até a luta pela desmilitarização da polícia. Também relata seu encontro e um diálogo que teve com a ex-presidente Dilma Rousseff quando recebeu um prêmio no Fórum Social Nacional, em 2013 e, aproveitando a oportunidade, afirma para a representante de Estado que o Brasil não se desvencilhou de comportamentos inerentes à Ditadura Militar e que o país, além do mais, vive uma

guerra de classes sociais. Além desse fator, aponta que os Crimes do Maio foi uma chacina, passagem triste na história do Brasil, e agradece pelo recebimento da medalha Unifesp, em memória aos 10 anos dos Crimes de Maio, e por fazer parte do projeto, assim como outras integrantes, como pesquisadoras, entre a instituição e a Universidade de Oxford. Seu desejo é que o Movimento não seja apenas objeto de estudo, ou se apresente, como exemplo, no capítulo destinado ao estado da arte, mas sim sua participação na elaboração e na finalização do trabalho, pois procura respostas para suas indagações e para suas provocações. Segundo ela, o Movimento tem um trabalho social, voltado para toda comunidade; assim, a partir da troca de experiências, outros pesquisadores da instituição conhecerão outras realidades, até então, desconhecidas para muitos deles.

No vídeo, intitulado “Débora da Silva, coordenadora do Independente Mães de Maio, fala sobre vítimas da violência policial”, divulgado no canal do YouTube da Assembleia de Minas Gerais, através do programa Mundo Político, a devota apresenta o quarto livro publicado pelo Movimento Mães de Maio, chamado “Mães de Maio”. Memorial de nossos filhos vivos, as vítimas invisíveis da democracia, e relata sobre os assassinatos ocorridos em maio de 2006, seu ponto de vista sobre a política e segurança pública.

“Mães de Maio”. Memorial de nossos filhos vivos: as vítimas invisíveis da democracia é uma obra organizada por Débora Maria da Silva em que são expostas as experiências de 23 (vinte e três) mães de vítimas, cujos filhos, com idades entre 15 e 29 anos, foram assassinados, devido a um Estado punitivo. Por esses crimes terem ocorrido após 2006, a organizadora defende que as ações da polícia continuam as mesmas e, quando procurada por outras mães, ajuda-as a defender seus direitos e incentiva-as para que se aliem à militância na luta contra a desmilitarização da polícia. Vale lembrar que o Movimento tem uma parceria com a Universidade de Oxford, que, segundo a devota, está traduzindo o livro para o inglês e para o espanhol, pois o objetivo é que a população

do planeta tenha conhecimento sobre os fatos e posicione-se, criticamente, a respeito da história e da política mundial na atualidade.

Nessa entrevista, a devota afirma que a sociedade brasileira ainda não fez uma reparação em se tratando de escravidão. Como argumento informa que, segundo às estatísticas, inúmeros homens pretos e pobres, moradores das periferias e favelas, estão sendo mortos, como uma tentativa de exterminar a população negra do território brasileiro; além disso, o Ministério Público, pago pelo dinheiro do contribuinte, não realiza com eficiência suas atribuições, deixando em segundo plano a averiguação dos fatos e reforçando a ideia de um Estado punitivo. Em face aos assassinatos de 2006, as próprias mães fizeram as investigações dos acontecimentos e concluíram que mais de 600 pessoas foram assassinadas entre 12 e 19 de maio, entre policiais e civis, no Estado de São Paulo. De acordo com as pesquisas do Movimento, apenas 2% dos civis tinham passagem pela polícia, e, desse percentual, em sua maioria, por pensão alimentícia. Em 2011, a ex-Procuradora da República, Raquel Dogde, em conjunto com a Universidade de Havard, elaborou uma pesquisa chamada “São Paulo sob ataque”, mostrando a corrupção do sistema prisional. No entanto, em vista desse documento, o Ministério Público elogiou o trabalho da Polícia Militar de São Paulo ao restabelecer a ordem pública em maio de 2006 – fator que muda em 2018, quando o Ministério Público pede desculpas ao Movimento Mães de Maio pelo ocorrido no violento maio de 2006.

Para a devota, a população pobre e preta ainda vive na ditadura. Como alternativas para a melhoria da situação, a devota indica que, nas universidades, públicas e particulares, os professores sigam seu livre arbítrio, ou seja, tenham liberdade de cátedra e que incentivos financeiros sejam dados às pesquisas em todas as áreas do conhecimento. Outra saída, para ela, é a desmilitarização da polícia, pois uma sociedade democrática de fato não se constrói apoiada numa justiça seletiva. Assim, partindo-se da educação, por meio de conhecimentos científicos sólidos e por meio de uma polícia destinada a, de fato, garantir a segurança da população, o Movimento Mães de Maio

atinge seu objetivo, não uma política do ódio, mais sim uma sociedade justa com todos e todas, independentemente de cor ou classe social.

Em 13 de agosto de 2020, a devota nº 1 concedeu entrevista à jornalista Jéssica Santos, no programa Quintas Resistentes, do Núcleo Piratininga de Comunicações. Na página do Núcleo na internet, é possível encontrar partes da fala da interlocutora. Débora Maria da Silva, educadora popular e pesquisadora, relata partes da biografia de seu filho até o dia do seu assassinato. Comenta como “uma visão”, isto é, um pedido, em sonho, de seu filho para que não se intimidasse com a sua morte e que reagisse. Assim, explica como nasceu o Movimento do qual é fundadora e coordenadora, ajudando outras famílias a superar o luto e a reivindicar seus direitos. Ainda afirma que a ditadura e a escravidão no Brasil não acabaram e que o Movimento, devido à militância e aos objetivos, já recebeu premiações:

O movimento Mães de Maio recebeu em 2013 a Medalha Chico Mendes, que simboliza o reconhecimento e homenagem aos que lutam em defesa do direito à vida e à liberdade. Na ocasião, Débora levantou questionamentos sobre as limitações em se falar em democracia quando a polícia militarizada continua matando nas favelas. “A gente questionou onde estava essa democracia. A ditadura é muito presente dentro das favelas e nas periferias. A gente sabe a geografia de tudo o que aconteceu no Rio de Janeiro e o que acontece nos dias de hoje, somos a prova viva. Como a gente pode acreditar no fim da ditadura, vendo que a máquina de moer gente está por aí? Como Estado brasileiro diz que respeita a democracia e fatia a Constituinte? (SANTOS, 2020).

Nessa reportagem, fica evidente que o Movimento Mães de Maio deseja continuar com seus objetivos: a educadora popular explica os impactos causados pela publicação de duas obras que organizou: “Mães de Maio”. Do luto à luta; e “Mães de Maio”. Memorial dos nossos filhos vivos – as vítimas invisíveis da democracia. Foi salientado que, nesse último, foram recolhidas 23 depoimentos de familiares de vítimas de crimes cometidos pelo Estado; e para dar voz a mais indivíduos que passaram por situação semelhante, foi anunciada a intenção de publicar mais dois volumes do livro.

Em entrevista para a dissertação, a devota nº 1 afirma que a luta por direitos humanos, o engajamento no movimento social e toda premiação que já recebeu em nome

do Movimento foram por intercessão do Menino Onofre, pois segundo ela:

Devota nº 1: A fé inabalada que tenho por ele de nunca me abandonar.

As respostas dos pedidos... vêm sempre instantaneamente

Sempre grito ao receber a bênção. Esse menino é porreta

[...] As pessoas alcança graça e coloca brinquedo, enfim eu acho que o Menino Onofre, pra mim, é a minha religião porque eu comungo, ééé não posso de deixar de ir no cemitério passar, sem passar de ir na campa dele.

Além disso, em especial, a placa abaixo foi afixada no túmulo do Menino Onofre. A esse respeito, a devota tece o seguinte comentário: “a gente coloca uma placa, no caso eu, quando o Estado reconhece os danos morais contra a morte do meu filho. O Estado reconheceu, né! Então também coloquei uma placa lá”.

FIGURA 14: EX-VOTO EM AGRADECIMENTO AO MENINO ONOFRE POR GRAÇA ALCANÇADA



Fonte: Acervo pessoal

A devota nº 2 nasceu no estado de Sergipe, vindo morar no bairro Vila São Jorge, na periferia de Santos, ainda na infância, onde teve os primeiros conhecimentos cristãos. Por influência de sua avó e demais familiares, sua mãe segue o catolicismo institucionalizado até o presente momento, frequenta missas rotineiramente e apresenta algumas ressalvas em relação aos santos de cemitério, não reconhecidos pelo Vaticano.

No entanto, mesmo quando soube que sua filha, a devota nº 2, cultuava o Menino Onofre, não se indispôs com ela e nem mesmo a criticou, pois, para ela, concluiu que a devoção trazia benesses, mesmo que não estivesse presente no panteão do catolicismo oficial. Seu pai não a proibiu de cultuar o anjinho, porém impôs que conhecesse a religião de matriz africana da qual era adepto. Obedecendo a essa exigência, amedrontou-se quando presenciou uma única cerimônia, criando uma certa repulsa. Entretanto, esse impasse foi superado ao entrar na fase adulta quando começou a participar de encontros interreligiosos na Paróquia Anglicana de Santos.

Como morava nas proximidades do Cemitério da Areia Branca, conheceu a devoção na adolescência por intermédio de amigas de escola. Estas, por sua vez, deixavam seus cadernos, como ex-votos, no túmulo do Menino Onofre, para que obtivessem aprovação na escola. Ao observar o êxito escolar delas, a devota nº 2 passou a cultuar, além dos santos do catolicismo oficial, o anjinho também, e conseguiu muitas graças durante a vida escolar no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Na fase adulta, concluiu o curso de Direito, fez especialização na área jurídica e trabalha como funcionária pública estadual. Acredita que as benesses trazidas pela devoção ao Menino Onofre são importantes porque, com o estudo, conseguiu uma vida mais confortável do que quando ainda residia no Nordeste. Desde o início de 2020, participa semanalmente dos cultos da Paróquia Anglicana de Santos, localizada na praça Washington, 92, no bairro do José Menino, por dois motivos: pela proximidade com sua nova residência e por se identificar com os fundamentos da religião. Ocupa-se, entre outras tarefas, da divulgação de eventos, como no Dia da Memória dos(as) Transgêneros:

FIGURA 15: DIVULGAÇÃO DE CULTO EM RAZÃO DO DIA DA MEMÓRIA DOS TRANSGÊNEROS
NA PARÓQUIA ANGLICANA DE SANTOS



Acervo: Ana Angélica de Carvalho

Como membro da Comissão de Direitos Humanos, divulga e participa de debates sobre o tema e, também, de encontros interreligiosos.

Atualmente, a devota nº 2 não frequenta mais o cemitério, nem acende velas diante do túmulo do anjinho. Por outro lado, acredita que a confortável condição financeira em que se encontra atualmente foi conquistada através dos estudos, com a mediação do Menino Onofre e, também, não critica quem o cultua. Em seus estudos, Günter Carlos Süß explica que existem três tipos de catolicismo popular: ritual ou de situação “quebra-galho”, festivo ou de dia de festa e histórico ou de todos os dias. Em relação à maneira como a devota construiu seu catolicismo, solicitou e pagou pela promessa, cumprindo seu contrato simbólico, tem sentido a afirmação de Süß:

Um catolicismo popular [...] vive de medidas ocasionais ad hoc, por assim dizer de “intervenções religiosas de bombeiros”, determinadas pela situação, quando às quais a categoria de tempo perceptível segundo os ciclos vitais e a história da vida não tem papel. [...] Com isto está identificado o primeiro tipo de catolicismo popular, o catolicismo popular “atemporal” que aqui seja chamado catolicismo popular ritual ou catolicismo de situação (SÜSS, 1979, p. 141).

A devota nº 3, atualmente, é professora de Matemática na Rede Estadual de

Ensino do Estado de São Paulo e catequista na Igreja Nossa Senhora da D´Assunção, situada na avenida de mesmo nome, nº 200-304, no Morro do São Bento, em Santos. De acordo com a entrevista, ela conheceu a devoção ao Menino Onofre ainda na infância, por influência de sua mãe e de demais familiares. Nasceu numa família humilde de moradores do Morro do São Bento. No Ensino Fundamental, pedia ao santo de cemitério que a auxiliasse nos estudos e, no final do ano, deixava cadernos em seu túmulo. A devoção ainda se faz presente em seu cotidiano, pois anualmente vai à sepultura solicitar por aulas no decorrer de todo ano letivo. Vale lembrar que, por não ser concursada, pertence à “Categoria O”, enfrentando enormes filas ano após ano para que consiga seus objetivos para que nem sua família e nem os/as alunos/as fiquem desamparados/as. A devota é catequista, mostrando os fundamentos católicos para crianças, adolescentes e adultos. Cultua a Nossa Senhora Aparecida e o Menino Onofre. Dessa forma, transita entre o catolicismo oficial e o popular, ultrapassando barreiras entre ambos, e talvez, preconceitos entre adeptos; além de também praticar o culto às almas. Segundo Süss:

O catolicismo oficial é um catolicismo tipo ideal quanto à sua doutrina (sistema cognitivo), o seu culto (sistema expressivo) e as suas normas e valores (sistema normativo). Este catolicismo de tipo ideal na sua esfera simbólica é concreto na sua organização social que se manifesta na sua estrutura hierárquica e na sua composição diacrônica. Nunca existiu o catolicismo “puro” na sua esfera simbólica, como está previsto no dogma, nas prescrições litúrgicas e no direito canônico. Na sua aparência real sempre se mostra “traduzido”, aculturado, tendo feições judaicas, romanas, gregas, brasileiras ou qualquer outras (SÜSS, 1979, p. 171).

Ainda sobre o protagonismo social da devota nº 3, vale lembrar que, no mês de março de 2020, ocorreram várias enxurradas e deslizamentos de terra nos morros da Baixada Santista, deixando 9 mortos, em Santos, e 33 no Guarujá, e muitos desabrigados. Em face desses acontecimentos, a devota colaborou como voluntária na Igreja Nossa Senhora d´Assunção, na arrecadação e na seleção de doativos, como colchões, utensílios domésticos, roupas e alimentos não-perecíveis.

As três devotas, assim como cultuam o Menino Onofre, mantêm outros santos de devoção. Por outro lado, percebe-se que, assim como qualquer ser humano, estão

suscetíveis às agruras do cotidiano. Em relação a esse aspecto, Solange Ramos de Andrade salienta:

Para o devoto, não existe diferença na maneira de cultuar tanto um como outro, pois os ritos que utiliza são os mesmos. O fiel procura o santo porque sente a necessidade de mediatizar um contato com o sagrado. É por meio da manifestação deste que espera resolver seus problemas uma vez que a sociedade não lhe oferece outras possibilidades (ANDRADE, 2015, p. 130).

Andrade realizou estudos sobre o surgimento da devoção ao Menino da Tábua, em Maracá-SP, e, para atingir seus objetivos realizou pesquisa de campo com caravanas de devotos no início da década de 90, detectando que:

É por causa dessa reação do fiel em procurar resolver seus problemas em nível transcendental, que alguns autores defendem a ideia de submissão e passividade das pessoas diante de seus problemas cotidianos, já que não se mobilizam para resolvê-los, por meio dos canais institucionais da sociedade, preferindo buscar ajuda no transcendental (ANDRADE, 2015, p. 130).

É necessário notar que, de acordo com as entrevistas utilizadas para esse capítulo, foram feitas com diferentes devotas, separadas no tempo e no espaço. Atualmente, percebe-se uma mudança de comportamento, pois as devotas não aguardam, apenas, o retorno de seus pedidos ao anjinho, pois procuram por seus direitos em todas as esferas, municipais, estaduais e federais, exigindo para que sejam concretizados. O caminho para isso se realiza com a contribuição do estudo e do trabalho; assim, evidencia-se que a ciência está paralela à devoção.

CONCLUSÃO

A crença na existência de espíritos e de uma vida após a morte faz parte do cotidiano dos povos nativos. Esse aspecto, juntamente com as diversas crenças religiosas dos povos nativos, o culto aos santos/as populares trazidas pelo branco/a português/esa e a crença anímica dos/as escravizados/as misturaram-se e formaram o catolicismo popular no Brasil, tão diversificado e diferente de outros povos. Como exemplo de manifestações religiosas populares no Brasil, podemos citar a reza do terço e as romarias, entre outros. A devoção aos santos/as de cemitério é uma delas e, como manifestação do catolicismo popular, perpassa a história do Brasil; a hagiografia deles/as, assim como a história de vida, dos desejos e das súplicas dos devotos/as, contam alegrias e mazelas do cotidiano de parte da população brasileira, em especial das classes populares, desde a chegada dos portugueses. Em Santos, esse fato não é diferente. Maria Féa e Menino Onofre são personagens da história do município e continuarão sendo lembrados por devotos/as, por ex-votos e pela divulgação de benesses pelo YouTube, Spotify, Instagram e TikTok, mostrando o cotidiano de outro ponto de vista, o das bordas da sociedade santista.

A italiana Maria Féa morreu devido à violência doméstica; Menino Onofre, o Onofrinho, garoto preto e pobre, faleceu devido a problemas de saúde, sofrendo com a escassez de comida por causa da condição de pobreza de sua família. As entrevistas realizadas e que embasaram esta pesquisa, relatam problemas relacionados a experiências como a falta de planejamento de políticas públicas para a saúde, a educação, a segurança, pedindo intercessão do divino onde o Estado pouco se faz presente. A espera por soluções provindas tanto do divino, como de promessas de palanques em anos eleitorais, não são obstáculos que impeçam o protagonismo feminino na busca da concretização de objetivos. Com os objetivos atingidos, suas atitudes reverberam, muitas vezes, além dos limites urbanos da Baixada Santista.

A devoção em túmulos está presente na história de muitos povos, como por exemplo no Egito Antigo, onde a população solicitava e agradecia, utilizando oferendas, não apenas aos deuses do panteão egípcio, mas também aos familiares e a representantes de uma determinada comunidade, em suas sepulturas. Como um ato de resistência, mesmo com a enorme oferta no campo religioso brasileiro, a devoção aos/às santos/as de cemitério continua no cotidiano dos/as brasileiros/as, em especial, na espera e nas lembranças das graças alcançadas pelas entrevistadas.

Vale lembrar que os cemitérios da cidade estão em péssimo estado de conservação sendo que a limpeza e vigilância ficam a cargo dos órgãos competentes. No entanto, tal fator não interrompeu a manifestação do catolicismo popular dentro deles, ou derrubou a crença dos/as devotos/as e, conseqüentemente, as benesses trazidas tanto para elas mesmas, quanto para outros/as beneficiados/as. Na contramão dos cemitérios públicos, o Memorial Necrópole Ecumênica, onde estão os restos mortais de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, é um cemitério vertical e particular, muito bem planejado, com limpeza impecável e segurança 24 horas; porém, não é permitido que se acendam velas ou sejam colocadas oferendas, o que pode afastar a possibilidade de devoção aos/às santos/as de cemitério. Outro fator que colabora para que essa característica, tão comum na cultura brasileira, seja quase que remota, é que nem todas as pessoas têm condições financeiras, ou possibilidades de fazer um sepultamento ou visitas ao local.

Percebe-se que, em Santos, a devoção restringe-se aos cemitérios públicos. Há leis que amparam devotos/as e visitantes dos campos santos municipais, porém, seriam necessárias as campanhas de conscientização, voltadas para todas as classes sociais, para que a insegurança não impeça manifestações religiosas ou visitas a campos de entes queridos, o que, provavelmente, traria mais desenvolvimento e postos de trabalho para o entorno de cada cemitério.

O que a pesquisa realizada demonstrou que:

- a maioria das devotas são mulheres pobres;
- preocupam-se com familiares;
- a violência, não apenas física, exerce influência no protagonismo na divulgação da devoção aos/às santos/as de cemitério, porém as devotas não apenas esperam uma resposta do “transcendente”, mas recorrem a outros meios, como o estudo e o apoio jurídico;
- os ex-votos mostram o quanto as políticas públicas são falhas e revelam o empenho das devotas em contorná-las;
- o sofrimento não é o fim, mas o estopim para mudanças pessoais de cada uma delas, reverberando para além dos limites da Baixada Santista;
- a internet é uma aliada na divulgação da devoção aos/às santos/as de cemitério.

O culto aos santos/as de cemitério não é algo estanque; a cada dia se renova de acordo com a criatividade de devotos/as, *youtubers*, jornalistas, entre outros, indo além das fronteiras dos campos santos, estando presente nos antigos e modernos meios de comunicação, mostrando a diversidade, o colorido e o diferencial do catolicismo popular brasileiro.

ANEXOS

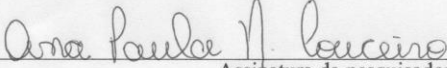
ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “O protagonismo das mulheres na propagação e manutenção do culto aos santos/as de cemitério. Estudos de casos nas cidades de Santos e São José do Rio Preto (SP)”, sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Paula Nogueira Couceiro. Nesta pesquisa estou buscando entender o protagonismo das mulheres na propagação e manutenção do culto aos santos/as de cemitério nas cidades de Santos e São José do Rio Preto. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Ana Paula Nogueira Couceiro, que utilizará meios eletrônicos, como whatsapp, Skipe e Messenger, devido à pandemia de covid-19. Se houver possibilidade, as entrevistas serão feitas, por questionário escrito em cemitérios de Santos e São José do Rio Preto (SP). Na sua participação você relatará como se manifesta sua devoção aos santos de cemitério, por meio de quinze questões. Se forem respondidas oralmente e gravadas, todas serão apagadas na finalização na pesquisa. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos serão mínimos. Os benefícios serão a relevância acadêmica porque o culto aos santos/as do cemitério é um tema pouco estudado no meio acadêmico e mostrar que mulheres, aparentemente simples, são importantes para a construção da história da região onde vivem. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Ana Paula Nogueira Couceiro, celular (13) 99118-1192 – endereço: PUC-SP – Campus Monte Alegre – rua Monte Alegre, 984 -São Paulo-SP. Poderá também entrar em contato com a coordenação do curso de Mestrado e Doutorado em Ciência da Religião da PUC-SP, situada na rua Ministro Godoy, 969, 4. Andar – Sala 4E-09 – São Paulo-SP, tel.: (11) 3670-8529.

São Paulo, 23 de junho de 2020.


Assinatura da pesquisadora

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

ANEXO 2

CERTIDÃO DE ÓBITO DO MENINO ONOFRE

Selo Digital nº: 1230182CEAA0000030656020M




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

Para conferir a procedência deste documento efetue a leitura do QR Code impresso ou acesse o endereço eletrônico <https://selodigital.tjsp.jus.br>

NOME ONOFRE GONÇALVES **CPF** SEM INFORMAÇÕES

MATRICULA
123018.01.55.1956.4.00173.263.0051301-88

SEXO Masculino **COR** Preta **ESTADO CIVIL E IDADE** com 5 anos de idade.

NATURALIDADE Estado de São Paulo **DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO** Ignorado-.-.- **ELEITOR** -.-.-

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA
PEDRO GONÇALVES
CECILIA GONÇALVES

DATA E HORA DO FALECIMENTO vinte e três de abril de mil novecentos e cinquenta e seis às 20:15 (vinte horas e quinze minutos) **DIA** 23 **MÊS** 04 **ANO** 1956

LOCAL DO FALECIMENTO
na Santa Casa de Misericórdia, em Santos - Estado de São Paulo

CAUSA DA MORTE
MENINGO ENCEFALITE, DISTROFIA PLURICARENAL

SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO O Sepultamento foi no cemitério Areia Branca, Santos-SP **DECLARANTE** NIVALDO AMANTE

NOME E NÚMERO DO DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO
Dr. HELIÃO GOMES

OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES
(Reg. lavrado no Lv. C-173, fls. 263-F, nº 51301, aos 24/04/1956).-.-.-. Nada mais me cumpria certificar

ANOTAÇÕES DE CADASTRO
Sem informações.

*As anotações de cadastro acima não dispensam a parte interessada da apresentação do documento original, quando exigido pelo órgão solicitante ou quando necessário para identificação de seu portador.

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé
Santos, 19 de outubro de 2020.

MARCELO HENRIQUE DAS NEVES COSTA - Escrevente

Marcelo Henrique das Neves Costa
Escrevente Autorizado
Registro Civil 1º Subdistrito
Santos - S. Paulo

1º Subdistrito de Registro Civil de Pessoas Naturais e de Interdições e Tutelas
Santos - Estado de São Paulo
Rua Amador Bueno, 203 Centro
C.E.P. 11013151 - TEL. (13) 3223-5702
EMAIL: regcivil@itoral.com.br
SITE: www.registrosantos.com.br
Nelson Hidalgo Molero - Oficial

OFICIAL	SEFAZ	ISS	TOTAL
27,52	5,51	0,56	33,59

Guia nº 238/2020

Digitada por: WILLIAN ROBERTO OLIVEIRA DE PAULA JUNIOR

123018 - AA000306560 09/20

ANEXO 3

ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE A PESQUISA

Devota nº1

Idade: 61 anos

Sexo? Feminino

Profissão? Pesquisadora

Como conheceu a devoção? Através de um acidente ocorrido com minha filha que na época tinha 3 meses... estava no colo do seu avô paterno. Um carro desgovernado subiu na calçada e atingiu os 2, ela foi arremessada do colo do avô e caiu em cima de um monte de pedra..foram socorridos pelos vizinhos e levada ao pronto-socorro Lá constataram que precisava ser removida para Santa Casa, pois tinha suspeita de traumatismo craniano.

Quando eu estava dentro da ambulância lembrei do Menino Onofre, que era milagroso.

Onde há o túmulo com seu resto mortais, no cemitério da Areia Branca em Santos/SP.

Após passar 24h e realizações de novos exames, ela foi liberada Pois não havia mais nenhum hematomas.

Conviveu com o santo/a de cemitério?

Não convivi

A população que conta a sua história e milagres.

Pois o local onde ele faleceu..segundo a história dele..era na mesma Santa casa

Por coincidência, para onde minha filha foi encaminhada.

Já alcançou alguma graça?

Alcancei várias.

A recuperação da minha filha..entre várias..várias.

Quando estou em apuro clamo por ele..

Sempre conquisto..respostas.

O que procura quando se dirige a esse/a santo/a?

A Fé inabalada que tenho por ele de nunca me abandonar.

As respostas dos pedidos..vêm sempre instantaneamente

Sempre grito ao receber a bênção Esse menino é porreta

Conhece a história desse/a santo/a?

Conheço no mesmo cemitério de uma menininha chamada Cordelia é Maria Feia

A Maria Feia.. sou que ela foi assassinada pelo marido..e colocada dentro de uma mala e foi transportada em navio

Quando um portuário no porto de Santos..colocou a caixa k contia a mala..nas costa..começou a escorrer sangue.. desde então o fato foi noticiado no brasil e no mundo..

Depois soube k ela viro santa milagrosa

Cheguei a trabalhar com a sobrinha desse estivador k carregou a mala.. a Maria Aparecida

Quando há encontrei foi na equipe de limpeza do Club dos Ingleses.. situado em Santos..

Fazendo a limpeza o gerente autorizou eu levar umas flores que estava no salão de show

Aí disse a ela k irá levar no túmulo do menino onofre. foi onde ela contou pra mim sobre seu tio, que tinha achado o corpo dentro da mala.. da Maria Feia.

A Cordelia.. pedi em frente do seu túmulo que meu marido parasse de beber ou diminuir..

Consegui a diminuição. Mais não totalmente..

A senhora conhece a história do menino Onofre?

Segundo o que a população dizé que ele era filho de uma garota de programa de São Paulo... era costume aqui, tinha boate por causa do caís e sempre as menina vinha pras boate se prostituir, né... eram profissionais do sexo e ela teve um neneim na Santa Casa e elas vinham de São Paulo, então ela veio e passou mal e foi ganhar neneim na Santa Casa e ele nasceu e depois morreu, não sei quantos dias ficou porque não tive esse conhecimento. E ele foi enterrado no Cemitério da Areia Branca e desde então ééé ele ficou devoto, virou devoto de várias pessoas. É um túmulo muito procurado. As pessoas alcança graça e coloca brinquedo, enfim eu acho que o Menino Onofre, pra mim, é a minha religião porque eu comungo, ééé não posso de deixar de ir no cemitério passar, sem passar de ir na campa dele. Então toda graça que eu recebo, eu dou um carrinho, eu dou no dia das crianças, eu coloco doce; na Páscoa, eu coloco ovos de Páscoa ou um chocolate pra ele; no Natal, eu coloco brinquedo. Então o menino Onofre, pra mim, é minha, virou minha religião porque desde o momento que tu tem uma filha que se acidenta e cai nuuummmm local onde tinha várias pedra pontiaguda. ÉÉÉ um médico tinha dado pra ela, diagnóstico dela

de traumatismo craniano, era um bebê. E a minha fé foi uma fé tão inabalada por ele que depois de 24 hora de observação, ela foi liberada e minha filha não teve nada, ela não teve problema no pezinho onde o pezinho, também, dela ficou engessado, né. ÉÉÉ e ela convive, minha filha convive com o afundamento do crânio que ele só aperta uma veia no cérebro, né. Inclusive, quando ela virou mocinha, ela tentou começar a fumar e ela desmaiava. E aí o médico [...] quando a gente descobriu que o médico falou que ela tinha ééé uma veia no cérebro que era apertada. Mas não era uma veia... que ela não era normal, ela era imprensada pelo cérebro, pela parte crânica, ela era imprensada. Então desde o momento que ela começou desmaiar, depois de mocinha, né, por causa do cigarro a fumaça é tava atrapalhando ela. E aí quando nós descobrimos, ela parou de fumar. E não deu mais nada, ela nunca mais desmaiou.

Com qual aspecto da história desse/a santo/a você mais se identifica? Por quê?

De ser uma criança tem pureza.. E perder um filho. Não é fácil e uma dor dilaceradora

Há uma passagem vivida com o santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

ÉÉÉ... quando meu filho morreu mais ou menos uns seis meses atrás ééé eu tinha pedido para ele me ajudar, comprar uma casa pro meu filho e eu consegui... nós conseguimos comprar, meu marido fez um empréstimo no banco e nós compramos uma casinha pra ele, casinha não era uma casa boa, o terreno era bom. O meu filho sabia mexer com serviço de pedreiro também. Então eu achei fácil, eu achei um pouco barato. E meu filho viveu nessa casa seis meses, seis meses e foi assassinado. Ele tava muito feliz com essa casa, era uma felicidade, assim, fora do comum. E aí eu fui no túmulo dele e briguei com ele. Por que que ele não guardou meu filho. É mas eu recebi como resposta num sonho, né, num sonho que a morte do meu filho não era em vão, era uma missão. E foi tirando e ele mesmo foi tirando a angústia de dentro de mim. Acho que foi, que é uma lembrança, assim, muito forte que eu tenho.

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a?

Não.

Além do santo de cemitério, há uma/a ou outro/a de sua devoção? Pode colocar orixás e guias.

Sim.

Oxum... Iansã.. e a pedra olho de Tigre

Que uso contra inveja e olho gordo.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos demais devotos?

Nunca sofreu pelo contrário se alguém mexer nas minhas oferendas o bicho vai pegar e ninguém mexe.

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos/as santos/as de cemitério? Sabe de algum relato?

Olha eu conheci, é, conheci não, era meu cunhado. Ele era devoto, mas não sei por que ele se tornou devoto do menininho, né. Inclusive eu fiz uma promessa pro menininho, se a filha dele conseguisse um emprego que era pra ele acender a vela, comprar uma florzinha e colocar lá e ele fez. A filha conseguiu e ele fez tudo direitinho, né. É, mas a gente conhecimento de agradecimento porque a gente vê nas placas, a gente vê muito agradecimento de roupa, caderno, é enfim, muita coisa, perna de gesso, braço de cera. Então eu acho que é... tudo vem da fé que as pessoas tem nele, porque é uma fé assim uma fé muito forte que esse menininho tem e eu tenho. O que eu peço pra ele, ele é infalível. ÉÉÉ, enfim sou muito devota dele e acredito que todas aquelas placa de agradecimento por graça alcançada, ela tem que ter uma visibilidade mesmo. Enfim, eu já coloquei várias placas ali, várias placas ali, várias, várias, várias, várias... de tanta graça que eu já recebi. Mas a gente conhece, assim, ali, acendendo uma vela, levando uma florzinha, levando um brinquedinho. As pessoas vê e fica olhando é ali, no cemitério ali, em qualquer outro lugar, eu nunca fui ofendida nem nada. Pelo contrário ainda sou, sabe, pr'aqueles meninos que limpa campa, né, os cuidador de campa: "Oh! minha vela aí, pode deixar minha vela aí", porque eles colhe reciclage. "Oh! Vinha vela vai queimar até o fim, que eu vou ficar olhando, eu vou voltar aí e eu vou ver, se alguém mexer, entendeu". Aí ninguém mexe, ninguém mexe. É isso.

Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê?

Sim... sempre recomendei Porque eu acredito nas almas sou devota delas.

15.1) O que a senhora pode falar sobre o grupo Mães de Maio? O que o grupo alcançou?

É... a placa, a gente coloca Mães de Maio, foi pela lei do reconhecimento do Estado dá uma lei da Semana Estadual das Pessoas Vítimas de Violência do Estado. É... Essa foi a devolutiva que nós demos pra ele. Eu pedi pra ele. Não é nem as mães como um todo, é a minha fé e também o memorial, o memorial também faz parte desse pedido. Assim que o memorial for lançado, né, eu vou com certeza juntar outra placa, mas tudo tem a ver, né. É, tudo tem a ver. A placa, tinha várias placas, não só tinha essa. Conforme acende as velas, as placas acaba os... as cordinhas, que a gente coloca, acaba derretendo, né. Mas tem várias placa é "do Memorial", "da semana". A gente já tem um

Memorial no Sítio da Ressaca, no Jabaquara e tem um Memorial lá no Centro da Cultural Juventude, né, do Jabaquara. A gente tem também... A gente colocamos uma placa, no caso eu, quando o Estado reconhece os danos morais contra a morte do meu filho. O Estado reconheceu, né! Então também coloquei uma placa lá. É... e agora a gente tem que colocar outra placa lá agora. É tanto aí vou fazer uma só, vou fazer a do Memorial e vou fazer também a Semana Municipal das Pessoas Vítimas de Violência do Estado, né, que também é um agradecimento que eu faço ao menininho. Então é isso, é as placas e todos os agradecimentos porque é com a fé, é com minha fé e com minha devoção, né. É, eu alcancei, né, alcancei e também já teve uma reportagem feita dentro do cemitério, que foi aquela foto que te mandei. Eu pedi proteção, levei a filmagem lá na campa porque eles perguntaram se eu tinha um... um... assim uma fé em alguma coisa. Aí eu falei que eu tinha um túmulo e aí o *Frontline*, a equipe de jornalista, um trabalho que a gente estava fazendo pra *Frontline* sobre defensores ameaçados, eu levei eles pra fazer filmagem no túmulo do menininho. Aí eles pegaram e mandaram pra mim aquela fotografia do túmulo dele porque aquela fotografia que te passei. Entendeu? Mas a gente, quando a gente saía das missas. A gente fazia as missas do Dia das Mães na Igreja Margarida Maria e quando terminava a missa, é, a gente guardava um pouco de rosas porque a missa, a gente distribuía rosas, né, a gente distribuía rosa, a rosa que a gente não ganhava no Dia das Mães, a gente distribuía pra outras mães, pra outras famílias da igreja, enfim. No geral, pros seguidores da igreja e aí depois a gente ia pra dentro do cemitério e colocava também flores na campa do menininho Onofre, né. A gente distribuía rosas também dentro do cemitério e enfim, então, muita gente conhece as mães, porque eu levava as mães lá pra dentro do cemitério pra gente fazer uma oração pro Menino Onofre pra ir abrindo os caminhos da gente. Entendeu? Mas no meio de todas as Mães do Movimento, eu sou a devota do Menino Onofre.

16 de junho de 2020.

Ana... boa noite...

Aqui está a foto das Mães.

Todo dia das mães nós entregava rosa na igreja depois da Missa.

Logo após as entregas.

Nós íamos entregar dentro do Cemitério.

Em frente da campa do menininho...

Devota nº 2

Idade: 45 anos

Sexo: Feminino

Profissão: Funcionária Pública

Religião: Católica

Como conheceu essa devoção? Através de amigos na escola, minha infância era comum as crianças pedirem graças ao Menino Onofre.

Como você ficou sabendo da história dele/a? Através da visita ao cemitério.

Conviveu com o santo/a de cemitério? Não

Já alcançou alguma graça? Sim.

O que você procura quando se dirige a esse/a santo/a? Sucesso nos estudos.

Conhece a história de vida desse/a santo/a? Sim

Com qual aspecto da história de vida desse/a santo/a você mais se identifica? Por quê? Não me identifico com a vida, apenas buscava sucesso nos estudos.

Há alguma passagem vivida com o santo/a de cemitério que gostaria de salientar? Eu tinha um problema familiar que me causou um período de tristezas e angústias, neste momento roguei muito pela intercessão do Menino Onofre a Deus.

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a? Não.

Além do santo/a de cemitério, há um/a outro/a de sua devoção? Qual? Sou devota de Nossa Senhora de Fátima.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos demais devotos? Nunca sofri discriminação por acender velas e rezar diante do túmulo, nos anos 80 era muito comum.

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos santos/as de cemitério? Sabe de algum relato?

Tenho uma amiga que é um exemplo de sucesso nos estudos, nas finanças e ela costumava ir até a Campa da Maria Féa. Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê? Na minha vida, o exercício da fé me trouxe alegria, conforto, esperanças. Eu recomendo que as pessoas tenham fé porque nos dias de deserto e trevas terão a certeza que dia melhores virão. Mas nunca se esquecendo de que é necessário um esforço pessoal para alcançar uma graça, porque cabe a cada indivíduo fazer sua parte.

Um depoimento à parte de sua infância? Sua mãe não indica o santinho Onofre, santo de cemitério, mas constantemente ia à campa dele no Dia de Finados. Já ouvi caso de gente que acredita e se recusa a falar, como quem vai a Universal.

Mas, não, não é o caso da minha mãe, não. Ela ia, assim, como a gente... como a gente morava um pouco perto ali, a gente morava ali perto da Antônio Emerich, sabe. A gente ia no cemitério da Areia Branca, na época de finados e tal. E aí, eu já sabia que algumas amigas levavam os cadernos, as coisinhas, é, pra oferecer pro menino Onofre pra poder passar de ano e tal. Então, eu era criança, né, pra mim, aquilo é: se estão levando e está dando certo, vai dar pra mim também. Então eu ia meio que na onda, sabe. Mas a minha mãe, não, minha mãe é católica “xiíta”, assim, sabe. Ela segue bem certinho a religião, não acreditava, não. Mas não impedia que eu levasse o caderno, nunca me criticou; então assim não impediu que eu levasse ou impediu que eu exercesse a minha fé, né. Então ela até me levava e eu levava o caderno lá. Era só eu saber que tinha passado de ano, eu levava e deixava o caderno lá no cemitério.

Ana, você se tornou católica devido à influência de sua mãe? Seu pai também contribuiu para essa escolha?

Oi, Ana. Então, olha, minha mãe, com certeza influenciou a minha escolha pela religião católica. Minha mãe, minha avó, né, tanto a minha mãe quanto a minha avó, elas são muito, muito, muito católicas, né, são bem carolas, sabe? A minha avó, ela rezava rosário, não era nem o terço, ela rezava o rosário completo. Então, assim, vivia com a televisão ligada na Rede Vida, rezava o dia inteiro. Minha mãe é carola, mas não chega a ser tanto como a minha avó, mas, assim, ela é bem carola.

Meu pai sempre foi indefinido em relação à religião. É ele, algumas vezes, é foi, eu não sei como é que chama é nas religiões de matriz afro, umbanda, candomblé, esse tipo de coisa porque nunca acompanhei, era uma coisa exclusiva dele, mesmo. É, e ele ia em celebrações, eu não sei como que se chama o ritual, se é celebração, como que nome que tem. Mas ele, é, sempre foi ligado a centro espírita. Mudou de vários, sabe? Eu não sei... ele nunca teve uma religião, assim, que tenha seguido, mesmo, sabe? Ele ia em tudo quanto era centro com minha tia, que também, é, que também compartilhava dessa crença. Mas era uma coisa exclusiva dele, assim. Ele uma vez tentou obrigar a gente a ir e foi uma coisa horrível, assim, bem traumatizante, mas, é, a gente, eu nunca, é, fora esse dia que ele obrigou, realmente, a gente ir, de verdade, eu nunca participei dessas coisas do meu pai.

Atualmente, eu estou conhecendo melhor a igreja católica anglicana, que é aqui perto da minha casa, né. É o que me levou a conhecer melhor é, que ela é altamente inclusiva. Ela inclui todas as pessoas. É existem reverendas,

né, são mulheres que celebram a eucaristia, elas tão à frente, elas são líderes religiosas e também, eles acolhem os homossexuais, né, uma, é, tem um diálogo bem interessante inter-religioso, é, atua em várias frentes contra os preconceitos todos. E, atualmente, eu tenho, é, eu estou conhecendo melhor, não vou dizer que me tornei anglicana, porque eu acho que é cedo, né, uma coisa bastante recente. Mas eu tenho participado dos fóruns, de discussões. Eu tenho participado, é, de algumas atividades, inclusive, participei, antes da pandemia, da celebração eucarística, lá, na própria igreja. Né, nesses últimos dias, eu tenho, até, participado da Comissão de Direitos Humanos, né, que é uma coisa que sempre me interessou bastante. Mas, é, a defesa dos direitos humanos, é, a defesa dos direitos das mulheres, idosos, crianças, e eu achei bem interessante o trabalho da igreja anglicana, é, na defesa dos direitos humanos, né. Participei de algumas reuniões e discussões sobre, é, o que eu, enquanto leiga, posso fazer na defesa dos direitos humanos.

Devota nº 3

Idade:41 anos

sexo: feminino

Profissão: professora de Matemática

Religião :Catolica, catequista na Igreja Nossa Senhora da Assunção

Quando começou sua devoção?

Minha devoção pelo Menino Onofre quando ainda criança,sempre que ia ao cemiterio da areia branca seu tumulo me chamava a atenção por ser repleto de doces,brinquedos e sempre muito enfeitado,minha mãe sempre ascende sua vela no tumulo dele desde quando me conheço por gente

Como ficou conhecendo a devoção?

Fiquei sabendo da história dele atraves de minha mãe e minha tia,onde há varios relatos de sua morte entre as que conheço a causa de sua morte como maus tratos,outros dizem que morreu aguçado(com vontade de comer pirulito) e por isso muitos colocam em seu tumulo doces e principalmente pirulito.

Conviveu com o santo de cemitério?

Não convivi com o santo pois quando eu nasci ele ja era falecido

Já alcançou alguma graça?

já alcancei várias graças tudo o que peço alcanço,desde saude,emprego e antes das atribuições sempre voi pedir para ele me ajudar a conseguir minhas aulas.

O que procura ao recorrer ao Menino Onofre?

Procurou saúde e paz

Conhece a história do menino Onofre?

Conheço que ele morreu com seis anos de idade como ja relatei na questão 6 o que sei é que ele morreu com seis anos de idade, seu pai era alcoolatra e ele era muito pobre,sofria maus tratos,sua morte foi de muita comossão onde ele morava em Itariri,foi enterrado aqui por estar internado na Santa Casa

Identifica-se com algum aspecto da história do Menino Onofre?

Por ele ter morrido criança não consigo me identificar com a história

Já alcançou alguma graça?

Sim converseo muito com Santo Onofre quando visito seu tumulo e uma vez eu pedi para conseguir mais aulas e assim que eu cheguei em casa a diretora ligou oferendo aula fiquei muito feliz

Já sofreu abusos ou maus tratos na infância?

Não vivi numa experiencia com a vida dele não

Há outro santo de sua devoção?

Sim sou muito mas muito devota de Nossa Senhora Aparecida

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo?

nunca sofri nenhuma discriminação,já tive olhares de curiosos enquanto ascendia velas mas tudo muito normal

Conhece alguma outra pessoa que tenha recebido alguma graça?

Sim minha mãe,tudo o que ela pede a ele ela alcança, minha irmã quando criança teve meningite e no hospital um policial que tinha um filho internado falou para ela pedir para ele pela saúde dela,ela pediu e alcançou,essa foi uma das graças.

Recomendaria a devoção?

Sempre recomendo com muita fé,por que é graça alcançada na certa.

Posso colocar que a atribuição para categoria "O" é difícil, burocrática?

Claro amiga pelo amor de Deus fique a vontade sou categoria O e sempre peço a Santo Onofre na atribuição.

Devota nº4

Idade: 51 anos

Profissão: zeladora de campa e ambulante no ramo de pastéis

Como conheceu a devoção?

Eu comecei a ir no cemitério através da minha mãe que já trabalhava lá assim eu conheci a campa da Maria Féa.

A senhora é zeladora da campa da Maria Féa?

Sim, sou a zeladora da campa da Maria Fea desde outubro de 1996.

A sua mãe era zeladora e passou pra senhora?

Minha mãe faleceu neste ano de 1996 aí como eu já a ajudava, fiquei com está responsável.

A senhora já alcançou alguma graça?

Sim, já.

Eu comprei uma casa ali mesmo no Saboó, uma casa simples, pequena, mas aos 26 anos só com uma graça alcançada mesmo e sendo naquela época só zeladora de campa.

O que a senhora procura quando se dirige a Maria Fea?

Muita paz, saúde, sorte e o mas importante. Sempre rezo por saúde.

A senhora conhece a história da Maria Fea?

Sim. Como o crime da mala. Uma moça italiana que foi morta pelo marido por ciúmes. O que sempre ouvir dizer que ele asfixiou e depois cortou só as juntas do corpo e colocou em um baú. Mas antes ainda ficará com ela no quarto durante 3 dias até poder embarcar de SP para Santos. Porque naquela época só faziam viagem de navio. Ele ainda me parece que colocou pó de arroz pra abafar o cheiro. Mas veio pra Santos ficou a espera dias de embarque e quando foi possível já despachou o baú e quando o guindaste foi suspender algo deu errado o cheiro água ou algum líquido caía de lá e assim a polícia foi chamada para ver o que estava lá e viram um corpo de uma mulher. Há algum aspecto da história da Santa que a senhora se identifica? Por quê?

A desconfiança que ela passou. Por que eu já estive casada durante 9 anos e meio e meu marido se eu não fosse esperta e observadora nas atitudes dele, eu acho que não estaria aqui pra relatar esta história.

A senhora tem outro/a santo/a de devoção?

Sim, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora de Aparecida. Oxalá, Xangô, Ogum e Iansã.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo?

Não de maneira alguma todas as pessoas que vai até lá é por algum pedido ou agradecimento.

A senhora conhece outras pessoas que alcançaram graças?

Conheço sim, tem uma senhora que teve um problema muito grave de cabeça. Ela mesma vai lá agradecer pois ela estava desenganada e foi oberada e curada, os médicos mesmo não sabem dizer como ela está viva e muito bem de saúde só por milagre.

Tem um rapaz que com a fé do seu pai ele não precisou amputar a perna.

A senhora sabe se há algum processo de beatificação de Maria Fea?

Há muito tempo mas muito tempo mesmo eu fiquei sabendo que tinha sim, mas parece que custa muito caro.

A senhora recomendaria a devoção a Maria Fea a outras pessoas?

Com certeza. Primeira precisamos de ajuda neste mundo. E também porque ela é de uma santa que traz paz a quem pede socorro. Eu sempre digo que Maria Fea é a santa dos universitários. Tantas pessoas recorrem antes de prestar o vestibular. Medicina, Odontologia, Direito, Fisioterapia, mas Medicina é fora do normal. E depois de formado, eles ou elas voltam para agradecer.

Há muitos devotos de outros países?

Sim, tem. Itália, Inglaterra, USA, Canadá, Portugal e Espanha. Eu mesma pedi tanto a ela que gostaria de viajar pra Itália e fui em 2008 e voltei em 2010.

A senhora foi em Canelli?

Fiquei no sul da Itália, não achei ir na cidade natal. Quem sabe ela me leva até lá., pretendo voltar.

Há uma missa em nome de Maria Fea toda primeira segunda feira de cada mês. Há muitos devotos que comparecem?

Sim, são devotos das almas e também de Maria Fea. Mas agora, por conta da COVID, não está acontecendo.

Os ex-votos são encaminhadas para onde?

Depois vão tudo para doação na Igreja Nossa Senhora de Fátima, em frente ao Atacadão. Lá eles fazem bazar.

Há alguma personalidade conhecida da grande mídia que já compareceu na campa da Maria Fea?

Já foi muita gente da mídia de São Paulo e daqui de Santos. Lá já foram alguns jornalistas, como o Jacinto Figueira Júnior. A jornalista Maria Cândida pra fazer uma reportagem. E mesmo o Linha Direta, já estiveram lá na Maria Fea pra fazer entrevista.

Eu já vi a senhora em alguns vídeos.

Bom é muito gratificante saber que temos ainda esperança nos Santos Populares. Fora o nervoso mas é um prazer.

Devota nº5

Idade? 64 anos

Sexo? Feminino

Profissão? Empregada doméstica

Como conheceu essa devoção? A minha família toda é espírita kardecista, né. Quem partiu para a umbanda fui eu e meu primo que partiu para o candomblé porque, na mesa, já começava a vir, desde pequena, eu começava a ter manifestações com preto velho, xangô, caboclo. Então, a minha avó, como era vidente, ela que comandava a mesa na época, ela fazia oração em casa e ela pediu pra que eu fosse p'um centro de umbanda pra mim poder me desenvolver melhor, né. Então, eu recebo as duas parte. Eu tanto trabalho na mesa branca, tenho os guias médicos e tudo e como trabalho, também, na umbanda, né, com todos os orixás da umbanda. Hoje muito mais do que antes. Antigamente, era as sete linhas da umbanda, mesmo. Hoje a gente vê que é uma ascensão, né, não é mais sete linhas. Então tem Obá, tem Nanã. Antigamente, nos terreiros quando comecei, não cultuavam, não chamavam, também, as pomba giras, também, não deixavam. Bom, vamos lá naquilo que você perguntou. Quando a minha filha tava com 3 anos, ela já nasceu com bronquite, ela sempre teve problemas de muita falta de ar, muita alergia e com 3 anos de idade, ela teve uma crise de bronquite que eu fui pro médico e dali ela já foi direto pra UTI, ela teve um rompimento e teve que fazer uma drenagem pulmonar e, com tudo isso, eu sempre fui muito devota de Nossa Senhora da Aparecida, né, que é Nossa Mãe Oxum, como umbandista, eu sempre chamei muito por Abaluaê, Omulu, pedindo proteção, pedindo pra que minha filha ficasse bem. Ela passou por uma cirurgia muito séria, né, teve que fazer a drenagem pulmonar e, como foi de emergência, o médico falou “mãe, a gente não pode, é, te dar chance nenhuma de sobrevivência da menina, ela tá muito mal. A crise foi muito forte, rompeu a veia do pulmão e a gente vai fazer tudo que pode”. Com o passar do tempo, ela só piorava, não melhorava de jeito nenhum. Eu fiz promessa pra Nossa Senhora da Aparecida, que se a minha filha ficasse bem, quando ela tivesse alta do hospital, eu levaria ela lá, na igreja, vestida de anjo. Eu tenho a foto, caso, você precise dela vestida de anjo, né, na idade de 3 anos. E pra Maria Mercedes Féa, eu levei o pulmão, que foi o que eu pedi. E o que me chamou atenção, que até então, todos da minha família sempre chamavam Maria Mercedes Féa, a Menina Jandaia, quando queria alguma coisa, algum milagre, alguma coisa referente a isso, todo mundo chamava. Mas eu ia no cemitério, mas eu nunca fui na campa da Maria Féa porque sempre estava muito cheia, e eu acabava sempre fazendo o que tinha que fazer e ia embora.

Conviveu com o santo/a de cemitério?

Já alcançou alguma graça?

E quando minha filha teve mal, o que que aconteceu? Ela já tava a 80 dias no hospital, que ela ficou ao todo 90, foi dias desesperadores. Eu só podia ver ela através do vidro, uma criança de 3 anos e eu tinha acabado de ter um outro bebê e num dava nem pra dar atenção. O peito muito cheio de leite, febre. E minha filha tava no Ana Costa, no Ana Costa; aí eu descí nesse dia, depois de 80 dias da minha filha internada, o médico veio falar comigo e falou “mãe, é deixa a menina descansar, eu acho que ela está sofrendo demais, ela não está reagindo aos medicamentos, não tá reagindo a nada, eu acho que o que segura ela aqui é o tanto que a senhora pede, o tanto que a senhora é devota, né, pelo que a senhora me contou que a senhora pediu muito”. E eu virei e falei para ele “eu não vou desistir da minha filha até o último minuto, eu sei que Oxum e Nossa Senhora da Aparecida está do lado dela. Eu sei que Maria Mercedes Féa vai me ajudar, vai fazer esse milagre na minha vida e Obaluaê e Omulu”. E o médico foi embora. Nisso eu descí, tinha uma sala que tinha uma imagem de Nossa Senhora e tinha vários quadros na parede, como todo hospital tem, que eles põe aqueles quadro de homenagem, né. E eu sentada, assim, chorando, pedindo, né, pra que alguma coisa acontecesse, que eu, é, alguma resposta me viesse. Que se eu tivesse segurando minha filha naquele sofrimento e naquela dor que eu como mãe, por mais que me doesse, eu não queria isso, que eu tava sendo egoísta, mas que se fosse pra minha filha ficar, que uma das duas ou Minha Nossa Senhora Aparecida, né, Minha Mãe Oxum ou Maria Mercedes Féa, que me mostrasse uma resposta. Aí nisso entrou uma senhora muito bem vestida, uma senhora, assim, de estatura média, não sei quem é, só depois fiquei sabendo. Ela sentou do meu lado, segurou a minha mão e falou assim “Não chore, sua filha vai ficar bem, num fica assim”. E eu estrã..., depois que eu refleti eu falei... eu nem falei que era minha filha, nem falei que era criança. Como a mulher sabia, né? Eu achei estranho aquilo, sabe, ela entrar ali onde eu estava, não tinha ninguém... só tava eu. Do mesmo jeito que ela entrou, ela saiu, eu não vi nada... Eu guardei aquilo na cabeça, assim, à tarde, isso era de manhã. À tarde, eu fui, o médico abriu, falou comigo que não tinha, estava na mesma coisa e eu, olhando pra minha filha, falei “Minha Mãe, eu pedi tanto pra Senhora uma resposta, me dê uma resposta”. E nisso, a minha filha mexeu, sabe? Ela tava deitada, né, com os aparelhos e tudo na tenda de oxigênio. Nisso ela mexeu, a enfermeira veio correndo, fechou a cortina, fez sinal pra mim esperar e fechou a cortina. Eu entrei em completo

desespero, que eu achei que, naquele momento, a minha filha tinha ido embora. E comecei a bater no vidro, a bater no vidro, a chorar, chorar, chorar. Aí a enfermeira saiu e falou “Calma, mãe! Tem dois médicos lá dentro, examinando a menina. Daqui a pouco, ele vem conversar com a senhora”. Eu, desesperada, eu comecei a falar “Já me arrependi do que pedi, não era isso que eu queria. Eu quero a minha filha, quero a minha filha”. E, de repente, o médico chega e fala “Mãe, é, o milagre aconteceu, a sua menina está bem, a gente tá tirando os aparelhos. Vamos ver como ela fica até amanhã. Se ela responder direito, como ela tá agora, ela tá bem e ela vai pro quarto”. Ele falou “Daqui a pouco a menina vai abrir a cortina pra senhora poder olhar sua menina de novo. Olha, Ana Paula, foi, é eu choro toda vez que lembro disso, porque foi uma alegria tão grande na hora que abriu aquela cortina e eu vi a minha menina até então deitada naquele berço, sentadinha, levantou a mãozinha e me deu tchau. Você não tem noção da alegria que me deu. A mesma mulher que veio falar comigo, foi a mesma que tava do lado dela. Só que, naquela hora, vestida de enfermeira, né. E acenou pra mim com a cabeça, eu agradei. E ela pegou e ficou ali. Aí, quando fecharam a cortina, que o médico veio de novo conversar comigo, veio me acalmar, falar “Mãe, está tudo bem, a sua menina, se ela continuar assim amanhã, vai pro quarto”. Eu queria muito que o senhor me o nome daquela enfermeira baixinha que tava do lado dela porque eu queria agradecer a ela, né, por ela ter me dado apoio e ter falado que a minha filha ia ficar boa sim, que eu tivesse fé. E eu contei pra ela do que eu ia fazer e ele falou “Mas não tem nenhuma enfermeira baixinha ali, a única enfermeira que tem é que abre cortina pra senhora todos os dias, né, que são duas, por causa que elas sempre trabalham dia sim, dia não”. Falei “Como não tem? Tem sim. Inclusive tem até inclusive tem até a foto dela ali”. Levei o médico pra mostrar, ele falou “Não dona, essa aqui é Maria Mercedes Féa, que o reitor do hospital era devoto e esta ala, é, tem o nome dela: Maria Mercedes Féa”. Então, pra mim, foi, assim, um motivo de muita alegria, de muito conforto. Eu saí dali e fui direto na igreja Nossa Senhora da Aparecida, na Afonso Pena, agradei Mãe Oxum, agradei Nossa Senhora e falei que assim que minha filha tivesse alta, eu taria levando minha filha lá, na igreja dela. Acendi uma vela branca pra Maria Mercedes Féa e falei “Assim que minha filha sair do hospital, eu levo um pulmão de cera da minha filha, lá, na sua campa”. E, pra minha alegria, cinco dias depois, a minha filha estava recebendo alta, bem. E nunca mais, com a graça de Deus, com a graça de Oxum, de Nossa Senhora Aparecida e Maria Mercedes Féa, nunca mais a minha filha internou pra nada nessa vida. Nada! Nada! Até ela já teve três acidente de moto sérios, mas ela não ficou internada, fez a cirurgia de manhã e saiu à tarde, teve várias escoriações, mas eu sei que ela tem uma proteção muito grande dessas duas, é, tanto de Nossa Senhora Aparecida, que ela tem a imagem, a Maria Mercedes Féa, ela também tem a foto. Então, assim, eu sei que até hoje, ela está com 41 anos, até hoje minha filha é protegida por elas. Então eu só tenho que agradecer, sabe. Porque meus orixás sempre, a vida inteira, me ajudaram, me orientaram. Maria Mercedes Féa, quando a minha filha saiu do hospital, eu fui lá, eu levei o pulmão de cera. E foi um susto, quando eu olhei a foto que tem lá, é, era a mesma mulher que tinha aparecido pra mim, segurado na minha mão e falado que minha filha ia ficar bem, né. Então foi uma alegria imensa e eu só tenho o que agradecer.

O que procura quando se dirige a esse/a santo/a?

Tudo que eu preciso, dificuldade

Conhece a história desse/a santo/a?

E a história da Maria Mercedes Féa, o marido, é, por ciúmes, esquartejou ela, ia levar ela pra fora do Brasil, né, no navio, e acabou que, colocando num baú e acabou que os marinheiros, os pessoal que trabalha no navio viram sangue e acharam estranho um baú, né, saindo sangue e foi quando ele foi desmascarado, fizeram ele descer e ele morreu enlouquecido na cadeia, né. Todo mundo falou que era ela quem tava fazendo aquilo, mas não era. Ela era uma pessoa muito iluminada, como é. Ela trabalha na mesa branca, é um ser de luz, ela vem pra ajudar. Ele morreu louco pelo que ele fez, pelo erro que ele cometeu, né, de ter feito uma atrocidade dessa, mas a história dela é essa. Conhece a história de outro santo/a de devoção?

E Nossa Senhora da Aparecida, quem não sabe, né, que ela foi achada no rio, a imagem, sem a cabeça, mas pelo que a gente sabe da história, Nossa Senhora Aparecida foi uma escrava, né, que foi brutalmente assassinada, violentada e assassinada e teve a cabeça degolada e foi jogada no rio, né. Todos dizem que é Nossa Senhora Aparecida. Se é verdade ou mentira, eu não sei, mas é o que contam. É nossa mãe Oxum, pra gente. Então, eu tenho um amor muito grande, eu sou, assim, muito devota.

A senhora tem algum objeto, foto que façam lembrar de graças alcançadas?

Eu tenho os dois orixás. Cada orixá meu, eu compro o orixá da igreja, né. Porque foi assim que eu aprendi, sabe? Como eu comecei a desenvolvendo com minha avó na mesa branca, ela sempre falava “Tudo tem um significado, filha. Então se você, como você está na umbanda, Oxum é Nossa Senhora Aparecida, Iemanjá é Nossa Senhora da Conceição, é, Iansã é Santa Bárbara, é Xangô. Então eu tenho.

Com qual aspecto da história desse/a santo/a você mais se identifica? Por quê?

Há alguma passagem vivida com o santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a?

Além do santo de cemitério, há um/a ou outro/a de sua devoção? Orixás? Guias?

Obaluaê, Omulu, Nossa Senhora Aparecida, Oxum, São José. Que eu pedi muito pra São José pra conseguir comprar a minha casa, comprei a vela da chave. Sempre tenho na minha casa a vela da chave. Quando alguém fala que tá querendo comprar um imóvel, eu dou de presente essa chave porque essa chave é a chave de São José, né. Como ele faz todas as portas, porque, ele como carpinteiro, como ele faz todas as portas da nossa casa, a gente oferece pra ele. Eu ofereço, meu São José, a chave da minha casa assim que eu pegar na mão, eu acendo a chave em formato de vela pro senhor. Eu tenho essa chave-vela que eu já dei pro meu filho, dei pra minha filha, vários amigos, várias pessoas que eu dei isso, a pessoa conseguiu comprar aquilo que queria.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos demais devotos?

Discriminação, a gente sofre até hoje, sabe, Ana Paula, porque as pessoas não aceitam, é, nós, umbandistas, a gente não é proibido de nada, né. A gente é, pode fazer tudo no limite, lógico que tem respeito aos orixás. Se vier uma pessoa te convidar para ir a uma igreja, você vai. Se vier uma pessoa te convidar pra ir num templo budista, você vai. Se a pessoa te chamar pra ir numa igreja de crente, você vai. A gente procura agradar todos. Mas, o que é engraçado é que nenhum deles, nenhum, se você convidar não vai. Se você chamar pra um bingo, sabendo que é de uma casa de umbanda, também não compram. Então, assim, por que, né, se Deus é um só? Por que viram as costas pra gente, se a gente não vira as costas pra ninguém. Por que que na hora que precisam, independente da religião, telefonam, pedindo pra gente acender uma vela, pedindo pra gente pedir pro povo cigano abrir os caminhos pro filho arrumar emprego? Pra que a avó ajude porque a filha está com risco na gravidez? É, É, eu acho estranho isso, sabe! O ser humano é um ser, assim, que você não pode confiar. Do mesmo jeito que eles te tratam bem, eles te tratam mal. E a gente tem isso até na família, não é fora

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos/as santos/as de cemitério? Sabe de algum relato?

Sim, já falei, mas não sei se vão falar.

Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê?

Devota nº 6

Idade; 54

Sexo: feminino

Profissão: aposentada

Religião: católica brasileira

Conhece a biografia do/a santo/a? Sim

Como entrou em contato com a biografia do/a santa/o? Foi pela família? Meios de comunicação? Outros?

Nos mudamos de Goiás para Santos em 1976 Sou a segunda filha numa família de seis e muito católica, a tal ponto de fazer a primeira comunhão vestida de anjo, aos seis anos, na capital da fé de Goiás, Trindade e isso foi resultado de uma promessa por ter nascido depois da hora. Explico isso pq a fé era a dinâmica da família num lugarejo onde a reza era o remédio.

Agora a resposta específica: em Santos tínhamos uma vizinha muito religiosa e devotada Santinha Maria Féa que aí contar pra minha mãe toda a história de sofrimento fez ali uma nova devota

Já alcançou alguma graça?

Minha mãe fazia com que nos finais de ano um, ao menos um.dos filhos, fosse à campa da Santinha agradecendo por termos obtido sucesso na escola e já pedir o mesmo para o próximo período letivo. Alguns alunos deixavam na campa seus cadernos, vimos vários. Eu era criança , mas minha mãe ainda é devota e acha que as promessas nos ajudaram a estudar e na família inteira dela eu fui a primeira a concluir uma faculdade, sendo que dos6 filhos, 3 cobseguiram e uma morreu muito jovem e.por isso não se sabe se tb conseguiria, mas era provável.

Além do santo/a de cemitério, há um outro de sua devoção?

Me chamo Maria Goretti, nome de uma santa italiana, a família tem devoção à muitos, mas eu não, apesar de me simpatizar com uns. Isso deve parecer estranho.

Por que procura o auxílio de santos/as de cemitério?

Pq corria a fama dela ajudar os estudantes e eu até pensava que.ela era professora.

Segue alguma denominação religiosa? Qual?

Não sigo, mas ainda me simpatizo com o catolicismo.

Conviveu com o santo/a de cemitério? Não

Há alguma passagem vivida com o santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos demais devotos?

Nunca, o local recebe vários devotos.

Conhece outros/as devotos/as que alcançaram graças por intermédio dos santos/as de cemitério? Sabe de algum relato?

Em Santos há muito devotos de Maria Fea e do Menino Onofre. Já ouvi vários relatos no próprio cemitério, que frequentei dos 8 até uns 12 anos. Iam desde aprovação na recuperação escolar, cura de doenças e vários casamentos com sucesso.

Recomendaria o santo/a para novos devotos?

Hj não penso nisso.

Devota nº 7

Idade: 65 anos

Sexo: Feminino

Profissão: do lar.

Como conheceu essa devoção?

Meu pai nasceu em Martinópolis, interior de São Paulo, em 1932, 22 de julho, estou mentindo...de junho de 1932. A princípio, ele era muito ateu. Minha avó, mãe dele, morre de febre amarela e ele vê, quando ele chega da escola, é bem a música do Teixeira, ele vê a mãe dele sendo queimada no fogo, daí ele vem pra Santos, trabalha de pedreiro durante um bom tempo, porque ele vem pra cá com 16 anos de idade porque a família lá de Martinópolis não quis ficar com ele porque meu avô tinha mais filhos e os filhos foram todos distribuídos, né. E meu pai veio embora pra Santos.

Chegando aqui, conhece a minha mãe e casa com minha mãe. Meu pai era negro e minha mãe, filha de espanhóis brancos, obvio, e eles se casam contra a vontade de toda a família, né. Nunca impediu que nenhuma de nós, nem eu, nem minha irmã, nem minha mãe, é tivéssemos nossa religião, ele, por enquanto, não tinha a dele. Ele acreditava muito no espírito da mãe dele, ele sempre acreditou no espírito da mãe dele, sempre, durante a existência toda dele.

Passam-se os anos e eu me torno uma mulher, eu tenho muito sexto sentido, infelizmente, eu tenho sexto sentido e eu não gosto disso não. E fui crescendo nisso. E meu pai, depois de certo tempo, ele sempre foi... sempre lembrou muito da minha avó. E ele sempre contava como ele tinha visto a morte da minha avó. Ele tinha 7 anos quando tudo isso acontece e ele contava muito pra mim. Tanto é que eu não posso ouvir Teixeira, “Churrasquinho de mãe”, que eu me ponho a chorar, porque eu me lembro muito do meu pai. E depois ele se torna é, fã, não é fã, né. Devoto de Maria Féa, vai no Saboó e, sempre, em finados, porque na cabeça dele, na mente dele, Lorival de Lima, ele acende velas pra Maria Féa, ele estava acendendo velas, também, pra alma da mãe dele. E ele acendia pra Maria Féa e para o, e no ossário, ele também acendia muitas velas. E, a minha avó, Olímpia Vaz, a primeira campa que ela teve foi bem perto da Maria Féa, e eu via lá flores, vestido de noiva, e eu me impressionava muito com aquilo, que eu era uma menina pequena, eu perdi minha avó com 8 anos de idade, né. E ela me criou, eu sentia muito aquilo, mas, não sei, aquilo, pra mim, era diferente, a fé, para mim, era diferente, como continua sendo.

Conviveu com o santo/a de cemitério?

Não.

Já alcançou alguma graça?

Foi assim, eu já fui lá quando perdi a minha avó. E a campa da minha avó era bem pertinho da campa da Maria Féa. Eu tenho 65 anos, a minha avó já morreu, sei lá, há mais de 30 mais ou menos, mais ou menos isso. Eu acendia vela porque achava que minha avó ia voltar, mas, depois com o tempo, aprendi que não. Mas o meu pai sempre foi muito devoto da Maria Féa e de Nossa Senhora do Monte Serrat.

O que procura quando se dirige a esse/a santo/a?

Se você vai lá (campa de Maria Féa), se você tem fé, você pede, você não, necessariamente, precisa ir até lá. Você pode fazer isso dentro de sua casa, na sua cama, você deitada, ou de madrugada, a hora que você tiver vontade, ou agoniada, como acontece tantas vezes, com tantas pessoas. Comigo já aconteceram diversas vezes de eu pedir ao Universo, não a uma pessoa só. Ao Universo, sabe, que me mostrasse as coisas que me ajudasse, na verdade. Como eu acredito numa outra vida, é, eu sempre pedi que me ajudassem

Conhece a história desse/a santo/a?

Do que eu me lembro quando eu era pequena era que os meus avós e até meu pai, que trabalhou nas Docas durante muitos anos, era voz corrente nas Docas a chegada dessa mala, né, então eu acho que a época existia uma lenda atrás disso, não sei se chegou a ser desvendada ou não. Mas meu pai contava, minha avó contava, o meu avô, que trabalhou como caminhoneiro naquela época, era uma firma que se chamava “Vivian”. Ainda estou com boa memória, chamava-se “Vivian”, então também era voz corrente, porque meu avô trabalhava com saco de café, essas coisas que existia antigamente. Então o meu avô também contava e o meu pai contava muito porque era uma coisa que corria na época, era as Docas, Companhia Docas de Santos, então corria muito essa coisa da mala, que o cara esquetejou, chegou sangrando, sei lá que raio que era. E ele contava muito disso. Mas... eu não sei se chega a ser... Eu não acredito que seja lenda, eu acredito que seja verdade, né. Eu vou ser repetitiva, cada um na sua fé, né.

Com qual aspecto da história desse/a santo/a você mais se identifica. Por quê?

Há alguma passagem vivida com o/a santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a?

Além do santo de cemitério, há um/a ou outro/a de sua devoção? Pode colocar orixás e guias.

Fica sossegada, porque eu vou gravar meu depoimento, ah, desde o tempo da minha avó, né, a minha avó era exotérica, eu não sei se isso ajuda você. Mas a minha avó, ela me ensinou, depois eu vou procurar a data de nascimento certinha para você fazer suas colocações. Ela me ensinava as estrelas, as nuvens, né, essa parece um carneiro, essa parece não sei o quê, e eu perdi a minha avó quando tinha 8 anos de idade. Então, dali, vem uma série de coisas que eu carrego comigo até hoje, ou seja, um pouco desse exoterismo. E as coisas das estrelas... Eu amo as estrelas, eu amo o céu, eu amo a lua, eu sou uma pessoa diferenciada do que todo mundo pode pensar.

Minha avó nasceu no dia 15 de março de 1912, na Espanha, né. Onde ela conhece meu avô, Olegário Vasquez, aí tem aquela coisa toda da Espanha pra vir pra cá. Chegando aqui, ela se interessa... Ela foi enfermeira-chefe na Santa Casa e ela se interessa demais pelo exoterismo, do qual ela passa pra mim. E eu era muito pequena, mas como já falei anteriormente, ela me ensina as estrelas, as nuvens, o que elas representam etc.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos demais devotos?

Oh! O meu pai não está mais aqui neste mundo, ele era muito fã de Maria Féa, entendeu? Tanto é que quando era Finados, essas coisas, ele ia na campa da Maria Féa e só faltava causar incêndio, mas ele acendia muitas velas até por causa da morte da mãe dele. Que a mãe dele morreu de febre amarela, né. Então meu pai era muito, muito devoto de Maria Féa, meu pai era, meu pai era jogo duro. Mas, assim é a tal história: todo mundo é devoto, mas ninguém vai declarar que é devoto por causa de religião, essas coisas que a gente sabe, né. Mas meu pai era e ele acendia velas, como eu tô te falando, praticamente ele fazia um incêndio, mas ele era muito devoto de Maria Féa, Nossa Senhora do Monte também. Tanto é que quando ele morreu, eu sabia que ele tinha uns santinhos de Nossa Senhora do Monte e eu coloquei dentro da camisa que ele levou. E, por incrível que pareça, não tenho fotos, não tenho nada, mas quando eu, depois de 5 anos, que eu fui tirar da onde ele tava, pra ele ir morar na *kitnet* que ele mora hoje, tava intacta, na medida do possível, né, a foto de Nossa Senhora Aparecida do Monte Serrat.

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos santos/as de cemitério? Sabe de algum relato? Boa tarde, Ana Paula. Continuando, é assim: eu não conheço, as pessoas falavam, mas assim, de provarem pra mim etc, não, né. Mas quem tem fé, eu acho que tem que seguir à diante, né. Tanto é, você indo lá, você vê uma série de agradecimentos pela graça alcançada, seja ela qual for, né, muitos vestidos de noiva, muitas coisas. Então cada um, na sua fé, cada um, nas suas coisas, né. Assim, as pessoas, que eu convivi, diziam que tinham conseguido alguma coisa, mas a tal história, vai tudo da fé que acontece. Então eu acho que é mais ou menos isso. Se eu lembrar de mais alguma coisa eu te falo.

Ela, (minha sogra) também, era devota de Maria Féa, né. É que umas coisas vêm na minha cabeça muito lentamente. Ela também era devota de Maria Féa por causa do problema do filho dela, mas ele nunca ficou bom. É a tal história, né, são coisas, às vezes, cármicas, né, que a gente tem que passar na vida, e que não adianta. No caso da minha irmã, acho que já relatei pra você, que o meu pai fez a promessa pra Nossa Senhora do Monte Serrat etc, a minha irmã operou o pulmão, ela tem metade do pulmão, a minha irmã está com 58 anos e a minha irmã nunca mais teve nada, né. [...] Então, vai de cada um, vai dela ter ficado boa ou não, eu não sei, a gente... o universo é tão grande, as coisas são tão, né, assim. A gente tá aqui agora e daqui a pouco a gente não tá mais. Então, eu não sei...

Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê?

Respeito muito, muito, muito quem tem fé, que acredita, né, porque é nisso que vai a nossa humildade. A gente não sabe os desígnios lá de cima.

Há algum outro aspecto que gostaria de falar?

Mas eu acredito em benzimento, eu acredito em olho gordo, eu acredito em criança aguada, eu acredito que erisipela, né, que é uma infecção não sei aonde, tem que ser benzida sim. Eu tive um patrão que teve erisipela e eu levava ele numa senhora que morava aqui perto, ela já faleceu, pra benzer e ele ficou bom, né. E aí ela, até, ensinou uma simpatia que me deixou quase louca naquela época, eu não tinha nem as crianças, eu era uma pessoa que gostava da noite.

Ela ensinou que ele andasse, na época não era época da fruta, sabe o nó do caju, lá, o negócio do caju, pra que ele andasse... ele tinha que comer o caju e andar com aquele nó, não é nó, sei lá como é que chama aquilo no bolso. E aí, eu fui céus e terras pra achar caju porque a época não tinha, não era época de caju. E eu fui com ele no Mercado Municipal, rodamos o Mercado Municipal parecendo dois retardados. E aí achamos um caju só, né. Aí é a tal história, é a fé, né, de encontrar e de ficar bom. Achamos um caju só e aí trouxemos, não tava, lá, uma maravilha, mas trouxemos. Ele comeu. No dia seguinte, levei ele pra benzer de novo com o raio do nó do caju, sei lá como é que chamavam. E essa mulher benzeu esse negócio e deu pra ele. Ele usou no bolso até morrer. Ele morreu de outra coisa, morreu de cana mesmo, mas ele usou e nunca mais teve nada.

Devota nº 8

Idade: 59 anos

Sexo: Feminino

Profissão: do lar

Como conheceu a devoção?

Não me lembro, fui ao cemitério, vi os milagres e comecei a rezar em intenção dele. Como sou devota das almas, como sou devota das almas, e como cheguei a conhecer o menino Onofre, coloquei ele nas minhas orações.

Chegou a conviver com o santo? Não.

Já alcançou alguma graça?

Sim, meu genro estava com dificuldades para comprar uma casa. Pedi, pedi, pedi, e, através da minha fé e da força do espírito do menino Onofre, hoje ele tem 3 casas.

O que procura quando se dirige a esse/a santo/a?

Algo que sinto que é difícil, aí recorro a ele.

Conhece a história desse santo?

Só sei que o menino Onofre é uma criança. Só sei da Maria Féa, o marido matou e colocou numa mala.

Com qual aspecto da história desse/a santo você se identifica? Por quê?

Perdi uma filha que ia fazer 2 anos devido a erro médico, morreu pequenininha como o menino Onofre.

Há alguma passagem vivida com o santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

Não sei, não tenho muito estudo, estudei até a quinta série.

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a?

Sim, minha filhinha morreu criancinha como o Menino Onofre, a Menina Condília e a Dulcineia.

Além do santo de cemitério, há um/a ou outro/a de sua devoção?

Sou filha de Yansã e de papai Oxalá.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos demais devotos?

Não. Acho que um tem que respeitar a religião do outro.

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos/as santos/as de cemitério? Sabe algum relato?

Não. Eu pedi pelo meu genro. Quando ele conseguiu, fui a uma vidraçaria, mandei fazer uma casinha e pus no túmulo dele.

Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê?

Recomendaria, dependendo da fé de cada um.

Devota n° 9

Idade? 70

Sexo? feminino

Profissão? Aposentada

Como conheceu essa devoção?

Há muitos anos em uma visita ao cemitério da Areia Branca, através de pessoas já devotas do santo que me contaram suas histórias.

Conviveu com o santo/a de cemitério? Não.

Já alcançou alguma graça? Sim.

O que procura quando se dirige a esse/a santo/a?

Oro por ele e peço muita paz.

Conhece a história desse/a santo/a?

Sim, já ouvi algumas vezes.

Com que aspecto da história desse/a santo/a você mais se identifica? Por quê?

Por ser uma criança e pelas graças alcançadas através dele.

Há alguma passagem vivida com o santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

Não

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a?

Não

Além do santo de cemitério, há um/a ou outro/a de sua devoção? Ou orixás ou guias?

Tenho devoção em outros santos católicos.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos devotos?

Não

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos/as santos/as de cemitério? Sabe de algum relato?

Conheço algumas pessoas.

Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê?

Sim, pelas graças alcançadas, recomendaria para outras pessoas.

Devota 10

Idade: 68 anos

Sexo: Feminino

Profissão: do lar e vendedora de velas.

Como conheceu essa devoção?

Sempre fui católica, as meninas falavam que acendiam vela para passar de ano. O problema era Matemática. Não fiquei trabalhando na Domus porque faço as contas de cabeça. Queria fazer Odontopediatria, mas o dinheiro não deu.

Conviveu com o santo/a de cemitério?

Não convivi com os santos

Já alcançou alguma graça?

Do Menino Onofre, sempre passava de ano em Física, Química e Matemática.

O que procura quando se dirige a esse/a santo/a?

Eu rezo pedindo paz, saúde, proteção para minha família e para afastar as pessoas ruins que ficam a meu lado.

Conhece a história desse/a santo/a?

Só sei que faz milagres.

Com qual aspecto da história desse/a santo/a você mais se identifica Por quê?

A gente sofre, mas não sofremos o tanto quanto eles. Nós sofremos e nos defendemos, eles sofrem na pureza.

Há alguma passagem vivida com o/a santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

Vem muita gente queimar vela para o Menino Onofre. Mas por causa da pandemia, a gente tem que mentir para entrar no cemitério. A gente quer entrar, sem mentir.

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a?

A gente não é eles, eles são puros.

Além do santo de cemitério, há um/a ou outro/a de sua devoção? Pode colocar orixás e guias.

São José Operário, São Judas Tadeu, Santo Expedito, São Benedito, minha madrinha Nossa Senhora da Penha.

Fui subir no ônibus, o motorista não teve culpa, eu gritei: Valha-me Nossa Senhora!! E ela me protegeu.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos demais devotos?

Por ser negra, o racismo não acabou. Se tem uma “pelinha” diferente, não se intitula negro e apoia o branco. Não compra de negros. Quem manda meus clientes é Jesus Cristo, quem me protege é Deus.

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos santos/as de cemitério? Sabe de algum relato? Sim, sei por meio da compra de velas.

Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê?

Sim, dependendo da situação.

Conheceu a dona Irinete Francisco Fernando, a vendedora de vela que deu entrevista no jornal?

Sim, mas ela não trabalha mais aqui.

O aumento de igrejas evangélicas compromete o movimento da banca?

O movimento da banca caiu porque as igrejas evangélicas se expandiram e as pessoas não vêm mais comprar velas para o ente querido, ou para o santo de cemitério, como antigamente. Afirmam que precisam de luz e a luz já têm lá, dizem que no céu. Acham que sabem tudo.

A família da entrevistada sugere que faça faculdade de Letras.

Devota nº 11

Idade:75 anos

Sexo:feminino

Profissão:Aposentada

Religião: católica

Quando começou a devoção?

Conheci essa devoção num momento de muito desespero quando minha filha com 2 anos de idade ficou internada

Quem indicou?

Através de um policial em um hospital onde minha filha estava internada devido a meningite um policial onde seu filho também se encontrava internado falou do Santo Onofre para mim, que eu pedisse que minha filha ia ficar boa e graças a Deus, Nossa Senhora Aparecida e santo Onofre alcancei a graça

Conviveu com o santo de cemitério?

Não convivi com ele não

Alcançou alguma graça?

Sim a cura de minha filha e muitas outras não á nada que eu peça que eu não alcance, tenho inúmeras graças

O que pede quando se dirige ao santo?

Procuo saúde, paz que me ajude nos desafios da vida

Conhece a história do santo de cemitério?

Sim de todas as historias que eu escuto a que mais sei é que ele morreu aguado, pediu ao pai um dinheiro para comprar um doce e o pai não deu, ouvi dizer que toda vez que o pai ia visitar o tumulo dele não conseguia entrar no cemitério pois ficava tonto, passava mau

Identifica-se com algum aspecto da história do santo de cemitério?

Por ele ter morrido muito novinho não me identifico muito porem acredito muito que a criança não pode ficar com vontade de comer algo para não ficar aguado

Já alcançou graças?

Gostaria de falar que tudo o que peço alcanço de imediato

Há algum outro santo de devoção?

Sim de vários, Nossa Senhora Aparecida, Divino Pai Eterno, Nossa Senhora Do Monte Serrat entre muitos outros

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo?

Nunca sofreu discriminação não

Conhece alguém que já recebeu alguma graça?

Sim minha filha

Recomendaria a devoção a alguém?

Sim com toda certeza

A devota agradeceu por ter tido a oportunidade de falar sobre sua devoção.

Não-devota

Idade? 69

Sexo? feminino

Profissão? Professora aposentada

Como conheceu essa devoção?

Em uma das idas ao Cemitério da Areia Branca, num dia de finados, ví uma multidão que se aglomerava em uma das campas. Me aproximei e ví que se tratava de um menino, que se chamava Onofre que operava milagres. Fiquei sabendo pelas pessoas que oravam na campa, e pelas declarações encontradas na campa.

Conviveu com o santo/a de cemitério?

Não convivi; passei a ir ao cemitério todos os anos no dia de finados.

Já alcançou alguma graça?

Pessoalmente não; mas há relato de pessoas que alcançaram e minha filha mais velha que sempre me acompanhava nas idas ao cemitério acreditava muito e agradecia quando passava de ano.

O que procura quando se dirige a esse/a santo/a?

Procuro me aproximar mais de Deus, através dele e de outros santos.

Conhece a história desse/a santo/a?

Existem poucas fontes de informação sobre a vida dele; apenas que se chamava Onofre Gonçalves, que nasceu em Itariri, município de Peruíbe, em 20/11/1950 e morreu aos 5 anos na Santa Casa de Santos em 23 de abril de 1956.

Há várias versões sobre sua morte; dentre elas estão maus tratos, leptospirose e meningite.

Com que aspecto da história desse/a santo/a você mais se identifica? Por quê?

Nenhum; porque ele era muito criança; por isso não deixou influência.

Há alguma passagem vivida com o santo/a de cemitério que gostaria de salientar?

A curiosidade da minha filha muito pequena, em saber o que estava escrito nos papéis colocados na campa.

Você viveu alguma experiência parecida com a vida desse/a santo/a?

Não.

Além do santo de cemitério, há um/a ou outro/a de sua devoção? Ou orixás ou guias?

Há muitos outros; dentre estes, sou muito devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Já sofreu alguma discriminação por rezar diante do túmulo, fazer algum ritual ou oferecer comida aos devotos?

Não, pois não faço rituais, oro com discricção.

Conhece outras pessoas que alcançaram graças por intermédio dos/as santos/as de cemitério? Sabe de algum relato?

Pessoalmente não.

Recomendaria esse/a santo/a para outras pessoas? Por quê?

Não, porque ele não é reconhecido pela igreja. A comunidade é que o considera santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Luís. Um possível chapa, Emicida lança clipe com mulheres que tiveram filhos mortos por PMs. **Ponte jornalismo**, Osasco, 31 ago. 2016. Disponível em: <<https://ponte.org/emicida-chapa/>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

ANDRADE, Solange Ramos. **Santo de Cemitério**: a devoção ao Menino da Tábua (1978-1994). Maringá: Eduem, 2015.

ARAÚJO, Rosângela; ARGOLO, Maria Marta P. Constituições de gênero das mulheres/mães negras no contexto da violência policial contra adolescentes e jovens. **Diké**: Revista Jurídica do Curso de Direito da UESC, Ilhéus, n. 2, p. 147-168, 2017.

ARRIBAS, Célia da Graça. A Doutrina Espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. In: XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: 2011, p.1-16.

AZZI, Riolando. Formação histórica do catolicismo popular brasileiro. In: SANTOS, B. Beni et al. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 44-71.

BAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. "Santos" que não são santos: estudo sobre a religiosidade brasileira. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76, 1999.

BARATA, João Medeiros. Caminhos da cobertura televisiva das ações policiais no Brasil. **Ponto e vírgula**: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, n. 9, p. 124-134, 2011.

BARROS, Marcelo Faria. O crime da mala. In: MOURA, George; ARAUJO, Flávio. **Crimes que abalaram o Brasil**. São Paulo: Globo, 2007, p. 10-49.

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia**: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BRAGON, Renier; MATTOSO, Camila. Femicídio cresce no Brasil e explode em alguns estados. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2020, Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/22/feminicidio-cresce-no-brasil-e-explode-em-alguns-estados-shtml>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRITO, Ênio José da Costa. Religiosidade indígena: resistência ao colonialismo. **ESPAÇOS**: Revista de Teologia e Cultura, s/l, v. 4, n. 1, p. 89-98, 1996.

BRITO, Gisele. Mães de Maio: a reação contra a violência do Estado. **Brasil de Fato**, São Paulo, 13 maio 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/05/13/surgido-da-dor-maes-de-maio-se-tornam-referencia-no-combate-a-violencia-do-estado>>. Acesso em: 11 jan.2021.

CAVICCHIOLI, Giorgia. Luta que vem do útero: Débora Silva é homenageada por militância das Mães de Maio. **Ponte jornalismo**, São Paulo, 07 dez. 2018. Disponível em: <https://ponte.org/luta-que-vem-do-uterio-debora-silva-e-homenageada-por-militancia-das-maes-de-maio/?_cf_chl-jschl_tk_=b6b1dd04edhb3675057e27f1c4a47ade93af7b51-jb1LaCKix5um9y0KIbb0vYdGZrdl-aMeu1Bje5j0WPrx3ESTt7xMMBaf5433x4wm0_->

AJ7GB5bpUaMj9THix1uBspL6yrC2Q5r7MarxmufwT8eh3EmkA5eUs0fhxorDFNIL>. Acesso em: 03 jan. 2021.

CORTÊS, Natacha. Débora Maria quer justiça: “Você não cria filho para ser morto pelo Estado”. **Universa**, São Paulo, 28 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/02/28debora-aprendeu-a-lutar-por-justica-depois-de-ter-o-filho-morto-pelo-estado.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

CRESSONI, Fábio Eduardo. **A demonização da alma indígena: Jesuítas e caraíbas na Terra de Santa Cruz**. 160f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2013.

DE FRANCO, Clarissa. **A cara da morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico**. Aparecida: Ideias e letras, 2010.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

Dia das Mães marca 12 anos de impunidade dos Crimes de Maio. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 14 mai. 2018. Disponível em: <<https://spbancarios.com.br/05/2018/dia-das-maes-marca-12-anos-de-impunidade-dos-crimes-de-maio>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Faltam quase 2 mil leitos na Baixada Santista. **Diário do Litoral**. 20 jan. 2013. Disponível em: <<https://www.diariodolitoral.com.br/saude/faltam-quase-2-mil-leitos-na-baixada-santista/3699/>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

FAUSTO, Boris. **O crime da Galeria Cristal: E os dois crimes da mala**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRAZ, Lucas. ‘Fazedores de santos’ do Vaticano passam décadas investigando candidatos. **TAB**. Disponível em: <<https://tab.uol.br/noticias/redacao/2020/01/21/na-fabrica-de-santos-do-vaticano-advogado-do-diabo-vira-promotor-da-fe.htm#:~:test=fazedores%20de%20santos%20passam%20decadas%20de%20investigando%20candidatos&text=S%C3%A3o%20os%20fazedores%20de%20santos,considerada%20vital%20para%20catolicismo>>. Acesso em: 14 fev. 2021

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas**. Cotia: Ateliê editorial, 2010.

FRÓES, Lucas. Entenda como as igrejas de Salvador foram construídas com muito medo do inferno. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jan. 2021, Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/01/entenda-como-as-igrejas-de-salvador-foram-construidas-com-muito-medo-do-inferno.shtml?utm_medium=social&utm_campaign=compwa>. Acesso em: 18 fev. 2021.

GERALDO, Nathália. Débora, do Mães de Maio, luta por memória: “Meu filho morreu por ser preto”. **Universa**, São Paulo, 12 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/12/debora-do-maes-de-maio-luta-por-memoria-meu-filho-morreu-por-ser-preto.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

GOMES, Silmara. **Maria Féa: o crime da mala – 1928**. Santos: Clube dos autores, 2013.

GONÇALVES, Renata. De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência do Estado. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p. 130-143, 2012.

GRAÇA, Alice Marta Belinello da. **Da casa às ruas: o movimento de mães em São Paulo**. 2014. 150f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.

HEIMER, Haroldo. **Liberdade religiosa na história e nas constituições do Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1975.

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Petrópolis: Vozes, 1979.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Santos: história e fotos**. Rio de Janeiro, 2017, v. 4.6.26. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santos/historico>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

JÚNIOR, Arnaldo Érico Huff. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. **Cadernos Ceru**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 47-70, 2008.

JÚNIOR, Lourival Andrade. **Milagreira cigana Sebinca Christo: sublimação no catolicismo não-oficial brasileiro**. Curitiba: CRV, 2021.

JUNQUEIRA, Valéria. Combate à mortalidade infantil no Brasil. **GOVE**, São Paulo, 08 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.gove.digital/outros-tematicas/combate-a-mortalidade-infantil-no-brasil>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KUCINSKI, Bernardo et al. **Bala Perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. São Paulo: Boitempo, 2015.

LEPARGNEUR, Hubert. Religiosidade popular em questão. In: SANTOS, B. Beni dos et al.. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 95-105.

LUSTOSA, Oscar de. Presença da igreja no Brasil. In: Santos, B. Beni et al.. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 24-43.

MACEDO, Bispo Edir. **Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Unipro, 2017.

MACIEL, Camila. Fundadora do Mães de Maio como transformou em luta a dor pelo assassinato. **Agência Brasil**, São Paulo, 11 mai. 2014. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-05/fundadora-da-maes-de-maio-conta-como-transformou-em-luta-dor-pelo>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

MAIA, Michelle Ferreira. **Milagreiros: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978)**. Fortaleza: Premius, 2019.

MINGARDI, Guaracy. Apresentação. In: KUCINSKI, Bernardo et al. **Bala Perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 13-18.

MONDIN, Leda. Essas crianças e seus milagres. **Tribuna de Santos**, 26 ago. 1982.

MONTES, Maria Lúcia. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira**. São Paulo: Claroenigma, 2012.

MOURA, George; ARAUJO, Flávio. **Crimes que abalaram o Brasil**. São Paulo; Globo, 2007.

Na profissão há mais de 35 anos, coveiro afirma: “Tenho medo é das contas”. **Diário do Litoral**, Santos, 01 de nov. de 2016. Disponível em <diariodolitoral.com.br/cotidiano/na-profissao-há-mais-de-35-anos-coveiro-afirma-tenho-medo-e-das/91350/>. Acesso em: 28 de jul. de 2020.

NEGRÃO, Lísias et al. **A religiosidade do povo**. São Paulo: Paulinas, 1984.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. O catolicismo do povo. In: SANTOS, B. Beni dos et al. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 72-80.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada: Ensaios de cultura popular e religião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PASSOS, Bruna; AGUIAR, Gabriel; GATTO, Gabriel. 90 anos após o crime da mala, Maria Féa permanece como devoção popular. **Medium**, s./l., 2 out. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@jornalismodigital2018/90-anos-apos-o-crime-da-mala-maria-fea-permanece-como-devoçao-popular-681fe5324ab7>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PEREIRA, José Carlos. **Interfaces do sagrado**. Aparecida: Santuário, 2011.

REIMER, Haroldo. **Liberdade religiosa na história e nas constituições do Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados: mitos é mortes no campo religioso brasileiro**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SANTOS, Jéssica. Mães de maio: luta por justiça e reparação. **Núcleo Piratininga de Comunicação**, Rio de Janeiro, 03 set. 2020. Disponível em: <<https://nucleopiratininga.org.br/movimento-maes-de-maio-luta-por-justica-e-reparacao/>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SÃO PAULO. Secretaria do Desenvolvimento Regional. **Índice Paulista de Responsabilidade Social: Região Metropolitana da Baixada Santista**, 2019. Disponível em: <efaidnbmnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.agem.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/reg680.pdf>. Acesso em 30 jun. 2022.

SILVA, Débora Maria; DARA, Danilo. Mães e familiares de vítimas do Estado: a luta autônoma de quem sente na pele a violência policial. IN. KUCINSKI, Bernardo et al. **Bala Perdida: A violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 83-90.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu: O guardião da casa do futuro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SILVARES, José Carlos. **Jornal A TRIBUNA**, 03 de outubro de 1978, p. 7.

SÜSS, Paulo Günter. **Catolicismo popular no Brasil**. Tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

VALIM, Eduardo; GOMES, Letícia; PRADO, Thaís. Mães de Maio pedem, há 13 anos, justiça para filhos vítimas de ondas de crimes. **Portal G1**, Santos, 18 mai. 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-região/educacao/noticia/2019/05/18/maes-de-maio-pedem-ha-13-anos-justica-para-filhos-vitimas-de-onda-de-crimes-ghml>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

VIEIRA, Bárbara; PINHONI, Marina; MATARAZZO, Renata. Denúncias de violência contra crianças e adolescentes caem 12% no Brasil durante a pandemia. **Portal G1**, São Paulo, 10 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/são-paulo/noticias/2020/09/10/denuncias-de-violencia-contras-criancas-e-adolescentes-caem-12-percent-no-brasil-durante-a-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

VILHENA, Maria Ângela. Os mortos estão vivos: traços da religiosidade brasileira. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, ano 4, p. 103-131, 2004.

ZAIDAN, Patrícia. Débora Silva e as Mães de Maio não tem medo da PM paulista. **Claudia**. São Paulo, 17 nov. 2016. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/debora-silva-e-as-maes-de-maio-nao-tem-medo>>

ZILLI, Ercília Pereira. A devoção a Maria de Nazaré pelos espíritas. **Revista Último Andar**. São Paulo, n. 31, p. 98-111, 2018.

Vídeos utilizados

ANDRIANI, Alice. **O misterioso crime da mala** – Podando Crimes. 2020. (28:33). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KYpErZRsf0MI&t=101>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ASSEMBLEIA DE MINAS GERAIS. **Débora da Silva, coordenadora do Independente Mães de Maio, fala sobre as vítimas da violência policial**. 2019. (25:41). Disponível em: <https://youtube.com?v=Wef2_EAqk2g>. Acesso em: 09 jan. 2021.

EMICIDA. **Chapa (videoclipe) ft** – Batucadeiras do Terreiro dos Órgãos. 2016. (7:37). Disponível em: <<https://youtube.com?v=qjFQA9MswKM>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

LEO FOGÃO. **LINHA DIRETA JUSTIÇA O crime da mala**. 2014. (25:35). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjdDPcjJ4_A&t=115s>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LER ATÉ AMANHECER. **MARIA FÉA – PORTO DE SANTOS – 1928**. 2020. (32:22). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kKbc-IH3hGl>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SÃO PAULO ANTIGA. **Aqui Agora** – O crime da mala. 2013. (2:50). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hznp5ufA9ts>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

STUDIO ZANTI. **O CRIME DA MALA** – Linha Direta – TV Globo – 2005. 2016. (38:56). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UTGjK1-00H0&t=177s>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

UNIFESP. **Especial “Eu, mulher na Unifesp”** – Do luto à luta. 2016. (6:15). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OsXAFzm6u4E>>. Acesso em: 19 jan. 2021.